CLEONICE ALEXANDRE LE BOURLEGAT

A CIDADE DE
S A L E S O P O L I S
E SUAS RELAÇÕES COM A METROPOLE

SÃO PAULO — 1978

OLEONICE ALEXANDRE LE BOURLEGAT

A CIDADE DE
SALESOPOLIS
E SUAS RELAÇÕES COM A METROPOLE

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
APRESENTADA AO DEPARTAMENTO
DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE
FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE
SÃO PAULO.

ORIENTAÇÃO - PROFESSOR DOUTOR PASQUALE PETRONE

SÃO PAULO - 1973

I N D I C E

INTRODUÇÃO:.....	1
Capítulo I - ASPECTOS EVOLUTIVOS.....	15
1 -Fatos Concernentes à Origem da Cidade.....	16
2 -O Aparecimento das Grandes Vias Extra-Regionais de Circulação.....	29
A -A Implantação das Ferrovias e a Posição de Saleópolis.....	30
B -A Era Rodoviária e o Aparecimento das Rodovias Extra-Regionais.....	33
C -A Cidade diante das Novas Modificações Ocorridas no Município Decorrentes do Aparecimento dos Grandes Eixos Viários.....	37
C.1 -A Ligação a Guararema.....	37
c.2 -O Retorno aos Antigos Contatos com Mogi das Cruzes.....	40
3 -As Interferências Metropolitanas Ocorridas após 1960.....	56
Resumo dos Traços Essenciais.....	71
Capítulo II - A VIDA DE RELAÇÕES.....	74
1 -As Relações Cidade x Campo e as Funções Urbanas de Atendimento Rural ou Especificamente Urbano.....	75
A -Função Religiosa e de Abastecimento em Mercadorias.....	76
A.1 -Os Domingos.....	78
A.2 -A Quinta de Mes.....	79
A.3 -A Festa do Divino.....	82
A.4 -Os Estabelecimentos Comerciais Locais.....	83
B -Função de Prestação de Serviços.....	96
B.1 -Serviço de Administração Pública Municipal.....	96
B.2 -Serviço de Administração Financeira...	97
B.3 -Serviço de Segurança Pública.....	98
B.4 -Serviço de Atendimento Técnico à Área Rural.....	99
B.5 -Serviço de Atendimento Sanitário.....	100
B.6 -Serviço de Atendimento Educacional....	105
B.7 -Serviços de Contabilidade Fiscal, Despachos Policiais e Advocacia.....	110
B.8 -Serviços de Luz, Comunicações e Transportes.....	111
B.9 -Pequenos Serviços Urbanos.....	115

C -As Novas Modalidades do Uso do Solo Rural e as Relações Cidade x Campo.....	120
2 -As Relações Urbanas de Salesópolis com a área Metropolitana no Desempenho de Funções Básicas.....	126
A -Serviço Cooperativo e de Expedição da Produção Rural.....	127
B -Transformação da Matéria Prima Local e Externa.....	128
B.1 -Indústria Frigorífica.....	128
B.2 -Indústria Façonista do Tricô.....	130
B.3 -Pequena Indústria de Recuperação de Sacos de Polietileno.....	136
3 -As Relações Urbanas de Salesópolis com Áreas Vizinhas do Vale do Paraíba e Litoral Paulista.....	140
4 -As Relações de Dependência com Respeito ao Abastecimento da Cidade em Serviços.....	144
A -O Suprimento Externo em Mercadorias.....	145
A.1 -O Abastecimento da População.....	145
A.2 -O Abastecimento dos Estabelecimentos Comerciais.....	148
B -A Utilização Externa de Serviços pela população.....	149
B.1 -Sanitário.....	149
B.2 -Educativo.....	150
B.3 - Outros Serviços.....	151
Resumo dos Traços Essenciais.....	152
 Capítulo III - A POPULAÇÃO URBANA.....	154
1 -O Efetivo Urbano Salesopolense.....	155
2 -Origem da População Urbana.....	159
3 -Composição da População por Idade, Sexo e Escolaridade.....	163
4 -Atividades da População.....	169
A -A População Ativa Urbana.....	169
B -Ocupações da População.....	170
B.1 -Ocupações Tradicionais da População Urbana.....	172
B.2 -Ocupações Atuais do Contingente Urbano Recém Liberado do Campo.....	174
B.3 -Ocupações da População Urbana que Recentemente Procura Empregos Fixos em Outros Centros Urbanos.....	178
C -Classificação das Atividades por Setor.....	179
5 -O Nível Sócio-econômico da População.....	186
6 -Movimento da População Urbana que Trabalha fora dos Limites Urbanos.....	190
A -Movimentos da Mão de Obra Agrícola, de Obras de Infra-Estrutura e de Conservação de Estradas.....	190

B -Movimento da População Residente com Empre	192
C -As Saídas Definitivas da População.....	194
Resumo dos Traços Essenciais.....	196
Capítulo IV - O ESPAÇO URBANO.....	198
1 -Considerações sobre o Quadro Físico de Localização do Núcleo Urbano.....	199
2 -O Sítio e a Estrutura Urbana.....	202
A -Condições Iniciais.....	202
B -Evolução da Estrutura Urbana no Espaço..	208
3 -Os Serviços Públicos de Equipamento Urbano..	232
A -Saneamento Básico.....	232
B -Asfalto.....	237
4 -As Edificações Urbanas.....	238
5 -A Organização do Espaço Urbano.....	240
A -Area Central.....	241
B -Area Residencial com Ruas Asfaltadas....	247
C -Area Residencial com Serviços de Água e (ou) Esgoto.....	248
D -Area Residencial com Arruamento e <u>E</u> letricidade.....	249
E -Area Residencial Servida Apenas de Luz Elétrica.....	251
Resumo dos Traços Essenciais.....	256
CONCLUSÃO.....	258
BIBLIOGRAFIA.....	263

A G R A D E C I M E N T O S

A todos que de qualquer forma me auxiliaram na realização deste trabalho, a minha sincera gratidão. Se a limitação de espaço não me permite a inclusão de todos, desculpem-me aqueles que aqui não relacionei. O meu reconhecimento portanto:

- à FUCMT (Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso) a quem devo o inestimável apoio financeiro ao material exigido para o término desse trabalho
- à colaboração desinteressada de alguns colegas e alunos na coleta de dados no campo.
- à pessoa do meu orientador pelo estímulo e confiança em mim depositada.
- ao auxílio voluntário de algumas pessoas que me foram caras, na apresentação de sugestões, de indicações de trabalhos, facilitando-nos a busca de informações, onde destaco os nomes de Ana Maria Marangoni e Armen Mamigonian.
- aos salesopolenses que tão compreensivelmente souberam me apoiar, representado pela pessoa já amiga de Raul Wuol.
- aos meus familiares, a minha eterna dívida.
- ao meu filho, pelo momento em que estive ausente.
- ao querido André, meu marido, que em nenhum momento deixou de me acompanhar, a quem dedico essa obra.

I N T R O D U Ç Ã O

O rápido crescimento das cidades brasileiras nas últimas décadas, não tem deixado de atrair atualmente estudiosos e autoridades administrativas na tentativa da compreensão e possível resolução de problemas ligados ao assunto. Entre elas, as grandes cidades têm sido objeto de maior atenção. Etienne Juillard, em 1961, já afirmava com autoridade que esse crescimento, embora mais recente, tem sido mais rápido que aquele ocorrido nas cidades europeias. Segundo o mesmo autor isto se deve, sem dúvida, à imigração e a fluência para a cidade de uma grande população rural incapaz de encontrar emprego onde estava e que por ela "hipnotizada", já

que a cidade pode oferecer "ao menos condições de existência sem comparação ao isolamento rural" (1). Ignácio Mourão Rangel, por outro lado, atribui como causa desse forte contingente rural despejado incessantemente sobre as cidades, um desequilíbrio sócio-econômico engendrado por uma economia que passa por um grande processo industrial, sem ter antes conhecido a reforma agrária e, que é caracterizada pela rápida desagregação do que chama de economia natural familiar(2)

Mas a expansão da grande cidade por si só já é alvo de preocupação, na medida em que processos específicos relativos à área, ou generalizados às outras concentrações urbanas, se originam e uma estruturação interna define-se, sem que se possa manter o total controle sobre fenômenos ainda não totalmente conhecidos.

Em termos de grande cidade, São Paulo, que já tomou verdadeiras proporções metropolitanas, tem apresentado um dos maiores crescimentos urbanos, considerado não só o território nacional, mas em termos mundiais. Em 1970, a área delimitada oficialmente como Grande São Paulo já concentrava 45,8% da população do Estado, e uma contínua tomada de solos periféricos que se organizam para compor ou atender essa área metropolitana vem se processando, de forma a ser essa a área brasileira que mais tem chamado a atenção dos estudiosos dos fenômenos urbanos dos nossos dias.

(1) JUILLARD, Etienne - Europa Industrial e Brasil : Dois tipos de organização do espaço periurbano - in Boletim Baiano de Geografia - nº 4 - 1961.

(2) RANGEL, Ignácio Mourão - Questão Agrária e Agricultura (inédito) 1978.

Etienne Juillard definiu o crescimento dessa área metropolitana como sendo à maneira de "mancha de óleo" (3) e Langenbuch caracterizou-lhe a estrutura como do tipo radiocêntrica, repousada nas vias de circulação e com uma alta centralização em torno da cidade de São Paulo. A partir de um espaço construído e contínuo, irradiam-se e esticam-se os "dedos" de urbanização ao longo dos eixos ferroviários, e com menor expressão ao longo das rodovias. A medida em que se distanciam do núcleo principal, interpenetram-se os espaços não urbanizados, alguns subúrbios rurais fábricas isoladas, áreas loteadas ou reservadas aos loteamentos, que se organizam em função da presença metropolitana (4).

O melhor conhecimento da periferia paulistana também se tornou, desde o início da década de 1970, um dos interesses do Laboratório de Geografia Humana, do Instituto de Geografia da USP, na tentativa da melhor percepção dos seus diferentes níveis de participação nos processos metropolitanos. O órgão, que tem atuado como auxiliar na orientação à pesquisa dos alunos de pós-graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da mesma Universidade, têm estado presen

(3) Europa Industrial e Brasil: dois tipos de organização do espaço periurbano (op. já citada a p. 2)

(4) LANGENBUCH, Juergen Richard - Estruturação da Grande São Paulo: estudo de Geografia Urbana - IBGE - Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica - R. Janeiro - 1971

te até o momento, na coordenação, programação e apoio a vários trabalhos de pesquisa desta natureza. Os mesmos têm abrangido quase sempre áreas urbanas de municípios da periferia metropolitana, a exemplo de Cotia, Embu, Santana do Parnaíba, Nazaré Paulista, já concluídos, ou Barueri, Jandira e Caieiras, em fase de conclusão, com o caráter de "áreas amostra" que conforme se pretende, serão posteriormente somados e comparados para que se chegue ao objetivo pretendido, e se perceba mais detalhadamente os fenômenos gerais e específicos a cada área. Assim, o presente estudo, a nível de mestrado, iniciado em 1971, surgiu dentro da preocupação desse mesmo contexto, com a tentativa de obedecer em vários aspectos às linhas gerais já seguidas pelos outros trabalhos, afim de permitir melhor comparação entre os mesmos. A escolha da parcela a ser compreendida recaiu sobre um daqueles modestos núcleos urbanos de uma periferia mais distante do centro irradiador de crescimento, que pré-existiam à implantação ferroviária e rodoviária atual extra-regional, e que foram apartadas desses meios de circulação. Permaneceram por muito tempo, e alguns ainda permanecem, como núcleos urbanos ainda ruralizados, como consequência dessa marginalização viária.

Em 1950, Aziz Ab'Saber já se interessara pela compreensão de uma dessas parcelas, quando estudou Santa Izabel e Arujá, e fazia referências também às tradicionais cidades serranas do médio Vale do Paraíba, assim como Piracáia, Nazaré Paulista, Joanópolis, Santa Branca e Salesópolis como áreas de pobreza e inexpressão, frutos dos

fatos de circulação (5).

Pasquale Petrone, em 1964, novamente se refere aos pequenos núcleos isolados pertencentes à periferia paulistana, que ainda conservam características nitidamente caipiras, os quais colocam-se como pertencentes ao "cinturão caipira" de São Paulo, que desde um século vem marcando a paisagem cultural dos arredores paulistanos. Atualmente, o cinturão caipira tem se tornado área pioneira do espaço urbano, "mas naturalmente sua presença vê-se preservada melhor nas áreas que permaneceram até recentemente, ou ainda permanecem relativamente isoladas".

Em 1971, Langenbuch in "Estruturação da Grande São Paulo", coloca o "cinturão caipira" como faixa concêntrica externa ao "cinturão das chácaras" que caracterizava os arredores de São Paulo em meados do século XIV, mas que até o início deste século passou a ser em parte já reorganizado e em benefício de São Paulo, durante a fase pré-metropolitana. No entanto a rede de aglomerados dessa faixa, que mais distantes da capital, ficaram apartados dos meios de circulação, ainda permanecem relativamente sem a ocorrência de fenômenos de expansão metropolitana (6).

Procuramos enfocar portanto, uma parcela dos arredores paulistanos que fôsse dotada dessas caracterís

(5) AB'SABER, Azis - "A Região de Santa Isabel" - in Anais da AGB - vol. V tomo I -1950-51 - p. 79.

(6) LANGENBUCH, Juergen R. - (op. citada p.3).

ticas, interessando-nos tentar estabelecer, se a mesma já estaria sofrendo algum processo de interferência da área metropolitana, que tipos de processos e, como, em face das características que apresentem, estaria se comportando perante as modificações que porventura existam, resultantes da presença de São Paulo.

Tendo esse objetivo em vista, a nossa escolha recaiu sobre o pequeno núcleo urbano de Salesópolis, por se enquadrar muito bem nas características acima definidas, além de se situar administrativamente na região da Grande São Paulo. Localizado, portanto, no extremo leste da região oficialmente delimitada como Grande São Paulo (fig. 1), junto as nascentes do Tietê (foto nº 1) encontra-se a 81 quilômetros da capital em linha reta a 96 quilômetros por rodovias, a ele ficou reservada a posição de ângulo interno entre os dois grandes corredores de circulação que colocam a cidade de São Paulo em contato com o Rio de Janeiro e a Baixada Santista. A relativa distância do ponto nevrálgico de irradiação, deixou-o também relativamente distante das duas passagens, ou seja, de um lado, a Estrada de Ferro Central do Brasil e a via Dutra e, de outro, a Estrada de Ferro Santos Jundiaí, a via Anchieta e atualmente a via dos Imigrantes (fig. 2). A sua comunicação com São Paulo é feita através dos meios de comunicação ferroviário e rodoviário que São Paulo mantém com Mogi das Cruzes, estendendo-se a partir daí, uma via asfaltada secundária que finaliza no próprio núcleo salesopolense. Essa única via de acesso, estreita e sinuosa, confere ao modesto conjunto urbano, uma posição de fim de rodovia. Embora o município apresente di-

FIG. 1 - LOCALIZAÇÃO DO NÚCLEO URBANO DE SALESÓPOLIS E SEU MUNICÍPIO

Foto nº 1 - A nascente do rio Tietê localizada no município de Salesópolis.

FIGURA 2

SALESOPOLIS EM RELAÇÃO AOS DOIS GRANDES EIXOS DE CIRCULAÇÃO

mensões razoavelmente grandes, do ponto de vista de área, em relação aos demais da Grande São Paulo (4,5% do total da área da Grande São Paulo), numericamente, sua população e a do pequeno conjunto que lhe pertence, figuram entre as de menor expressividade, segundo o censo de 1970, além de se incluir também entre os municípios de menor índice de população urbana (~~fig. 3~~). Uma rápida visita inicial à cidade permitiu-nos apreciar uma paisagem de núcleo urbano antigo, com uma população de um linguajar e trajar caracteristicamente caipiras.

A nossa pretensão, na elaboração da pesquisa, foi a de estudar o pequeno organismo urbano em si, como figurante de uma parcela do "cinturão caipira" dos arredores da capital, relativamente das grandes vias de circulação, e a de estabelecer e caracterizar a presença de interferências de processos metropolitanos. Nesse sentido, preocupamos a natureza, definição e em que nível se dão esses processos, assim como sua resultante nos fatos econômicos, demográficos e espaciais.

Tendo em vista esse objetivo, procedemos inicialmente, a uma excursão de reconhecimento da área objeto de estudo, com o registro cuidadoso das observações de nosso interesse. Fizemos o levantamento da planta funcional da área urbana, recrutamos e treinamos auxiliares. O levantamento permitiu-nos a obtenção inicial do número e localização das edificações urbanas por função de ocupação, subsídio importante ao preparo e aplicação dos posteriores questionários. Este reconhecimento prévio também foi importante

FIG. 03

COMUNICAÇÃO VIÁRIA DE SALESOPOLIS COM AS ÁREAS LÍMITROFES

LEGENDA

RODOVIA ASFALTADA

RODOVIA NÃO ASFALTADA

para a opção do tipo de questionamento a ser formulado e o percentual do universo a se atingir. As residências foram diferenciadas das edificações ocupadas por indústrias, comércio ou serviços através de formas geométricas diferentes adotadas para elaboração da planta funcional. Cada domicílio ganhou um número específico (tendo em vista que a numeração oficial era falha), e da mesma forma cada quadra ou setor de concentração de domicílios, tendo as denominações das ruas sido anotadas. Foram preparados formulários para aplicação domiciliar, sob a forma de interrogatórios em entrevistas diretas, de modo a obter informações sobre os domicílios e população urbana. Para a obtenção de dados nos estabelecimentos de comércio, indústria e serviços, novos formulários específicos a cada função foram preparados. A modéstia do núcleo urbano permitiu-nos uma cobertura de.... 100% do universo destes fatos pesquisados. Procuramos simplificar a forma de questionar e, em alguns casos, na medida em que não caísse em prejuízo da pesquisa (o perigo de conduzir as respostas, por exemplo), fornecemos alternativas de respostas (condições de moradia, instalações sanitárias etc), de modo a poder recrutar e treinar um pequeno pessoal local de nível ginasiano (3ª e 4ª série) que ficou à nossa disposição para a aplicação dos formulários domiciliares.

Para os estabelecimentos de comércio contamos com o auxílio de alguns companheiros de universidade, e nos de serviço e indústria pudemos realizar as inves-

tigações pessoalmente.

Na medida em que outros fenômenos de interêsse foram sendo encontrados na área, novos outros tipos de investigação foram sendo formulados e aplicados, a exemplo da feira mensal, feira dominical, tricoteiras, população que trabalha fora do núcleo urbano.

Na fase de tabulação dos dados, adotamos para o caso das respostas dos formulários de aplicação domiciliar, os mais numerosos (586 residências ocupadas), a codificação das mesmas em cartões individuais para cada domicílio de modo a permitir um melhor correlacionamento de fenômenos, já que em nenhum momento chegamos a nos utilizar de serviços de computação eletrônica. As outras informações foram tabuladas na forma rotineira e permitiram, conjuntamente às de caráter domiciliar, a obtenção de dados estatísticos e, em alguns casos, de cartas específicas.

A propósito da pesquisa de campo, ainda procedemos a entrevistas diretas feitas a populares ou representantes de entidades, ou outras pessoas previamente selecionadas que tivessem familiaridade com o assunto desejado. Estas investigações deram-se com relação aos dados mais difíceis de serem encontrados a partir das investigações diretas dos registros ou fontes documentárias. Assim com relação ao passado da cidade, por exemplo, as entrevistas orientaram-se de modo a obter através de "histórias de vida" de populares mais idosos, testemunhos vivos de determinadas etapas da evolução urbana, ou de esclarecimentos mais genéri

cos a partir de elementos familiarizados com o conhecimento do passado histórico, a exemplo de políticos, agentes estatísticos etc... Por outro lado, recorreremos a algumas firmas externas a Salesópolis, que estiveram relacionadas com os fenômenos de nosso interesse na área e, que podiam constituir fontes de informações, a exemplo das empresas relacionadas com a passagem do oleoduto, com a construção da barragem de Ponte Nova e com o plantio de eucaliptos nas redondezas da área urbana estudada.

Em alguns momentos da pesquisa, procuramos atuar como observador participante, através de uma permanência de caráter mais contínuo na cidade, a exemplo da posição de pensionista que ocupamos em algumas semanas de estadia, da participação de festas populares, folclóricas e religiosas locais. Tal postura permitiu-nos, a nosso ver, uma melhor percepção dos padrões de comportamento, nível de interesses e condições socio-econômicas da população estudada.

O registro fotográfico, por outro lado, serviu para ilustrar e melhor interpretar determinados fatos estudados, e da mesma forma, a construção e utilização de gráficos, tabelas e plantas tiveram a mesma finalidade.

Paralelamente a este trabalho, recorremos a registros e fontes documentárias em dois níveis:

- (1) Local - Foram de grande valia os documentos fornecidos pela Prefeitura Municipal (dados estatísticos, plantas da cidade e de loteamen-

tos novos, informações sobre infra-estrutura, cadastros, coletas de impostos e receitas municipais), agência IBGE de Salesópolis (existente até 1971), Cartório, Casa da Agricultura de Salesópolis, igreja, antigos jornais locais, fotos antigas da cidade e documentos particulares.

- (2) Fora do local - Arquivo do Estado e Municipal de São Paulo, Curia Metropolitana e Curia de Mogi das Cruzes, DAEE de Mogi das Cruzes e São Paulo , SAEC, SABESP, DER, DEE, IGG, IBDF Casa da Agricultura de Mogi das Cruzes, biblioteca Municipal de São Paulo, do IBGE de São Paulo, do Departamento de Geografia, da FAU, da Politécnica e IEB da USP, do Gegrar (atual Emplasa), do Ministério do Trabalho e do jornal "O Estado de São Paulo" e biblioteca da Politécnica da Universidade do Paraná.

Também foram de valia os vários estudos já elaborados que direta ou indiretamente forneceram subsídios à compreensão da área em estudo e que constam da bibliografia por nós relacionada.

Convém esclarecer que a maior parte das investigações de campo feitas na área, deram-se no ano de 1972, época em que portanto decidimos eleger como ano base da pesquisa. Entretanto, como o nosso trabalho só foi concluído em 1978, procedemos neste mesmo ano, a uma nova visi

ta à área, com a finalidade de atualização dos dados mais importantes, o que tentamos conseguir principalmente através dos órgãos competentes, simples observação ou mesmo retorno a pessoas ou estabelecimentos de serviços e indústrias, inclusive anteriormente não existentes, através dos quais pudéssemos verificar as transformações mais importantes. Essas novas informações em alguns casos farão parte do texto, ou constarão de notas de rodapé.

A apresentação do trabalho consta de quatro capítulos. Interessou-nos, num primeiro passo (capítulo I), partindo-se do princípio de que esse pequeno organismo urbano pré-existe às implantações ferroviárias e rodoviárias, estabelecer, dentro de um quadro evolutivo, o seu comportamento numa fase anterior e posterior aos fatos de circulação. Isto é, tentarmos verificar, inicialmente, os efeitos da marginalização viária. Ainda, constatados fatos ligados à presença metropolitana na área, caracterizá-los e situá-los no tempo. Esta etapa conduziu-nos à abordagem sobre as origens da cidade até a fase do aparecimento dos grandes eixos de circulação extra-regionais, e daí até a fase em que começaram a se manifestar fenômenos metropolitanos na área. Achamos oportuno este tipo de abordagem inicial, em se verificando a importância dos fatos de circulação no isolamento a que tem se submetido por longo tempo algumas áreas do cinturão caipira.

No capítulo II, a nossa preocupação foi a de estabelecer os tipos de interação que o pequeno núcleo

urbano mantém com sua área rural, com a área metropolitana e com suas áreas vizinhas, procurando perceber-se, em que medida, os fenômenos de metropolização já tem interferido no conjunto das atividades urbanas.

No capítulo III, procuramos fazer uma abordagem sobre o contingente humano do ponto de vista do efetivo, origem, composição, atividades, nível sócio econômico e mobilidade, e os efeitos que porventura estejam sofrendo em função da presença metropolitana.

Num último capítulo, procuramos tecer considerações sobre o espaço urbano (localização, sítio, estrutura, equipamento, organização do espaço), da mesma forma sempre interessando os efeitos de processos metropolitanos, na medida em que ocorrem interferências sobre os fatos estudados.

Com esse estudo esperamos contribuir não só a melhor compreensão da periferia metropolitana em seu relacionamento com a área central, somada aos outros trabalhos já existentes de mesma preocupação, objetivo que norteou toda a pesquisa, como também em fornecer subsídios a uma geografia específica da área de estudo, dentro da geografia Urbana brasileira e geral.

CAPÍTULO I

A S P E C T O S

E V O L U T I V O S

1- FATOS CONCERNENTES À ORIGEM DA

C I D A D E

Ainda que sejam raras as alusões de documentos e fontes históricas feitas às origens do núcleo urbano de Salesópolis, sabemos que, embora bastante modesta, trata-se de uma cidade já antiga, surgida em meados do século passado. No entanto, o desbravamento das terras onde ela se encontra, parece ter tido origens muito mais remotas, ligadas ao processo de expansão do povoamento a partir de São Paulo de Piratininga, na fase da mineração, quando a capitania, apesar de ter passado por um ciclo de despovoamento, ao mesmo tempo conheceu uma disseminação da população para o seu interior, através da doação de terras e a ocupação com o cultivo de roças de lavoura, criação, lavras e construção de ranchos (1).

À luz de documentos consultados, os primeiros pedidos de sesmarias na área, com o intento de estabe

(1) BRUNO, Ernani Silva - ESBOÇO DA HISTÓRIA DO POVOAMENTO EM SÃO PAULO - São Paulo - Terra e povo - 1967 - Ed. Globo - p. 7 e 8.

lecer com a família e fazer lavoura, deram-se no início do século XVIII, mais precisamente em 1700(2), feitos por sertanistas mogianos ao então donatário Marques de Cascais. E de acordo com os ditos desses documentos, devem ter sido realmente esses mogianos os primeiros a terem desbravado a área (3) o que auxilia na conclusão de que tendo em vista a posi-

(2) SESMARIAS- vol II-Publicação Oficial do Archivo do Estado de São Paulo-SP-Typographia Piratinin ga-1921-"Senhor capitão Maior. Diz o capitão Antônio Correa da Veiga morador na villa de Mogi que elle tem casa e familia e gentio para poder fazer lavouras para sua sustentação e não tem terras bastantes para fazer lavouras, e entre dois rios chamados Agemby e Paraitinga tem descoberto terras que nunca foram dadas de sesmaria, nem foram nunca possuidas por devolutas por pessoa alguma e entre os quaes dois rios quer o suplicante quatro léguas que lhe sejam dadas por devolutas, entre as quais hão de entrar umas campinas que junto delas estão, portanto//. Pede a Vossa Merce lhe faça mercê dar de sesmaria por devolutas as ditas quatro léguas de terras e as ditas campinas em nome do senhor Marquez de Cascais donatário perpétuo desta sua capitania..."(Carta de data de terras de sesmaria-23/1/ 1700 - pág. 34 a 36): "Senhor capitão-mor. Diz Antônio de Oliveira Guimarães morador em Mogi que elle tem sua mulher e familia e não tem terras bastantes para poder fazer suas lavouras para a sustentar e entre os dois rios chamados Agemby, e Paraitinga, estão terras que nunca foram dadas, nem aproveitadas por pessoa alguma, por serem descobertas pelo capitão Antônio Correa da Veiga, e nas quais e no dito logar e paragem quer o suplicante de sesmaria quatro léguas que começaram a correr aonde acaba as quatro léguas da datado dito capitão Antônio Correa da Veiga, portanto me pediu como sesmeiro e procurador bastante do senhor Marquez de Cascais lhe fizesse mercê, de sesmaria por devolutas as ditas quatro léguas mandando-lhe passar carta na forma de estylo.." (Carta de terras de sesmaria - 21/1/1700-p. 31 a 33)

(3) Atente para o que diz o documento citado no item 2 acima:"...entre os dois rios chamados Agemby, e Paraitinga, estão terras que nunca foram dadas, nem aproveitadas por pessoa alguma, por serem descobertas pelo capitão Antônio Correa da Veiga".

ção em que se encontrava a vila de Mogi das Cruzes, em relação ao acesso a área, foi sem dúvida, essa vila, o centro irradiador do desbravamento em direção à montante do Tietê. E a área povoada vem tornar-se mais tarde, o bairro do Paraitinga(4), pertencente ao território mogiano.

No entanto, o bairro do Paraitinga só passou à categoria de capela curada, sob a denominação de São José do Paraitinga, com a demarcação de suas divisas com Mogi, em 1831, ou seja, quase um século e meio depois do desbravamento da área(5). Nessa época, assistia-se, no vale do Paraíba e circunvizinhas, a uma intensificação do povoamento e urbanização, decorrentes da expansão cafeeira. Datam dessa época, por exemplo, o surgimento, nas áreas vizinhas, do patrimônio de Santa Branca(1833) e a elevação de Santa Isabel e Paraibuna à vila(1832). Mas, se o então bairro do Paraitinga pouco pode desfrutar do plantio da rubiácea, devido

(4) Parahytinga - corrupção de pira, peixe, hytinga, água clara-Manuel Eufrázio de AZEVEDO MARQUES-APONTAMENTOS HISTORICOS, GEOGRAFICOS, BIOGRAFICOS, ESTATÍSTICOS E NOTICIOSOS - vol II pág.140 - 1876) portanto rio Paraitinga quer dizer rio das Aguas Claras.

(5) LEOPOLDO E SILVA, Dom Duarte - NOTAS DE HISTORIA ECCLESIASTICA - vol II - 1937- Empreza Graphica dos Tribunaes - SP. " Havemos por bem declarar Capella Curada a de São José do Paraytinga do dittō termo de Mogy das Cruzes e será sua divisa com a ditto villa a ponte do Paraytinga pelo lado esquerdo the ganhar o pico do Serrote, seguindo dahi pelo mesmo; e pelo lado direito da ditto ponte the chegar o rio Tietê, seguindo por ell assim the onde faz barra i rio Claro..." (Provizão de Ereccão da Capela Curada de São José do Paraytinga- 25/10/1831).

a limitações climáticas(6), por outro lado, aparecia em relação a Mogi das Cruzes como porta de entrada para o litoral norte de São Paulo. A abertura de uma picada a partir daí até o porto de São Sebastião(7), ou mesmo o prolongamento a partir do próprio bairro de Paraitinga, atingindo o porto pelo caminho de Caraguatatuba, atribui-lhe a função por um certo tempo, de zona da passagem entre Mogi das Cruzes e o li-

(6) A altitude e grande pluviosidade da área criaram óbices climáticos ao plantio. As tentativas de cultivo não tiveram resultados bem sucedidos. Em 1876, AZEVEDO MARQUES (op. citada p.18 -vol. II-p. 140) demonstrou o entusiasmo dos habitantes locais pelo plantio cafeeiro "...cuja maioria dedica-se à lavoura do café e cereais, alguns a cultura do algodão", mas a Comissão Central de Estatística (Relatório apresentado ao Exmº Sr. Presidente da Província de São Paulo - SP) trouxe em 1886 os resultados desanimadores dessas tentativas, quando apontava uma produção de apenas 3.000 arrobas para Salesópolis, enquanto Jacaréí e Santa Branca apresentavam respectivamente 86.000 e 30.000 arrobas.

(7) A população salesopolense atualmente atribui a essa picada, hoje em desuso, a denominação de "picada Dória" ou então " Caminho do Sal ". No entanto, se aceitamos a primeira denominação, podemos chocar com a locação fornecida por Richard P. Monsem Jr. ("Routes over the Serra do Mar" - Rev. Geog. -IPGH-nº 58 - tomo XXXII - jan - junho- 1963 - p. 52) da via Dória que segundo ele, partia de Jacaréí, passando por Paraibuna, para depois atingir São Sebastião (entre o bairro São Francisco e São Sebastião no Ponta da Cruz). O documento de doação de terras para o rossio de São José do Paraitinga, faz referências a uma estrada litorânea que nos leva a crer seja esse caminho "...até o marco que fica no caminho"..."até o marco que fica no caminho da estrada nova que segue para a vila de São Sebastião"(~~até~~... ~~até~~... 14/4/1838

toral(8). Em decorrência, formara-se o povoado exatamente no ponto de tangência entre a picada que vinha de Mogi das Cruzes, aquela que tinha sido recentemente aberta em direção ao litoral e a que seguia em direção a Paraibuna, para daí chegar na área costeira(9). A carta de "Itinerarios das principais estradas da Provincia" elaborada em 1837 por Daniel Pedro Muller(10) já traz traçado o caminho que colocava Mogi em contato com São Sebastião e a Capela Curada de São José do Paraitinga(vide fig. nº 4). A posição ocupada entre a á

(8) ZALUAR, Augusto Emilio em 1860/61, in "Perêgrinação pela Provincia de São Paulo" - Livraria Itatiaia Editora e EDUSP- Col. Reconquista do Brasil - vol. 23 - p. 116 - quando fala sobre Mogi das Cruzes faz a seguinte citação: " A sua maior cultura é a do Café, que nos dizem ter tido ultimamente algum desenvolvimento, e os Generos Alimentícios que produz chegam para seu consumo, e não sabemos mesmo se exporta para a capital alguns visto que tanto a cana como o algodão e a aguardente procuram saída naquele mercado ou no grande centro da Corte, para onde descem os generos de exportação em bestas muares, até a cidade de Santos ou à Vila de São Sebastião, podemos supor que seja aquela de Salesópolis.

(9) Antes do aparecimento da picada em direção ao litoral, o povoado havia se concentrado a seis quilômetros rio abaixo, atualmente denominado bairro rural da Capela Nova, anteriormente, o povoado de Nossa Senhora da Ajuda. A população local costuma atribuir a mudança do povoado para o atual sitio, tendo em vista a falta d'água naquele lugar. Mas ao que tudo indica, esse antigo povoado fora também um ponto de pouso que atendia a um inexpressivo tráfego anterior existente entre Mogi e São Luiz do Paraitinga. Através da referência do documento de doação citado no item acima, podemos constatar que a picada que vinha de Mogi a Salesópolis era mais antiga do que a que partia daí em direção ao litoral.

(10) MULLER, Marechal. Daniel Pedro-Ensaio D'um Quadro Estatístico da Provincia de São Paulo-Ordenado pelas Leis Provinciais de 11/4/1836 e 10/03/1837 - Secção de Obras o "O Estado de São Paulo"- 1923 (Reedição Literal).

PARTE DA "CARTA DOS ITINERARIOS DAS PRINCIPAIS
ESTRADAS DA PROVINCIA "

Daniel Pedro Muller -1836

rea produtora de Mogi e o porto litorâneo trouxe-lhe, inicialmente, a possibilidade de poder desfrutar do papel de pouso de tropas. Os tropeiros mogianos penetravam pela picada que acompanhava o rio Tietê(11), pousavam no pequenino povoado e daí desciam a serra do Mar, diretamente pela "picada Doria" ou pelo caminho de Caraguatatuba até o porto. As condições criadas por esse sistema de relações entre Mogi e o porto, repercutiram, não só na criação como também na intensificação do processo de urbanização do pequeno núcleo então formado. Em 1838, já se dava a elevação da capela curada à freguesia e distrito de paz(12), época inclusive, das origens efetivas do conjunto urbano atual, quando foi demarcado o termo e, alguns moradores locais compraram terras e doaram-

(11) O caminho que partia de Mogi das Cruzes, fazia uma rota diferente daquele feito nos dias de hoje. Seguia paralelo ao Tietê, mas pela sua margem direita e sempre procurando distanciar-se da várzea; não local, onde o Paraitinga vem jogar suas águas, a várzea sofre um estreitamento, e era aí que os viajantes atravessavam o rio para a sua margem esquerda, já se aproximando mais dele, e passando pela Capela Nova até chegar a Salesópolis.

(12) A referida elevação de categoria à freguesia deu-se pela lei nº 17 de 28 de fevereiro de 1838. "Ficarão eretas em freguesia as Capelas Curadas de N. Senhora do Socorro no município de Bragança; de N. Senhora D'Ajuda de Itaquacetuba e São José do Parahytinga no de Mogi das Cruzes..."(art. 1º).

nas para o rossio da freguesia(13), cuja delimitação corresponde a mais ou menos onde se estende hoje o núcleo urbano. Também, logo em 1857, a exemplo de seus vizinhos Paraibuna e São Luiz do Paraitinga, São José do Paraitinga também passou à categoria de cidade(14) tendo o município se desmembrado do Mogi das Cruzes. É importante lembrar aqui, que o principal acesso ao núcleo urbano de São José do Paraitinga, do planalto, era nessa época, aquele feito a partir de Mogi das Cruzes, a quem pertencia, através de picadas difíceis que acompanhavam o vale do Tietê até suas nascentes, fato que nos faz acreditar na possibilidade de, não só a conquista, como

(13) A doação e demarcação do rossio deu-se em 14 de abril de 1838, quase dois meses após. Cópia de parte do documento de doação "...como outorgantes vendedores Antônio Martins Macedo Aranha e seus herdeiros...em presença das testemunhas adiante assinadas que são senhores e possuidores de um sítio de terras, sitas nesta freguesia de S. José do Paraitinga, do qual sítio e terras...partes de terras, como vendido tinha os senhores alferes José Luiz de Carvalho, Domingos Freire de Almeida, Aleixo de Miranda, alferes Francisco Gonçalves de Mello, pelo preço e quantia de duzentas e dez mil reis, que ao fazer desta receberam em moeda corrente deste Império, cujo terreno disseram eles outorgantes vendedores, de suas livres vontades e sem constrangimento de pessoa alguma por haverem vendido para desta freguesia e pelos aceitantes compradores me foi dito que havia comprado... este terreno para a comunidade pública e servidão tão somente para o Rucio desta freguesia para servidão pública de tirar madeira, barro, cipó, pedras, lenhas e menos para qualquer indivíduo nelas se arranjam enquanto houver terreno na quadra doada e assim também ninguém deste terreno comprado para o Rucio poderá fechar nenhuma parte dele, nem derrubar as matas virgens senão para o futuro que tudo ficará franco conforme a opinião de quem o direito pertencer..."14/4/1838.

(14) A lei nº 9 de 24 de março de 1857, criou o município com a denominação de São José do Paraitinga.

também o povoamento da área, ter-se dado, em grande parte devido às incursões de mogianos, num movimento expansionista. Esse fato é evidenciado também pela presença de nomes de famílias mogianas ligadas à origem da freguesia(15).

A atração dessa pequena circulação regional de tropas entre o planalto e o porto, durante o início do ciclo do café, conferindo a Salesópolis a função de ponto de passagem, não só foi responsável pelo aparecimento da mo- desta cidade, como também agiu inicialmente sobre seus desti- nos.

O minúsculo organismo urbano, surgido numa antiga área de sesmaria, onde existira uma pequena população vivendo de uma "economia de consumo"(16), passou a desempenhar também o papel de pequeno centro local, responsável pela coleta e comercialização de alguns produtos rurais destinados à troca (cana, milho, feijão, fumo, suínos) pela

(15) Famílias Freire, Carvalho, Miranda e Mello.

(16) CANABRAVA, Alice P. (História Econômica de São Paulo - São Paulo - Terra e Povo - Ed. Globo - p. 22 e 23) define esse tipo de denominação de exploração econômica que se deu no planalto da capitania do século XVII e meados do século XVIII como "latifúndio que se bastava a si próprio" e , o coloca como decorrente de um fenômeno de interiorização e as dificuldades de comunicação entre a serra do Mar e o litoral. "Lavouras de mandioca , de milho, de trigo, de arroz, de currais e dependências para o benefício de mandioca , compunham uma paisagem diferente, pois a exploração tinha em mira abastecer o próprio aglomerado humano, ou seja, o senhor, a sua família, os agregados e os escravos. "Era basicamente uma economia de consumo, que mantinha tênue corrente de trocas com outras áreas".

distribuição à população do campo de produtos de consumo não obtidos localmente (sal, pólvora, vinho, azeite, ferragens, tecidos). Entre os produtos comercializados, o fumo teve uma certa expressão entre a metade do século passado e início deste século (17), escoando-se pelo porto de São Sebastião e posteriormente tomando a direção dos portos carioca e santista com destino à exportação. Convém lembrar aqui, que o fumo como produto de cultivo e exportação já era importante em São Sebastião desde os séculos XVI e XVII (18), o que não escapa a possibilidade da facilidade de comunicação entre as duas áreas, ter sido motivo de estímulo ao plantio daquele produto em Salesópolis.

As ocupações da população urbana refletiam essa vida da cidade e seus vínculos com os meios de circulação e os seus arredores rurais. Além da presença daqueles elementos ocupados em serviços públicos e de atendimento local, o pequeno povoado abrigava uma população de comerciantes, pro-

(17) COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA (Relatório apresentado ao Exm^o Senhor Presidente da Província de São Paulo - CHAVES, Elias P.; JAGUARIBE Filho, Domingos J.N.; CARVALHO, Joaquim V.; PINTO, Adolpho A.; MARQUES, Aurélio S. - King - São Paulo- 1888) em 1886, apontava uma produção de 20.000 arrobas e Jorge SECKLER referia-se no ano seguinte ao crescimento da produção fumageira como consequência da boa qualidade e "preços animadores nos mercados" (Almanak da Província de São Paulo-São Paulo - 1887 - p. 579-80).

(18) Cf. FRANÇA, Ary - "A Ilha de São Sebastião" in Geografia nº 10 - Bol. 173 - FFCL - USP - São Paulo - 1954 - p. 232.

prietários de tropas, proprietários rurais e um pequeno pessoal ocupado no artesanato de transformação de alguns produtos rurais consumidos pela cidade(19).

Quantitativamente, era uma população modesta, a estilo daquelas das áreas vizinhas. Embora sem ter podido contar com dados populacionais do pequeno pouso, o número de edificações, os dados municipais da tabela nº 1 e as indicações de Daniel Pedro Muller em 1838(20) são elementos que nos auxiliaram nessa constatação. Numericamente modesta na metade do século passado, chegou, no entanto, a equiparar-se no início deste século às áreas vizinhas de Santa Branca e São Sebastião.

(19) Em 1887 o ALMANAK DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO (Jorge Seckler S. Paulo - p. 579-80) trazia como principais profissões da cidade as seguintes: alfaiates(3), barbeiros(2), carpinteiros(5), fazendas molhados e armarinhos(8), ferreiros(6), fogueteiros(3), funileiro(1), fabricante de bebidas(1), fazendas e armarinhos(3), fabricantes de fumo(11), lavradores(20), mestres de musica(1), oleiros(2), pedreiros(2), pintores(2), secos e molhados(11), sapateiros(2), selleiros(1), taapeiros(2), violeiro(1); em 1896 também o ALMANAK DO ESTADO DE SÃO PAULO (Canuto Thorman - S. Paulo- p. 624-25) fez menção de profissões como alfaiates(3), carpinteiros(5), fazendas(9), ferreiros(5), funileiros(3), hotel(1), molhados(22), oleiros(3), padeiros(3), pharmacia(1); ainda em 1909, o jornal "O POPULAR" nº 1, pertencente à cidade, indicava a existência de 9 estabelecimentos de engenhos e fábricas de aguardente no centro urbano salesopolense.

(20) Cf. Ensaio D'Um Quadro Estatístico da Província de São Paulo (op. cit. p.20) Mogi das Cruzes apresentava os seguintes distritos: "Todo o município se divide em :distrito da vila, 12 quarteirões, distrito N.S.da Escada, 7, distrito de Itaquaquecetuba, 6 e distrito de S.José do Paraitinga, 5".

TABELA NÚMERO 1

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO MUNICIPAL DE SALESÓPOLIS E DE
MUNICÍPIOS VIZINHOS

(1854 a 1900)

MUNICÍPIOS	1854	1874	1886	1900
Salesópolis	1 935	4 103	6 195	7 676
Paraibuna	7 261	12 339	11 159	16 700
Santa Branca	3 752	5 515	6 020	8 039
São Sebastião	4 101	4 712	5 132	8 161
Caraguatatuba	1 616	1 168	1 951	3 113
Mogi das Cruzes	12 551	16 579	19 454	15 694

FONTES:

(1854) - Fontes Bibliográficas das Estatísticas de população no Estado de São Paulo - Revista do Arquivo Municipal - vol. 54 - 1939 - Samuel H. LOWRIE.

(1874) - AZEVEDO MARQUES (op. cit. p.18)

(1886) - Comissão Central de Estatística (op. cit. p.24)

(1900) - Sinopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900 - Diretoria Geral De Estatística - Rio de Janeiro - 1905.

Até o final do século passado, o originário pouso de tropas já tinha ganhado algumas proporções urbanas. Com um total de 250 edificações(21), a cidade contava com alguns edifícios públicos importantes, estabelecimentos comerciais e de serviços, além das residências. Paralelo as estradas de ligação com Mogi das Cruzes e com o porto de São Sebastião, delinear-se um xadrez de ruas, que no conjunto tomavam uma forma ligeiramente triangular. Destacavam-se como prédios públicos a igreja, localizada no topo do morro e com um pátio à frente para o abrigo da população nos dias de festas e atividades religiosas, a casa do mercado, destinada a abastecer a população urbana dos produtos rurais(22), o paço da câmara, a cadeia(23), o cemitério ligado a igreja, e duas capelas(24). Os estabelecimentos comerciais e de serviços apareciam concentrados principalmente na rua XV de Novembro e

-
- (21) THORMAN, Canuto - Almanak do Estado de São Paulo - 1896 - Editora Companhia Industrial de São Paulo - São Paulo - p. 624-625.
- (22) A GAZETA DE SALLESÓPOLIS - nº 18 - de 8/4/1906, jornal local traz as mercadorias oferecidas pela casa do mercado nessa época, quando então eram acompanhados dos respectivos preços. Constava portanto de feijão, carne de porco, farinha de milho, farinha de mandioca, palmito, toucinho, banha, batatas, café, milho, rapadura e ovos.
- (23) Para o conhecimento dos edifícios públicos existentes na época, procedemos à coleta de informação oferecidas por várias fontes já citadas, entre elas: COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA(op. cit.p.... 24); MULLER, Daniel Pedro(p. 20); AZEVEDO MARQUES, Manuel E.(op. cit. p.18). Além dessas fontes ainda consultamos ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS - vol. XXX - IBGE, e alguns números do jornal "O SALLESÓPOLIS" de circulação local.
- (24) As capelas situavam-se em largos com seus respectivos nomes.

no entroncamento das duas estradas, enquanto que as residências apareciam tanto entercalando esses estabelecimentos como no restante do aglomerado. A cidade já contava também com serviços de correios e telegrafia, duas escolas públicas e a bastecimento de água, esta através da existência de seis chafarizes públicos.

Nesse período, portanto, ou seja, desde as origens até o final do século passado, quando do aparecimento das primeiras ferrovias a partir da cidade de São Paulo, a cidade de Salesópolis, nunca chegou a ter grande expressão como área urbana nos arredores paulistanos. Não chegara mesmo a passar de um modesto centro local com algumas relações externas, nesse caso, quase que inteiramente voltada a Mogi das Cruzes, centro mais importante e a quem estava ligado por via de mais fácil comunicação. A existência desse fluxo circulatório regional entre o planalto e o porto de São Sebastião parece ter se revestido de muito menor importância que aqueles outros que desde o século XVIII também ligavam o litoral norte ao vale médio do Paraíba, na rota dos quais surgiram Cunha, São Luis do Paraitinga e Paraibuna, caminhos estes que durante o ciclo do café no Vale chegaram a funcionar como importantes corredores de saída para o mar.

2- O A P A R E C I M E N T O D A S G R A N D E S V I A S E X T R A - R E G I O N A I S D E C I R C U L A Ç Ã O

As grandes radiais de circulação atuais que colocam a cidade de São Paulo em contato com os outros centros urbanos importantes, implantadas a partir do final do século passado, constituíram, sem dúvidas importantes eixos de expansão urbana para a capital paulista.

As ferrovias extra-regionais, as primeiras a surgirem no tempo, mais do que as rodovias, exerceram aquele papel, de modo a constituir as verdadeiras bases do arranjo espacial da Grande São Paulo(25). A sua passagem pelos arredores paulistanos, a partir do final do século passado, traduziu-se na reorganização espacial dessa periferia em função da metrópole, valorização de suas áreas e, ao mesmo tempo na total supremacia sobre os meios anteriores de circu

(25) LANGENBUCH, Jurgen R. em sua obra a ESTRUTURAÇÃO DA GRANDE SÃO PAULO, disserta fartamente sobre essa colocação (op. cit. p. 3).

lação aí existentes, ou sejam, os caminhos de tropas de burros, provocando uma metamorfose nos núcleos urbanos periféricos que atingiram, já que estes passaram a cristalizar um desenvolvimento local.

As rodovias de cunho extra-regional, foram implantadas com um maior atraso em relação às ferrovias. Elas só passaram a surgir por volta da década de vinte, quando o arranjo espacial urbano já havia praticamente se esboçado. O seu papel na expansão dos anteriores núcleos periféricos foram menos importantes, principalmente naqueles mais distantes, já que se tratava de um meio de comunicação com transportes menos rápidos.

A - A IMPLANTAÇÃO DAS FERROVIAS E A POSIÇÃO DE SA-

LESÓPOLIS

As ferrovias extra-regionais, com a função de unir São Paulo a outros centros mais distantes, na medida em que favoreceram os centros urbanos atingidos pelos trilhos "marginalizaram" os demais. Desta forma, a construção da estrada de ferro São Paulo Railway (Santos-Jundiaí), finalizada em 1867, e da Estrada de Ferro Central do Brasil, inaugurada na década de setenta daquele mesmo século, colocando respectivamente a capital em contato com o porto santista e

com o Rio de Janeiro, reservaram a Salesópolis, a posição de modesto núcleo na ampla área do ângulo interno formado pela implantação dessas duas ferrovias. Se Mogi das Cruzes e o Vale do Paraíba foram valorizados com a passagem dos trilhos da Central, Salesópolis tivera os mesmos destinos dos outros centros urbanos que se encontravam a meio caminho entre o Vale e o litoral norte do Estado (Paraibuna, São Luís do Paraitinga, Cunha) com respeito à posição apartada daquelas vias.

A indiscutível supremacia da estrada de ferro sobre os antigos caminhos de tropa, aliada à concorrência que passaram a representar os portos da Baixada Santista e Fluminense, contribuíram, sem dúvida para uma competição em total desfavor à circulação tropeira que ligava o planalto ao Porto de São Sebastião, em função e ao longo da qual surgira o modesto conjunto urbano salesopolense.

A modéstia com que ainda se revestia a cidade e a posição marginal que lhe ficara reservada perante a circulação extra-regional que se implantara, tirava-lhe as possibilidades de desenvolvimento e fazia a sua pequena circulação regional pré-existente perder a importância anterior.

A busca da ferrovia, portanto, tornou-se de vital importância à pequena cidade. Significava a procura de uma porta de saída para fugir do quase total isolamento, fato pelo qual se verificou uma procura pela ligação com a estação ferroviária mais próxima, no caso representada por aquela de Guararema, no vale do Paraíba. Embora o centro mogiano se revestisse de maior importância e possuísse maiores

vinculações com São Paulo do que com Guararema, a sua distância a Salesópolis ultrapassava os 40 Km, e a de Guararema-Salesópolis chegava a apenas 29 Km. Em função disso, justificase, portanto, a substituição do antigo caminho de Mogi que também poderia levar Salesópolis à ferrovia, pela abertura de um novo em direção a estação de Guararema, no início da década seguinte à inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil(26), por onde continuaram a circular as tropas de burro. Com efeito, a antiga ligação com Mogi das Cruzes, caíra em quase completo desuso. Esse abandono de caminhos ordinários em função do encurtamento de distâncias até a ferrovia e consequentemente uma captura econômica em favor do novo caminho, parece ter sido frequente às áreas não muito distante das ferrovias e apartadas das mesmas, após a implantação destas(27).

Essa reorientação da circulação destituiu como vimos, a pequena cidade de sua antiga função de passagem atribuindo-lhe uma posição, em contrapartida, de fim de linha que, como vimos anteriormente, perdura até os dias atuais.

Se comparadas àqueles caminhos transversais ao vale do Paraíba e o litoral norte paulista, que também

(26) Relatório da Província de São Paulo - 1881
Relatório Presidencial de São Paulo - 1885
Relatório à Assembleia Provincial de S. Paulo-1886

(27) Como feito, LANGENBUCH, Juergen R. op. cit. p. 3 - vide p. 103 refere-se a essas substituições de estradas por outras mais curtas em direção às estações mais próximas em várias cidades não muito distantes da ferrovia e cita como alguns exemplos Lajeado, São Bernardo, Arujá, Santana de Paraíba..

ficaram apartados destas duas estradas de ferro, poder-se-ia supor que os reflexos sobre os caminhos pré existentes que passavam por Salesópolis foram muito mais negativos, fato de demonstrado pela remodelação do fluxo circulatório na área, fato esse que não ocorreu naqueles outros. Estes foram simplesmente ultrapassados pelas novas formas de circulação, conseguindo ainda mais tarde, uma certa reativação, quando se reintegraram às vias motorizadas atuais.

B - A ERA RODOVIÁRIA E O APARECIMENTO DAS RODOVIAS

EXTRA-REGIONAIS

A implantação das rodovias extra-regionais não trouxeram por sua função e traçado, transformações radicais que viessem novamente reorientar o sistema de circulação regional, de forma a afetar a área salesopolense. A passagem no vale do Paraíba, das rodovias São Paulo-Rio e da via Dutra, assim como do caminho do Mar e da via Anchieta na Baixada Santista, colocadas no sentido quase paralelo às ferrovias, vieram, isto sim, contribuir para o aumento do fluxo circulatório nesses corredores de circulação formados em direção ao Rio de Janeiro e ao porto de Santos, e um consequente reforço à "marginalização" de Salesópolis.

As vantagens de maior rapidez de deslocamento que a estrada motorizada oferecia em relação aos caminhos de tropa, foram motivos, no entanto, de uma nova reorientação da circulação local, em termos de ligação com a estrada de ferro. Por volta de 1925, procurou-se reatar as antigas relações com Mogi das Cruzes, através da construção de uma nova ligação com aquela cidade, agora em moldes rodoviários. Se os vales do Paraitinga e Tietê já anteriormente haviam constituído verdadeiros eixos de circulação entre Salesópolis e Mogi das Cruzes, apresentavam por outro lado, melhores condições topográficas à implantação de uma via para aquele tipo de transporte e permitira o encurtamento das distâncias com São Paulo. Convém esclarecer, no entanto que se o antigo caminho havia caído no desuso, a nova rodovia muito pouco aproveitou daquele antigo leito viário.

A reabertura dessa ligação nos moldes rodoviários, veio constituir, sem dúvida, ainda uma ampliação da área circunscrita pelo domínio geográfico de influência da E. F. Central do Brasil pelas vantagens óbvias que ainda ofereciam aquelas vias em relação às segundas no contato com a capital. Estabeleceu-se assim um transporte mixto, onde pessoal e carga seguiam pela nova estrada até Mogi das Cruzes e daí quase sempre continuando por via férrea até a capital.

A pavimentação da antiga São Paulo - Rio em 1949 e a abertura da via Dutra serviram de ampliação ao corredor de circulação entre Mogi - São Paulo, facilitando o contato pela opção rodoviária. Essa nova alternativa viária,

ao que parece, interessou nessa época, também ao pequeno núcleo urbano de Salesópolis, que tentou utilizar da mesma no transporte do carvão, para o abastecimento de São Paulo e no transporte de passageiros através do estabelecimento de algumas linhas especiais de ônibus. Com efeito, baseado em referências em jornais da época, pudemos constatar a existência, no início da década de 1951, de um ônibus diário que partia de Salesópolis em direção ao largo da Concórdia em S. Paulo(28).

No entanto, a ligação rodoviária direta dos anos 50 e a anterior alternativa do transporte mixto(auto-trem) não conseguiram contribuir para a permanência e importância expressiva nos vínculos diretos com a capital. A relativa distância constituía um fator de morosidade e, por outro lado, a industrialização da área compreendida entre Mogi da Cruzes e Poá ao longo da ferrovia, iniciada na década de 1940, e expressivo crescimento urbano de Mogi, agiram no sentido da intensificação dos contatos de Salesópolis com essas áreas mais próximas.

A implantação das grandes vias de circulação irradiadas de São Paulo, como vimos, não só destituiu Salesópolis da antiga função de pouso no percurso Mogi - São Sebastião, como também marcou a área principalmente por desusos e mutações da direção dos fluxos circulatórios. Essa última consequência não permitiu a fixação dos antigos cami -

(28) Cf. "O SALLESOPOLIS" - nº 13 - ano II - Fevereiro - de 1950 e nº 31 - Ano III - Agosto de 1951.

nhos, que inclusive chegaram a cair no completo desuso(29). Isso contribuiu para que a cidade conservasse até os dias atuais uma posição de apêndice em relação as grandes vias de circulação, da qual a mesma tem tentado, desde há muito insucessadamente sair(30). O mesmo não se deu com as antigas transversais do vale do Paraíba ao litoral, que também sofreram o impacto da concorrência das grandes vias inter-regionais de comunicação daquele vale. Estes caminhos não sofreram qualquer remodelação de traçado e, atualmente se reintegraram mais facilmente aos novos meios de comunicação. A ligação São José - Caraguatatuba, por exemplo, atualmente asfaltada, tem atraindo para si praticamente todo o tráfego para o porto de São Sebastião, que outrora fora feito também por Salesópolis, devendo nos lembrar que este último permitiria um acesso mais curto.

Por outro lado, essas mutações no conjunto viário, permitiram um processo paralelo e consequente, de gradativa acentuação do caráter de "sertão" que ficou imprimida à área onde se encontra Salesópolis e que, somente mais recentemente começa a modificar-se.

(29) A antiga ligação com Guararema hoje praticamente inexistente e, a picada Dória em direção a São Sebastião só passou a ser novamente utilizada em parte a partir de 1972, quando essa antiga passagem foi escolhida para a instalação de oleoduto de Paulínea.

(30) Antigos jornais locais (GAZETA DE SALESÓPOLIS) referem-se a projetos de uma ligação rodoviária de Salesópolis com São Sebastião já em 1936, retomado e reestudado por diversas vezes por pressão local.

C - A CIDADE DIANTE DAS NOVAS MODIFICAÇÕES OCORRIDAS
NO MUNICÍPIO DECORRENTES DO APARECIMENTO DOS
GRANDES EIXOS VIÁRIOS.

Como vimos, a passagem dos grandes eixos de circulação a partir de São Paulo, decidiram no isolamento viário do modesto núcleo urbano de Salesópolis, o que repercutiu em duas tentativas locais de conexão à nova estrutura, que se implantara superando as antigas circulações regionais de tropa.

C.1 - A LIGAÇÃO A GUARAREMA

Inicialmente, a busca da ferrovia pelas tropas de burro e mais tarde, pelos carros de boi, em direção a Guararema, não parece ter contribuído muito para a saída do isolamento a que se pretendia.

Embora a cidade tenha procurado o caminho mais curto até a ferrovia, a travessia dos terrenos elevados e acidentados dos divisores da bacia do Tietê e Paraíba, conjugados àquele sistema de transporte arcaico, constituíam sérios problemas a serem superados.

Destituída das suas antigas funções de passagem, ligadas ao anterior sistema viário de tropas, a cidade viu também o escoamento de seu fumo feito pelo litoral de São Sebastião, diminuir em importância. Com efeito, em 1910

(cf. Serviço de Inspeção e Despesas Agrícolas no Estado de São Paulo) a produção de fumo decresceu para 10.000 arrobas, a metade da produção apresentada em 1886 (vide p. 24). Em..... 1915-16 Marcelo Piza (Os Municípios de São Paulo-Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas - 1924 - p. 214) apontou uma produção de apenas 6.000 arrobas e os dados econômicos posteriores encontrados referem-se a quantidades inexpressivas de produção ao fumo. Note-se que a exportação desse produto era feita em grande parte por Santos, através do porto de São Sebastião com quem mantinha contatos. No início do século, o café, cuja produção especulativa já tinha se expandido intensamente pelo interior do Estado substituiu os anteriores produtos de exportação do Porto Santista. Por outro lado, o arcaísmo dos modos de cultivo e a rentabilidade comprometida não permitia a área a competição com as novas áreas produtoras que surgiam visando a produção industrial. .

À exemplo do que acontecera com vários outros lugares dos arredores paulistanos, a prática da cultura itinerante com plantações cablocas ganhou forças no início do século, restaurando a antiga economia de consumo com eventuais excedentes para a comercialização. À Guararema eram enviadas, como mercadoria de troca, os poucos excedentes dos produtos caipiras que, a cidade conseguia coletar dos campos, através de um já reduzido volume de tropas do próprio município e, mais tarde, de carros de boi(31), que traziam de vol-

31) Conforme relatos feitos de alguns antigos tropeiros da cidade a quem foram feitas entrevistas, o carro de boi foi o tipo de transporte que se seguiu as tropas no caminho de Guararema.

ta, os produtos básicos não produzidos localmente(32).

A visita de mascates árabes, regionalmente conhecidos como "cometas", vinha complementar o abastecimento da pequena cidade.

A população municipal, segundo consta alguns dados de 1900 e 1920(33) que apontavam respectivamente... 7.675 habitantes e 7.426 habitantes e o relato atual de alguns antigos habitantes a respeito da saída de várias famílias para outros municípios vizinhos do vale, deve ter efetivamente regredido. Embora sem ter podido contar com dados de população urbana, supõe-se que o mesmo destino lhe foi reservado. À luz de dados obtidos, o pequeno conjunto urbano permaneceu, nesse período, composto principalmente das antigas residências, edifícios públicos e estabelecimentos comerciais e alguns industriais que já faziam parte da paisagem anterior do século passado, tendo sido poucas as edificações e melhorias acrescentadas. Neste sentido, a melhoria pública mais importante foi a substituição dos antigos lampeões a querosene pela luz elétrica já em 1912, com a inauguração pela Companhia Força, Luz e Norte de São Paulo de

(32) De acordo com as informações coletadas pelo Ministério da Agricultura Indústria e Comércio - Serviço de Inspenção e Defesas Agrícolas - entre abril de 1910 a janeiro de 1912 - as exportações do município constavam de fumo, aguardente, feijão, farinha de mandioca, crias etc; e as importações de fazendas, ferragens, açúcar, sal etc.

(33) Os dados demográficos foram obtidos a partir da SINOPSE DO RECFENSEAMENTO de 31 de dezembro de 1900 - Diretoria Geral de Estatística - R.J. - 1905 e RECFENSEAMENTO DO BRASIL - Diretoria Geral de Estatística - R.J. - realizado em setembro de 1920.

uma usina no município, cujo objetivo principal tinha sido o aproveitamento de uma queda existente no rio Tietê, para o fornecimento de energia elétrica a Mogi das Cruzes. Além disso, a cidade usufruiu apenas da construção de um novo mercado e nova igreja(1911), além da instalação da Coletoria Estadual(1915).

C.2 - O RETORNO AOS ANTIGOS CONTATOS COM MOGI DAS CRUZES

As profundas marcas negativas que a marginalização trouxe à economia do município salesopolense, foram fatores de grande importância no impulso das autoridades públicas a lutarem pelo aparecimento da via de transportes motorizados em direção a Mogi das Cruzes na era das rodovias.

Com efeito, já em meados da década de 1920 a antiga comunicação, agora nos moldes modernos, estava reatada, permitindo uma reabertura à economia municipal.

Provavelmente à semelhança do vizinho município de Mogi das Cruzes, onde já se definia, nessa época, a hortifruticultura, visando o abastecimento paulistano e carioca, o município salesopolense tinha tentado o cultivo de um produto que fugia aos padrões da tradicional agricultura caipira, e que ele anteriormente desconhecia: a batatinha. Essa diversificação ocorrida numa agricultura com tradições caboclas e inicialmente cultivada por elementos caipiras, foi um fato pouco comum nos arredores paulistanos. Ao que parece, a necessidade de encontrar uma nova opção comercial e a presença local de um clérigo europeu, conhecedor das

técnicas de cultivo que procedeu ao estímulo e ensino dos modos de cultivo aos habitantes locais(34), foram fatores decisivos no aparecimento inicial daquela produção entre 1915 - 20 (vide foto nº 2). A presença na década seguinte, de alguns imigrantes espanhóis, descolocados de Sabaúna, na condição de arrendatários, foi a responsável pelo posterior incremento da produção que se prolongou até as décadas de 1950-60. Após a reabertura das comunicações com Mogi da Cruzes, o município procurou os canais mogianos para a colocação nos mercados paulistanos e cariocas, já que inicialmente chegara a se utilizar do acesso a Guararema.

A presença da nova estrada permitiu, até certo ponto, que a economia municipal passasse a se relacionar com as novas modificações que vinha ocorrendo na área mogiana, como algumas áreas ao longo da ferrovia em direção a São Paulo e, até mesmo com a área do porto santista.

Com efeito, como continuidade ao processo de instalação de colonos japoneses em Mogi das Cruzes na década de 1930, a área limítrofe ao município de Biritiba-Mirim, contíguo àquele município abrigou em 1946 tres famílias japonesas com o intuito inicial da produção de alface. Após sete anos a área já contava com quinze famílias praticando o cul-

(34) O jornal "O SALLESÓPOLIS" (in "Jubileu Sacerdotal" - out. 1954 - nº 69 - p. 1) refere-se ao padre Manoel Azevedo Lima, como clérigo português que havia se estabelecido em Salesópolis desde 1914 e como elemento que havia adquirido uma chácara onde desenvolvia atividades ligadas ao ensino de plantio da batatinha.

Foto nº 2 - Uma foto do padre Manoel Azevedo Lima, em 1938, na chácara que utilizava como local de ensino ao cultivo da batatinha.

TABELA NÚMERO 2

MUNICÍPIO DE SALESÓPOLIS

PRODUÇÃO DE BATATA INGLESA - (1940 - 1970)

(em toneladas)

Ano	1940	1950	1954	1960	1970
Produção.	550	1.178	5.184	4.479	970

Fonte: 1940-1950-1960-1970:Censo Agrícola-IBGE
1954 - Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - IBGE.

tivo de outros produtos hortícolas e a granjicultura(35).

Outrossim, a abertura da estrada permitiu que o município, viesse na década de 1940, dar continuidade ao processo de devastação de matas, já iniciado desde o final do século passado nas cercanias da ferrovia(36), com o objetivo da obtenção do carvão. Convém lembrar que a II Guerra Mundial, e a crise de energia, da qual decorreu a procura do carvão vegetal, foi um fato que interessou não só Salesópolis, como a todos os arredores de São Paulo. No entanto, a instalação da Mineração Geral de Mogi, em 1947, não só provocou o incremento dessa devastação, como a maior atenção ao atendimento desse novo consumo industrial.

Ao quase desaparecimento das matas, seguiu-se na década de 1950, o plantio do eucalipto para a obtenção do carvão. No entanto, a presença da Companhia Suzano de Papel e Celulose S.A em 1949 em Suzano, e as possibilidades de fornecimento da lenha sem posterior transformação, ao que parece, permitiram o início da inscrição na paisagem de

(35) "Foi a 22 de março de 1946, que aqui chegaram os srs. Quimotomo, Otomo e Shiguetome, os quais adquiriram pequenas glebas de terras de propriedade do falecido Cristóvão Bacca. Hoje, quando sete anos se passaram, já floresce uma progressiva colônia, com mais de 15 famílias". O SALLESÓPOLIS - maio de 1953 - ano V - nº 52 p. 4 .

(36) A Comissão Central de Estatística, (op.cit. p. 24- vide p. 417) informa sobre a exploração madeireira em 1888 nas matas nas acompanhavam a serra do Mar da estação do Rio Grande da ferrovia inglesa até as divisas de S. José do Paraitinga.

um reflorestamento, visando a obtenção da lenha, no início da década de 1950, mas que só passou a se disseminar com maior intensidade nas décadas posteriores. Note-se que em 1955, a Papel Simão S.A, instalou-se em Jacareí e a Mineração Geral de Mogi abandonou posteriormente o abastecimento de carvão vegetal.

Em meados da década de 1940, a cidade passou a abrigar uma atividade de transformação da fibra da tabua em envoltórios de banana destinada à exportação, "AR-PAL" - Artefatos de Palha Ltda. A fabricação deste tipo de embalagem de esteira a partir da fibra da tabua, tinha se tornado muito comum no litoral devido à abundância desta planta nativa nessa área, fato inclusive que explica também o importante artesanato de palha no litoral norte(Caraguatatuba , Ubatuba). O início dessa atividade em Salesópolis deu-se pelo mesmo motivo, ou seja, a abundância da tabua nativa, quando um antigo fabricante de S. Vicente viu esgotar essa matéria prima na área e se deslocou para Guararema e depois Salesópolis, utilizando-se da estrada de Mogi para posteriormente atingir aquele porto.

Por outro lado, a presença de algumas várzeas no município, a relativa proximidade e o acesso facilitado à capital, permitiu também, que no final da década de 1940, um antigo administrador de áreas de cultivo de Fórmio em Pilar do Sul(37), passasse a ocupar áreas de várzea ao

(37) Esse elemento saíra da área, pelo fato da mesma ter sido adquirida pela São Paulo Alpargatas S.A na época.

ao longo do rio Paraitinga em Salesópolis, para proceder por conta própria, ao plantio daquele produto, visando a obtenção da fibra(vide foto nº 3), como matéria prima a ser adquirida pela São Paulo Alpargatas S.A.(38)

Se bem notamos, após o retorno dos contatos viários de Salesópolis com Mogi das Cruzes, na época dos transportes motorizados, já passou a ocorrer a introdução, embora em pequena escala de uma certa diversidade de produção agrícolas comerciais relacionadas com o crescimento da cidade de São Paulo e com a presença industrial que se fez ao longo da Central do Brasil e da qual Salesópolis não se viu muito distante. Por outro lado, decorrente de um extravasamento do processo de intensificação da Bacia Leiteira do Vale do Paraíba em expansão, áreas limítrofes de Salesópolis passaram a sofrer esse processo de ocupação, a partir da década de 1950. E, a pequena atividade de coleta e beneficiamento de tabua fez-se relacionar com a proximidade do porto Santista exportador, aproveitando-se dos acessos que essa baixada mantém com Mogi das Cruzes.

No entanto, essas produções comerciais a pareciam até o final da década de 1950, ainda muito pontuais e isoladas. A área ainda preservava o caráter de "sertão" dos arredores de São Paulo, com a predominância de uma paisagem que resguardava uma utilização do solo feita nos

(38) Em 1950, o município contava, segundo censo agrícola do IBGE, com 300.000 pés de fôrmoio.

Foto nº 3 - A sociedade Agrícola de Fibra Tenax
na década de 1950.

moldes de uma cultura ainda tipicamente caipira. A intensa devastação das matas tinha atuado no sentido de apressar a pauperrização porque vinha passando aqueles solos já naturalmente pobres para a agricultura e, submetidos, desde há muito, ao emprego de técnicas predatórias. Enquanto as "roças" ainda se inscreviam como uma constante na paisagem, uma ocupação em forma de pecuária extensiva de corte, em áreas degradadas, passava a ocorrer, e com maior intensidade, a partir da década de 1950 (vide tabela nº 3).

A cidade continuou a ser, por excelência, o centro religioso e de prestações de serviços à zona rural. A substituição constante das áreas de lavouras tradicionais pelas de pastagens e em parte pelas novas produções comerciais, passou a repercutir na diminuição da oferta de mantimentos" da área rural à cidade. Por outro lado, o núcleo urbano pouco usufruía em termos de funções, nas relações com os novos tipos de ocupação do solo rural voltados ao atendimento de áreas externas, já que não era incomum surgirem sob o manuseio de elementos e de canais alienígenas. A presença de uma pequena cooperativa de comercialização(39) criada desde 1949, inicialmente para dar atendimento aos produtores de carvão e batatinha e, mais tarde para os produtores de lenha e, por outro lado, a industrialização da tabua e o transporte de lenha constituíam, no entan-

(39) A denominação inicial era "Cooperativa dos Produtores de Carvão e Lenha de Salesópolis" e posteriormente passou a "Cooperativa Agrícola Mista de Salesópolis".

TABELA Nº 3

MUNICÍPIO DE SALESÓPOLISEVOLUÇÃO DO NÚMERO DE BOVINOS E ÁREAS DE PAS-
TAGENS

Anos	Bovinos(cabeças)	Pastagens (ha)
1905	427	1.197
1922	1.327	3.615
1940	743	1.831
1950	2.837	5.495
1960	6.926	8.662
1970	7.438	12.523*
1975	8.933	-

FONTE: 1905 - "Estatística Agrícola e Zootécnica" - Secretaria da Agricultura Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo.

1922 - Os municípios de São Paulo - Marcelo Piza - Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo - 1924

1940 - 1950-1960-1970 - Censos Agrícolas - IBGE

1975 - Sinopse Preliminar do Censo Agropecuário-IBGE

* - O dado corresponde ao ano de 1972 - conforme cadastro da Casa da Agricultura de Salesópolis.

to, na década de 1950, o papel desempenhado pela cidade com relação aos produtores rurais de comercialização. Os contatos com a cidade de Mogi das Cruzes, centro urbano importante mais próximo eram facilitados pela ligação através dos meios de transporte rodoviário. Com ela, Salesópolis mantinha uma maior intensidade de relações, principalmente no que se dizia respeito à prestação de serviços e abastecimento em mercadorias.

A expansão das áreas de pastagens naturalmente exigindo menos mão de obra, a constante pauperrização dos solos agrícolas e, a introdução do cultivo de produções comerciais por elementos vindos de fora, na condição de compradores ou arrendatários de terras, de certo modo afastando os proprietários originais de suas áreas agrícolas, repercutiram no deslocamento de população rural para a cidade, a partir do final da década de 1940 e início de 1950. Esse exodo rural interessou de perto o modesto núcleo urbano de Salesópolis já que foi em função dessa migração que a cidade começou a passar por um processo de urbanização.

O aumento da população urbana e da área edificada, e, uma certa preocupação com o embelezamento urbano atestam essa urbanização. Com efeito, se os acréscimos populacionais da população urbana nos anos 1934/40 e 1940/50 foram respectivamente de 9,4% e 25,4%, nos anos.... 1950/60 chegaram a 47,8 %. A carta de evolução urbana (vide cap. II) e a multiplicação sensível dos domicílios urbanos a partir dos anos 40 confirmam a expansão urbana havida. Por outro lado, assistimos, nessa época, à instalação do Posto

TABELA NÚMERO 4

MUNICÍPIO DE SALESÓPOLIS

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO (1920 - 1960)

	1920	1934	1940	1950	1960
Municipal	7.426	6.447	7.739	8.720	9.130
Rural	-	5.549	6.446	7.550	7.401
Urbana	-	853	933	1.170	1.729

FONTES: 1920 - Recenseamento do Brasil - Diretoria Ge-

1934 - Recenseamento Demographico, Escolar e Agrícola - Zootechnico do Estado de São Paulo - Comissão Central do Recenseamento - Secretária de Estado dos Negócios da Agricultura, Industria e Commercio - Secretária de Estado dos Negócios da Educação e Saúde.

1940 - 1950 - 1960 - Censos Demográficos do IBGE

de Assistência Médico-Sanitário(1948), da agência bancária - -Banco Nacional da Cidade de São Paulo S.A.(1954), do novo prédio do grupo escolar(1953), que aparece na foto nº 6, do cine Recreio(1952) e mais tarde do cine Jardim(1954), de novo correio(1950), do início da construção da Santa Casa(1954) e do término da igreja matriz(1948), e do início da construção da praça(vide foto nº 4). Até o final da década de 1950, o pequeno organismo urbano já contava com serviço de canalização de esgoto. Um posto telefônico municipal permitindo ligações com a vizinha cidade de Santa Branca instalara-se também desde 1949. Os logradouros sofreram aterros e aplainamentos e mesmo apedregulhamentos em meados da década de 1940 e, no lugar do antigo pátio da igreja, surgiu no início de 1950 a construção de uma praça pública ajardinada que ganhou conjuntamente um coreto e uma corporação musical. Nesse período, a população da cidade passou a contar também com um clube esportivo, a Sociedade Esportiva Salesopolense, uma sociedade beneficente, a Associação São Vicente de Paula e com a biblioteca Guilherme de Almeida.

Embora, a cidade começasse a passar pelo processo de urbanização, o poder aquisitivo pouco elevado da população e a presença de uma clientela relativamente pouco numerosa, não haviam permitido a manutenção de um comércio local permanente de expressão. Parece que, em decorrência da fragilidade do comércio da cidade e de um estágio mais avançado de urbanização, e que pudemos explicar a introdução de uma feira mensal por iniciativa de feirantes de São Paulo, a partir da década de 1950. Assim, o local do antigo "mercado

da barganha", realizado em todas as quintas feiras de cada mês, após as manifestações religiosas dedicadas ao Santíssimo Sacramento, de caráter local(40), foi aos poucos sendo substituída pela presença da feira de origem paulistana, hoje denominada "feira de quinta de mês". Os tipos de mercadorias ofertadas(roupas e calçados principalmente) denotam que a mesma veio também substituir o antigo comércio ambulante realizado pela constante entrada de "mascates" na área e atualmente inexistente.

- (40) As festividades do "dia do Santíssimo Sacramento" foi, segundo relatos da população local, introduzida regionalmente(não há precisão de data)por um bispo de Taubaté e, são realizadas em toda primeira quinta feira de cada mês. Após a missa cantada e a realização de uma procissão, as ofertas da população em pagamento de promessas eram leiloadas em praça pública. E aos poucos a população local se aproveitou dessas aglomerações para realizar trocas, negócios(mercado da Barganha)

Foto nº 6 - O grupo escolar de Salesópolis em 1945 que ocupava as atuais instalações da Prefeitura.

Foto nº 7 - E os formandos de 1942, onde aparece em primeiro plano, da esquerda para a direita o diretor Edson de Freitas Ramalho e o professor José Heitor Caruso

Foto nº 4 - A igreja ma-
triz e início da cons-
trução da praça de 1950

Foto nº 5 - O edifício da cadeia velha em....
1942, utilizada para a habitação de indigen-
tes.

3 - AS INTERFERÊNCIAS METROPOLITANAS OCCORRIDAS APÓS 1960

O acelerado crescimento urbano de São Paulo utilizando as ferrovias e secundariamente as rodovias como eixos de expansão, através de uma multiplicação progressiva de indústrias, habitações e atividades diversas, tem se dado por meio de ocupações sucessivas das áreas periféricas. Enquanto uma compactação de área edificada tem avançado do centro para a periferia, esse núcleo central de caráter monopolar tem promovido, em função de si mesmo e como consequência do seu próprio crescimento, a reorganização dos espaços mais afastados. Os subúrbios mais próximos tem sido absorvidos por conurbação e a seguir novos subúrbios passaram a se formar ou antigos núcleos passaram a se ampliar, para em seguida passarem pelo mesmo processo daqueles primeiros. Nesse processo contínuo de tomadas sucessivas do solo e de absorções de área edificada, novas áreas tem sido constantemente valorizadas e reorganizadas em função da metrópole, envolvendo interferências locais nos fatos demográficos e nas relações entre a população e o espaço. Assim, fenômenos com valorizações imobiliárias, novos tipos de utilização do solo, multiplicação de residências ou de vias de circulação e toda a

infra-estrutura, assim como a movimentação da população em busca de trabalho tem sido atribuído às interferências da metrópole.

Tendo sido as vias de circulação os eixos de urbanização em forma de tentáculos, os vazios representados pelos inter-eixos tem sido as áreas de urbanização mais tardia, em especial as mais distantes do centro de irradiação.

No entanto, relacionada com uma multiplicação sempre constante de edificações e áreas industriais, a ampliação de obras de infra estrutura da área metropolitana, tais como, abastecimento d'água e energia elétrica saneamento, construção de novas vias de circulação, oleodutos , aeroportos; a procura cada vez maior de recursos alimentícios e matéria prima industrial, tem provocado um dinamismo constantes de tomadas sucessivas dos solos periféricos, atingindo num processo centrífugo aquelas áreas dos inter-eixos de circulação e até mesmo áreas mais distantes.

Muitos dos pequenos núcleos pré-existent à metropolização que marginalizados dos grandes tentáculos de expansão urbana, permaneceram vivendo basicamente de prestações de serviços às zonas rurais contíguas, parecem começar a servir de palco a um processo embrionário de interferências metropolitanas, que os tem tocado diretamente ou indiretamente através das áreas rurais limítrofes.

Em Salesópolis, a presença metropolitana fez se sentir com maior intensidade a partir da década de...

1960. Tratam-se de interferências interessando principalmente o atendimento da metrópole paulista, decorrentes sem dúvida desse seu acelerado crescimento urbano.

A tomada dos solos salesopolenses por obras de infra-estrutura e por modos de produção "capitalista" que passaram a ocorrer principalmente a partir da década de 1960, relacionadas com a metrópole, começam a repercutir no aumento de relações entre as duas áreas.

Assim, o município de Salesópolis já chegou a ser tocado pelo extravasamento espacial de áreas próximas especializadas em produções voltadas à metrópole paulista e mesmo carioca, como são do lado de Mogi das Cruzes o cultivo hortifrutigranjeiro e do lado do Vale do Paraíba a pecuária leiteira. As áreas rurais salesopolenses contíguas a Biritiba-Mirim e Santa Branca começam a constituir prolongamentos do uso do solo das mesmas.

O cultivo hortifrutigranjeiro levado a efeito por imigrantes japoneses (atualmente 80 famílias em propriedades de 1 a 10 hectares), como nos referimos na página 43, já existe em Salesópolis desde 1946. Mas foi a partir da década de 1960 que as produções foram efetivamente ampliadas e diversificadas, passando a constituir um verdadeiro apêndice da expansão hortifrutigranjeira mogiana que se prolongou pelo município de Biritiba-Mirim. O aumento de algumas produções na área, típica desse tipo de exploração, podem nos servir como índices no crescimento do cultivo hor-

tigranjeiro(41), como nos mostra a tabela número 5.

A presença da atividade criatória de gado leiteiro próxima aos limites de Santa Branca, iniciada na década de 1950, constituiu, por outro lado, um extravasamento ocupacional daquele município. As tabelas número 6 e 7 permitem-nos averiguar um aumento mais apreciável dessa atividade a partir da década de 1960. Note-se que o escoamento das produções hortifrutigranjeiras e leiteiras dão-se respectivamente por Mogi das Cruzes e Santa Branca.

Esse fenômeno de expansão ocupacional a partir daquelas áreas especializadas em produções comerciais, segundo pudemos constatar, no nosso retorno a Salesópolis em 1978, tende a se intensificar. Não só as áreas ocupadas e as produções haviam sido ampliadas, como começava a se verificar a presença de alguns poucos arrendatários no Vale do Paraíba, no aproveitamento de várzeas para a cultura de arroz irrigado e forragem para gado e, das meias encostas para a criação de gado leiteiro. Da mesma forma dava-se a presença de alguns arrendatários de Mogi das Cruzes para o plantio da batatinha em rotação com repólho.

As áreas rurais do município salesopolense começam, por outro lado, a interessar à área metropolitana, na medida em que, na condição de áreas livres e ainda

(41) Entrevistas feitas com proprietários residentes na área e com autoridades municipais, auxiliaram-nos na constatação do aumento da área e da produção a que nos referimos.

MUNICÍPIO DE SALESÓPOLISACRÉSCIMOS NA PRODUÇÃO DE ALGUNS PRODUTOS HORTIGRANJEIROS

	1950	1960	1970
Alface *	88	433	1.296
Cenoura *	-	178	2.226
Couve-flor *	-	3	233

FONTE: Censos Agrícolas do IBGE

* - produção em toneladas

TABELA NÚMERO 6

LEITE RECOLHIDO DO MUNICÍPIO DE SALESÓPOLIS PELA COOPERATI-
VA DE SANTA BRANCA

(1952 - 1967)

ANO	FORNECEDORES	LITROS DE LEITE
1952	11	34.503
1953	13	96.673
1954	14	132.369
1955	16	137.486
1956	21	197.959
1957	26	308.296
1958	36	414.052
1959	37	403.373
1960	42	440.881
1961	41	441.232
1962	57	468.290
1963	80	540.489
1964	93	867.464
1965	102	982.708
1966	118	1.218.162
1967	129	1.461.603

FONTE: Cooperativa de Leite de Santa Branca.

TABELA NÚMERO 7

PRODUÇÃO DE LEITE-MUNICÍPIO DE SALESÓPOLIS

(1950 a 1970)

Anos	Vacas ordenhadas	Hectolitros de leite
1950	197	871
1960	856	6.161
1970	1.690	11.720

FONTE: Censos Agrícolas - IBGE

pouco aproveitadas, passam a constituir áreas de fornecimento de matéria prima. Nesse sentido, a constante tomada de solos por reflorestamentos, tem sido a forma de ocupação mais expressiva(vide tabelas nºs. 8 e 9).

Os reflorestamentos iniciais, como nos referimos na página 45, tiveram inicialmente a finalidade da obtenção do carvão. O aproveitamento para a lenha começou a se verificar com a instalação das indústrias de papel em Suzano e Jacareí, estimulando o plantio por parte dos proprietários rurais locais. No entanto, a aptidão que essas áreas úmidas de morros acidentados e solos pobres mostram ao reflorestamento, a proximidade relativa de São Paulo, aliadas aos atuais incentivos fiscais e ao asfaltamento da via de ligação Salesópolis - Mogi das Cruzes em 1960 - 63, tem-se tornando motivos para o aparecimento de alguns reflorestamentos levados a efeito por algumas firmas externas diretamente interessadas. Em 1972, registraram-se na área, a presença de propriedades destinadas ao reflorestamento pertencente a Companhia Suzano de Papel e Celulose S.A, Companhia Agro-Florestal Paulista(essas duas são do grupo Suzanojeffer) e Companhia Fiat Lux, que somavam 2.141,6 hectares. Em 1966, a Indústria Reunidas Irmãos Spina S.A, tivera sua propriedade totalmente desapropriada em favor das obras da barragem de Ponte Nova. Em 1972, as matas reflorestadas(42) representavam 11,2%(3.164,74 hectares) da área rural total do município de Salesópolis e a tabela nº 5 permite-nos apreciar a e-

(42) cf. cadastro da Casa da Agricultura de Salesópolis.

TABELA NÚMERO 8

MUNICÍPIO DE SALESÓPOLISÁREAS REFLORESTADAS (1950 - 1972)

em hectares

ANOS	1950	1960	1972
ÁREA	455	1.320	3.164

FONTE: 1950 - 1960 - Censos Agrícolas - IBGE

1972 - Cadastro da Casa da Agricultura de Salesópolis.

TABELA NÚMERO 9

EUCALIPTO NO MUNICÍPIO DE SALESÓPOLIS E MUNCÍPIOS VIZI
NHOS - 1970

Municípios	Nº de infor- mantes	Árvores abatidas	Árvores existentes
Salesópolis	210	931.000	6.623.000
Guararema	33	1.051.000	3.349.000
Paraibuna	65	111.000	6.298.000
Santa Branca	17	42.000	1.072.000
Biritiba-Mirim	98	602.000	4.700.000
Mogi das Cruzes	321	2.425.000	14.068.000

FONTE: Censo Agrícola - IBGE - 1970

volução do plantio mais expressivo a partir da década de.... 1960.

Por outro lado, a presença da argila refratária no município explica os 117,8 hectares na área pertencente à Indústria Brasileira de Artigos Refratários S.A., instalada em Mogi das Cruzes.

A produção do fôrmio levada a efeito na área desde o final da década de 1940, visando inicialmente o atendimento em fibra à São Paulo Alpargatas S.A (vide p.45) sucedeu-se na própria área rural de plantio, a instalação em 1969, de uma pequena unidade industrial para tecelagem, voltando-se também ao atendimento de tapeçarias da área metropolitana.

Algumas recentes manifestações de caráter industrial dentro do município também se relacionam com a presença metropolitana.

Assim, a instalação, em 1960, de um pequeno frigorífico no núcleo urbano, levada a efeito por um antigo açougueiro de Salesópolis visou inicialmente, o abate do gado local para atender ao abastecimento da cidade em carne verde mas em especial a açougues de Mogi das Cruzes , um dos quais de sua propriedade. Dadas às suas características e sua posição nos arredores de São Paulo, não tardou que o mesmo passasse a ter como principal função, o abate de gado a "marchantes" abastecedores dos açougues da área metropolitana, a exemplo do que ocorre com o pequeno estabelecimento frigorífico de Cotia (Santa Mônica). Sob as exigências

sanitárias da Inspenção Federal em 1973, o frigorífico necessitou ser ampliado e reestruturado para o abate, motivo pelo qual foi vendido a um grupo proprietário da indústria de couros de Itaquaquetuba, antigo cliente desse abatedouro, que reiniciou o abate em 1975. Em 1976 esse grupo vendeu o estabelecimento a um dos sócios da Giglio S.A Indústria e Comércio, firma paulistana de subprodutos de carne que atualmente (1978) procede ao abate de bovinos e suínos para o atendimento em carne verde principalmente à capital paulista. A partir de 1976 (2º semestre) o número de abates passou a aumentar. No entanto, a participação do frigorífico como fornecedor de carnes ainda não tem muita expressão (vide tabela nº 10).

Um sistema de trabalho façonista⁽⁴³⁾, baseado na confecção de roupas de tricô infantis e realizado exclusivamente por uma mão de obra feminina, ligado a indústrias de confecção de São Paulo, tem se disseminado intensamente tanto na área urbana como rural de Salesópolis. O façonismo do tricô foi iniciado timidamente, em meados de 1950, através de um trabalho ainda não façonista, já que se tratava do tricô manual entregue a algumas práticas e decorria do extravasamento dessa atividade que já vinha ocorrendo no Va-

(43) Façonismo, originário do frances "faction", já foi amplamente empregado por João Antônio RODRIGUES, in "O Façonismo" da Indústria Textil de Americana" no sentido de prestação de serviços de mão de obra mecanizada a terceiros, por um proprietário de uma máquina industrial que realiza seus trabalhos no próprio domicílio (tese apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.L.H da USP-1971-inédita).

TABELA NÚMERO 10

ABATE DE BOVINOS DOS FRIGORÍFICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1975 e 1976

(em cabeças)

Estabelecimentos	1975*		1976	
	Total do 2º trimestre	Total do 2º semestre	Total do 1º semestre	Total do 2º semestre
Guapeva	50.587	71.463	104.712	67.592
Anglo	60.075	43.493	120.262	49.569
Vale do Rio Grande	21.748	42.467	64.588	56.144
Bordon	37.301	40.811	82.053	30.142
Mouran	37.790	37.810	85.830	39.445
Vale do Tietê	35.857	41.160	78.852	41.156
União	25.562	31.841	82.165	36.379
Frigus	36.810	20.368	92.630	40.945
Kaiowa	37.325	38.292	87.860	46.088
TiMaia	39.121	34.797	73.491	43.281
Jandira	30.157	39.705	76.056	40.270
Cotia	31.157	46.895	58.285	29.386
Swift - Armour	25.381	34.053	57.598	17.565
Minerva	24.446	32.045	42.589	20-165
Itapewi	19.798	33.365	43.434	31.297
Safrico	-	-	40.527	21.015
Bon Beef	-	-	37.857	33.049
Cabral	19.555	29.885	34.180	23.801
Prudentino	12.946	26.739	30.242	31.073
Guararapes	-	-	34.234	41.131
Oranges	9.101	25.299	32.782	39.148
Piracicaba	18.983	25.700	13.834	6.933
Cleumar	6.788	14.929	12.218	14.121
Comabra	9.550	9.550	4.013	-
Targimar	213	2.628	318	8.663
Santa Mônica	-	-	-	2.399
São Paulo Minas	-	-	11.369	12.685
Frigor Eden	-	-	13	2

* FONTE: Boletim Estatístico-DIPOA-GEIPOA-SP

*-A fonte consultada não traz 1º trim. de

le do Paraíba. No entanto, passou a se disseminar com maior intensidade entre a população feminina de Salesópolis na década de 1960. Essa forma de trabalho, em que determinados produtos não elaborados ou semi-elaborados são entregues por pequenas indústrias paulistanas a donas de casa para manufaturação, montagem ou acabamento, realizado domiciliarmente, como já tivemos oportunidade de constatar, é desde há muito tempo praticado na capital paulista. Uma forma de produção que tem proporcionado redução de custos às pequenas empresas produtoras e, ao mesmo tempo, oportunidade de ganhos à população feminina ocupada nos afazeres domésticos. Em Salesópolis, esse sistema de trabalho foi introduzido em composição com essas pequenas empresas paulistanas, através do contato direto, feito por um elemento local que, passou a entregar os serviços a interessados e a recolhê-los semanalmente.

Ainda, uma pequena atividade de recuperação de sacos de polietileno em embalagens domésticas surgiu em 1969, por iniciativa local, visando o consumo metropolitano.

O município de Salesópolis, a exemplo de outros municípios dos arredores de São Paulo, situados na bacia do Tietê e bacias vizinhas, passou a interessar à área metropolitana, no final da década de 1960 e início de 1970, no aproveitamento dos seus recursos hídricos. A necessidade de uma ampliação dos serviços de infra-estrutura da área metropolitana visava atender à crescente necessidade de água, energia elétrica, saneamento, irrigação agrícola e utilização do transporte fluvial. Salesópolis incluiu-se na área de projeto de execução de 31 reservatórios, dos quais 3 eram reservados ao município. A barragem de Ponte Nova, ini-

ciada em 1967, representou o início da série de construções. a serem realizadas no município e, que será finalizada com a realização de mais duas obras. O objetivo local é o de obter tres reservatórios interligados, com fins de regularizaçãodo rio Tietê, além de permitir a irrigação de várzeas situadas em seguida aos tres reservatórios, para o aproveitamento o - leirícola. O município inclui-se no sub-sistema Alto Tietê, numa área não comprometida pela poluição(vide fig.nº 5):

A passagem de duas linhas de oleodutos nos anos 1970-71 e final de 1974 e início de 1975, ligando o porto de São Sebastião(Terminal Almirante Barroso) à Refina-ria de Paulínea, constitui-se em mais uma obra de infra-es-trutura, mas que circunstancialmente atingiu o município,³⁶ que se encontra na área de passagem entre as extremidades do eixo dutoviário. Essas obras não interessaram diretamente a área metropolitana, mas como as construções dos reservatórios trouxeram repercussão de caráter local. Da mesma forma se co-loca a passagem de uma linha de alta tensão da CESP em 1978, interligando a sub-estação de Santo Ângelo(Mogi das Cruzes) à sub-estação de São Sebastião, visando oferecer energia elé-trica à estação intermediária de bombeamento de oleoduto São Sebastião-Paulínea, localizada em Rio Pardo.

A tradicional feira mensal de origem me-tropolitana, a que já nos referimos na página 52, reflete mais uma modalidade de contatos da área com a capital pau-lista.

Esses processos ligados à presença metro-

FIG. 05

Represamento de água no município de
SALESOPOLIS previsto dentro do subsis
tema alto tietê - 1973

politana, como decorrência de seu acelerado crescimento urbano, vem comprovar, como vimos, que mesmo a área de Salesópolis, relativamente distante de São Paulo e dos grandes eixos de circulação viária, já começa a apresentar sintomas de maior integração com a área metropolitana.

Tratam-se ainda, de fenômenos em fase inicial, atingindo indiferentemente área rural e urbana, embora os solos rurais tenham sido os mais efetivamente ocupados. Aparecem espacialmente ainda muito isolados, não implicando em qualquer mudança significariva da paisagem.

O asfaltamento da via, de ligação Salesópolis- Mogi da Cruzes em 1960-63, parece ter facilitado também, em grande parte, a introdução ou a intensificação de alguns desses processos.

Vale saber, portanto, como e em que medida, a realização dessas obras de infra-estrutura e a entrada mais efetiva dos modos de produção "capitalista" podem acarretar interferências dos vínculos da cidade com as áreas externas e, localmente, nos fatos demográficos e nas relações entre a população e o espaço, dessa parcela do " cinturão caipira".

R E S U M O D O S T R A Ç O S E S S E N C I A I S

(1) A pequenina cidade oitocentista surgida ao longo de um dos caminhos de tropas na comunicação do planalto com o porto de São Sebastião sofreu efetivamente uma marginalização, quando se deu a substituição daqueles antigos caminhos, pela rede ferroviária e rodoviária, que, surgiram interessando o contato de São Paulo com áreas extra-regionais . Salesópolis, como vimos, ficou entre aqueles antigos núcleos mais distantes da capital e que ocuparam a posição de ângulo interno entre os grandes eixos de circulação.

(2) O crescimento inicial de São Paulo não teve nenhuma repercussão significativa no desenvolvimento da área, como não teve também para os outros núcleos urbanos antigos dos arredores de São Paulo, até as primeiras décadas deste século. A tentativa de voltar-se ao Vale do Paraíba, no encontro da ferrovia, não conseguiu libertar a modesta cidade de seu município da estagnação econômica. Por outro lado, o desuso dos antigos caminhos (em direção a Mogi das Cruzes e o litoral) provocou o desaparecimento da importância de contatos com São Sebastião e temporariamente com Mogi das Cru-

zes, além da perda da antiga posição de passagem. Sómente o posterior retorno de contatos com Mogi das Cruzes, nos moldes rodoviários, a partir da década de 1920 e a pavimentação da via de circulação em 1960-63, possibilitaram uma maior abertura da economia municipal, com a introdução de algumas produção comerciais.

(3)-As tentativas de contatos diretos com a capital, quando surgiu a oportunidade de fazê-las por via rodoviária na década de 1950, também foram malogradas. Não se definiam relações importantes entre a á-rea e a capital paulista. Os vínculos de maior importância deram-se sempre com o centro urbano de Mogi das Cruzes, a exemplo do que vinha ocorrendo também com outros modestos conjuntos urbanos próximos daquela cidade. O extraordinário crescimento de Mogi das Cruzes em função da proximidade da capital paulista e de sua localização ao longo da E. F. Central do Brasil, propiciou-lhe um papel de centro zonal, polarizando esses pequeninos núcleos ainda ruralizados. Nesse sentido, Salesópolis permaneceu sempre como uma cidade de pequenas proporções, preservando as antigas funções de prestações de serviços à zona rural, com uma população eminentemente de caráter local, cabocla. De modo geral, a área rural também em quase nada se modernizou.

(4) Os antigos núcleos do cinturão caipira paulistano só começaram a sentir os efeitos do crescimento metropolitano na medida em que ele tem se ampliado no espaço através das vias de circulação. Mas se a grande expansão urbana, em forma de tentáculos, atingiu áreas cai-

piras mais próximas e situadas ao longo dos eixos de circulação, sendo impulsionadas pelos processos de metropolização, tornando-se alguns deles polos importantes de suburbanização, Salesópolis, sem dúvida encontra-se com um relativo atraso em relação a esses fenômenos, dada à sua situação.

(5) Esses processos, como podemos constatar, começam a se definir. Tem se caracterizado, até o presente momento, por ocupações parciais e esparsas do solo, tanto rural como urbano, como também por algumas pequenas atividades industriais não vinculadas a matérias primas locais. A relativa distância de São Paulo e a inexistência de um sistema de circulação e transportes mais desenvolvidos, não permitiu ainda por exemplo, uma intensificação da especulação imobiliária e consequente valorização econômica fundiária de vulto, fenômeno que tão bem tem caracterizado as tomadas de solos franjas pioneiras de conquista metropolitana.

CAPÍTULO II

A V I D A

D E

R E L A Ç O E S

1 - .A S R E L A Ç Õ E S C I D A D E X C A M P O E

A S F U N Ç Õ E S U R B A N A S D E A T E N -

D I M E N T O R U R A L O U E S P E C Í F I -

C A M E N T E U R B A N O

Com relação à sua área rural, Salesópolis ainda preserva como principal função aquela de prestação de serviços, e ofertas de mercadorias, aliada à de centro religioso.

A introdução das novas modalidades de ocupação do solo, a decadência gradativa da agricultura tradicional e o exodo rural estão, no entanto, provocando, ao que parece, cada vez mais, a diminuição do abastecimento da cidade em gêneros alimentícios provenientes da lavoura "caipira" e, da perda do antigo papel de coleta e comercialização com relação às novas produções comerciais.

A - FUNÇÃO RELIGIOSA E DE MERCADORIAS

A população rural, com a diminuição da produção de gêneros alimentícios básicos de consumo do campo, sofreu o aumento da dependência com relação ao abastecimento urbano. Desta feita, o camponês vem à cidade para buscar grande parte de sua alimentação (cereais, farinha, sal, açúcar, óleo), vestuários, calçados e utensílios domésticos e de uso rural (vide fotos n.ºs. 8 e 9). Preservador dos antigos costumes, o habitante salesopolense, em particular o homem do campo, é dotado de um grande espírito de religiosidade. Consegue manter em pleno vigor algumas festas tradicionais folclóricas de fundo religioso, mesmo mediante as várias contestações dos atuais párocos, uma preservação que tem servido de estímulo a atividade comercial. É através da celebração de missas dominicais e solenidades religiosas de grande significação que a igreja matriz consegue atrair periodicamente o homem do campo, provocando uma grande afluência à área urbana, quando ele aproveita para realizar suas compras.

Assim o domingo e dias de festas religiosas são motivos de um grande movimento da gente do campo no pequeno conjunto urbano e, também quando o comércio se mantém em plena atividade. Neste particular reveste-se de grande importância para o ativamento comercial, as primeiras quintas feiras de cada mês, a "quinta de mês" quando se realizam as solenidades religiosas em louvor ao Santíssimo Sacramento, assim como já em escala de menor exatidão

Foto nº 3 - É comum o homem do campo vir às compras na cidade à cavalo...

Foto nº 9 - que são amarrados quase sempre nas transversais entre a rua XV de Novembro e o rio Paraitinga.

pressão a "Festa do Divino Espírito Santo" por ocasião de Domingo de Pentecostes.

A presença na cidade de residências de proprietários rurais que só se tornam ocupadas nos fins de semana e dias de festas religiosas, quando a família se desloca para o centro urbano, decorre dessa antiga função e se caracteriza como sendo vestígios da "ruralização" do passado. Em 1972, essas residências representavam 5,3% do total dos domicílios urbanos (ocupados e vazios).

A.1 - OS DOMINGOS

O domingo representa para o habitante rural, o dia de folga semanal quando ele aproveita para ir à cidade para assistir a missa dominical e fazer as compras rotineiras. O domingo não concentra o mesmo movimento populacional das primeiras quintas feiras de cada mês, mas sem dúvida, é o dia mais importante do movimento semanal dos estabelecimentos de comércio local. A importância do domingo como dia de venda levou os comerciantes a elegerem a segunda feira como dia semanal de descanso, quando se deslocam em busca do próprio abastecimento da loja.

Ao contrário, procurando atender a uma faixa da população urbana que passou a introduzir nos seus hábitos alimentares o consumo de legumes e frutas, o domingo começou a abrigar muito recentemente, um pequeno número de barracas de venda daqueles produtos, pertencentes a feirantes mogianos de origem japonesa. Trata-se de um co -

mércio levado a efeito por elementos alienígenas, instalado desde 1971, totalmente desvinculado de qualquer interesse na afluência da população rural de domingo. Atendendo a uma clientela muito reduzida, essa pequena "feira", de duas ou tres barracas, substitui a ausência da oferta dos produtos hortícolas do município(vide foto nº 10).

A.2 - A QUINTA DE MÊS

As "quintas de mes", antes acompanhadas de leilões e festas que se davam no pátio à frente do templo religioso, atualmente já perderam muito do envolvimento folclórico, restringindo-se a simples comemorações litúrgicas. No entanto, elas são responsáveis pela grande afluência do homem do campo à cidade; quando aproveitam para fazer visitas a parentes e amigos de relações comradescas. É o momento que ele aproveita para fazer as compras mais importantes do mes.

Dessa necessidade de abastecimento e grande afluência da população rural, decorre a existência nesses dias santos, de uma feira de origem principalmente metropolitana, que se instala nas ruas principais da cidade motivada a suplementar em parte, a deficiência do comércio urbano, principalmente no que se diz respeito aos vestuários, calçados e artigos de utilidades domésticas. É popularmente denominada no local de "Feira de Quinta de Mes"(vide página 53).

Atualmente, a presença da feira, já pa-

Foto nº 10 - A pequena feira domingueira.

rece revestir-se de mais importância que a solenidade religiosa. No entanto as barracas só passam a receber o afluxo de seus clientes após a realização das missas matinais e, se estende por todo o dia.

Ela funciona também como ponto de encontro da população municipal. Constatamos através de ^{NA ENQUETE}enquete realizada à feira em janeiro de 1973, que o habitante da zona rural constitui a maioria frequentadora da feira, sendo que cerca de 44% deles vinham a pé, 31% de carro próprio ou de conhecido e, somente aqueles que residiam próximos à estrada de Mogi das Cruzes tinham se utilizado de ônibus.

A feira, de porte relativamente grande para a cidade, inicia-se na praça da igreja e se estende até e pela rua XV de Novembro, tendo sido constatado 57 barracas; além das mercadorias estendidas diretamente no chão. Constituída principalmente de peças para vestuários (54% das barracas), armarinhos e miudezas (somam 19%), calçados e utensílios domésticos (vide fotos nas p. 85 e 86), a feira "de quinta de mes" reveste-se localmente de certas particularidades.

Não se trata da tradicional manifestação local, onde são colocados os produtos rurais dos arredores à disposição da cidade, mas ao contrário, uma manifestação de origem metropolitana com produtos industrializados tipicamente urbanos, com destino a uma clientela rural. A maior parte dos feirantes (52%) de origem paulista já eram assíduos frequentadores de feiras de periferia de São Paulo sendo que 37% eram provenientes de Mogi das Cruzes e o pequeno

restante de Ferraz de Vasconcelos e Guaianazes. Deslocam-se até Salesópolis de carros próprios, alugados e mesmo de ônibus.

Essa articulação de comércio metropolitano a nível de feira para dentro dos limites urbanos de Salesópolis, não só tem sido uma forma de suplementação do comércio interno, colocando a população rural até certo ponto na dependência das novas necessidades introduzidas por um mercado de produtos variados, como também uma forma de acentuar a fragilidade do comércio local urbano no gênero de mercadorias oferecidas. Aliás uma fragilidade decorrente de um fraco poder de aquisição da população local, onde o comércio temporário tem maiores possibilidades de sobrevivência. Mesmo assim, pelo que pudemos constatar, esse tipo de mercado de oferta metropolitana oportunista e, até certo ponto postigo, não parece corresponder ainda ao nível real de aquisição dessa clientela rural. Note-se que a roupa usada (vide fotos n^{os} 14, 15 e 16) era um tipo de oferta que estava se tornando o mais procurado por essa classe consumidora, de acordo com a enquete feita em 1973.

A.3 - A FESTA DO DIVINO

A comemoração religiosa que se faz ao Divino Espírito Santo é anual. É a festa máxima do ano que mobiliza praticamente toda a população municipal. Elege-se anteriormente, a comissão de festeiros religiosos que constitui a "Folia do Divino" e que se responsabiliza pela angariações de doações populares (prendas, pão, café etc) destinadas

das ao preparo dos festejos. Este dia de grande significação religiosa municipal, não representa para o salesopolense do campo o dia de compras. Os estabelecimentos comerciais urbanos fecham-se. No entanto, este tipo de concentração populacional costuma atrair algum pequeno tipo de comércio ambulante oportunista, frequentemente de Mogi das Cruzes, a exemplo de pipoqueiros, pasteleiros, vendedores de doces e salgados ou mesmo de bijuterias baratas que se destinam a um tipo de consumo ocasional(vide fotos p. 92)

A.4 - OS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS LOCAIS

O comércio urbano local, constituído em 1974, de 56 estabelecimentos, tem o seu atendimento voltado, principalmente à clientela rural. Isto pode ser verificado pela predominância dos pequenos bares e armazens e dos chamados bazares, somando quase 85% dos estabelecimentos locais, que se caracterizam pela oferta de produtos de consumo rural.

Os armazéns e bazares caracterizam-se pela presença principalmente de mercadorias de consumo rural. Os armazéns vendem desde os gêneros alimentícios básicos(arroz, feijão, farinhas, açúcar, sal, óleo) até os alumínio, louças, ferragens, botas, chapéus, de sol. De número mais reduzido são aqueles que ainda fornecem armas, ferramentas agrícolas, mobiliários rústicos(camas e colchões), instrumentos de pesca, materiais para construção(vide foto nº 28).

Os chamados bazares são quase sempre es-

TABELA NÚMERO 11

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS DA ÁREA URBANA DE SALESÓ-

POLIS

TIPOS DE ESTABELECIMENTOS	Nº
Bares.....	21
Armazéns.....	17
Bazares.....	9
Quitanda.....	1
Supermercado.....	1
Loja de móveis e eletrodomésticos.....	1
Açougues.....	2
Postos de gasolina.....	2
Padaria.....	1
Depósito de bebidas	1
TOTAL.....	56

FONTE: Questionários aplicados
nos estabelecimentos de
comércio - 1973.

FEIRA DE " QUINTA DE MÊS "

Foto nº 11 - A feira de quinta de mes - Aí vemos umas das grandes frequências na feira de quinta de mes: barracas de roupas feitas e tecidos.

Foto nº 12 - Outro aspecto da feira de quinta de mes: - artigos de utilidades domésticas.

FEIRA DE "QUINTA DE MÊS"

Foto nº 13 - Barracas de calçados. Os artigos colocados à venda são rústicos e baratos.

Foto nº 14 - comércio de roupas usadas, muito mais ativo, é feito de modo mais precário. As roupas são estendidas no chão à vista dos interessados.

Foto nº 15 - A feira de quinta de mes - Outro aspecto do comércio de roupas usadas.

Foto nº 16 - Quinta feira de mes-aqui aproveitando-se de um coberto destinado às festividades religiosas, alguns elementos locais fazem o comércio de roupas usadas com lucros voltados a atividades benéficas.

Foto nº 17 - A Festa do Divino - É a festa máxima do ano. A comissão de festeiros prepara a decoração da praça da igreja, pois é aí que se realiza boa parte das comemorações...

foto nº 18 - e das ruas centrais, por onde deve passar a tradicional procissão do Divino.

Foto nº 19 - Imagens da Festa do Divino em 1945 na Rua XV de Novembro.

Foto nº 20 - E em 1973 na rua N. Sra de Fátima, próximo à praça principal.

Foto nº 21 - A busca e a chegada das palmeiras que irão servir de decoração às ruas ainda se envolve de todo um ritualismo folclórico.

Foto n
22.

Os grupos de danças convidados são frequentemente compostos por elementos locais e de áreas vizinhas.

Fotonº 23

FESTA DO DIVINO

Foto nº 24 - A tradicional distribuição do café com pão, feita distintamente para ambos os sexos

Foto nº 25

FESTA DO DIVINO

Foto nº 26

As duas fotos mostram o pequeno comércio das ruas, feito por elementos frequentemente vindos de Mogi das Cruzes. Ao fundo da foto acima a aglomeração participa dos tradicionais leilões.

Foto nº 27

Foto nº 28 - O armazém

Foto nº 29- O Bazar

tabelecimentos de venda de armarinhos, brinquedos , roupas feitas, alpercatas, material escolar e perfumes baratos, ou ainda as pequenas lojas de tecidos(vide foto nº 29)

Os numerosos bares, locais que também são utilizados como ponto de encontro e alimentação rápida da população do campo aos domingos, restringem suas vendas quase que principalmente a aperitivos, petiscos, sorvetes, café e pão. O hábito, conservado pelo homem do campo, do fumo preparado por ele mesmo na palha, seja talvez o motivo de apenas 2 dos 21 bares, venderem cigarros industrializados.

No entanto, esses estabelecimentos visam também o atendimento ao consumo urbano, evidentemente menos importante do ponto de vista quantitativo, principalmente , quando se deve contar neste particular com a concorrência do comércio mogiano. No entanto, em função disso, existem variações de algumas mercadorias vendidas naqueles estabelecimentos destinados quase que essencialmente à clientela urbana. É o caso, por exemplo, de dois armazéns que se ocupam também da distribuição do gás doméstico para o consumo domiciliar ou de um dos bares que se equipou de uma mesa de jogo de bilhar, destinada muito mais ao lazer urbano masculino. A quitanda, o supermercado , os dois açougues, a padaria, o depósito de bebidas e a loja de móveis e eletro domésticos e os dois postos de gasolina visam um mercado quase que exclusivamente urbano. No entanto, a soma destes estabelecimentos representam apenas cerca de 15% do total existente.

No entanto, a pobreza econômica local e

a concorrência que esses estabelecimentos têm recebido das feiras de origem externa e mesmo do complexo comercial mogiano, tem-se refletido na fragilidade desse comércio urbano local.

Pudemos constatar a existência de 32% dos proprietários comerciais se apoiando em outras fontes de rendimentos e uma troca quase constante dos proprietários de pequenos estabelecimentos(1). É muito comum também a existência das vendas à prazo, principalmente nos armazéns, saldados semanalmente ou mesmo em oportunidades ocasionais(quando o cliente recebe o pagamento, por exemplo), cujas contas são mantidas através de anotações que o vendedor mantém em carteiras ou papéis destacáveis que ele "pendura".

Uma característica peculiar aos vários estabelecimentos que também podemos traduzir como fragilidade do comércio, é a frequência de uma mão de obra não remunerada de vínculos familiares. Pudemos nos certificar, através da enquete realizada ao comércio em 1974, do grande número de auxiliares, elementos da família. Neste ano, do total de 100 elementos ocupados, 49 eram proprietários, apenas 8 na condição de empregados remunerados e, o restante era constituído de elementos auxiliares(esposa e filhos).

Esses proprietários comerciais estão em 55% dos casos ligados diretamente aos seus estabelecimentos,

(1) Essas mudanças frequentes tornaram-se um ôbice à nossa pesquisa, no sentido da datação do início de instalação das casas de comércio.

do ponto de vista residencial, residindo nos fundos ou ao lado dos mesmos. Além disso, apenas a loja de imóveis e eletrodomésticos não possui proprietário de origem local.

B - FUNÇÃO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

A modesta cidade, muita mais voltada ao atendimento da população intra-municipal, apresenta uma pequena gama de serviços de uso corrente.

B.1 - O SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL

A delimitação da Grande São Paulo pelos poderes públicos federais em 1967, dentro da qual ficou incluído o município de Salesópolis e, a criação do GEGRAN (atual EMPLASA), na capital paulista, que ficou encarregado do planejamento, programação, coordenação e controle, e execução de serviços comuns de interesse metropolitano veio, em parte, limitar o poder da decisão autônoma das autoridades locais. Serviços relacionados com problemas básicos de saneamento e transportes ou de uso do solo municipal por exemplo, que já passaram a interessar à metrópole, têm suas decisões sob o encargo daquele órgão centralizador. Em vista disso, a partir de 1973, chegou a se criar, por decisão das autoridades locais, um órgão técnico auxiliar da Prefeitura salesopolense, com vistas à elaboração de um plano diretor municipal, sob a orientação da EMPLASA, que objetiva a tentativa de articulação dessa parcela metropolitana dentro dos interesses da estrutura global da grande região administrativa delimitada.

Por outro lado, a receita municipal incipiente, baseada principalmente em cotas de participação em tributos estaduais e federais, na arrecadação do ICM(51,23% do total de tributos em 1972), tem sido mais um fator limitante, da ação municipal com respeito à construção e manutenção dos bens públicos locais.

Ainda podemos incluir no exercício dessa função, a existência de um cartório de registro civil, de pessoas naturais e de tabelionato, de jurisdição apenas local.

B.2 - SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

A inexpressiva economia local e, conseqüentemente, os fracos rendimentos salariais, não permitem uma atividade financeira de vulto.

Os órgãos financeiros locais são representados por uma agência da Caixa Econômica Estadual, uma agência da Coletoria Estadual e um Posto Fiscal anexo e, uma filial do Banco Brasileiro de Descontos S.A.

A Caixa Econômica Estadual, que faz parte da regional de São Caetano do Sul, possuía em 1972, apenas 4 funcionários destinados ao atendimento de 2.211 clientes. A sua presença se explica pela função de pagamentos aos funcionários públicos estaduais, pensionistas e inativos do IPESP, além da recepção de prestações para órgãos com quem mantém convênios, como IPESP, Montepio e outros.

A Coletoria Estadual, enquadrada na DRT 1

da Grande São Paulo, possui apenas um exator para receber as taxas de ICM, fiscalização e serviços diversos, enquanto que o Posto Fiscal anexo conta com um outro elemento para a inscrição dos contribuintes do ICM, produtores em geral, destacando-se nesta última categoria os produtores de lenha e alguns agricultores.

O único estabelecimento bancário local, instalado em 1954 como correspondente da agência do Banco Nacional da Cidade de São Paulo, só passou à agência em 1957, quando foi transferido por compra ao Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina. Desde 1967 pertence ao Banco Brasileiro de Descontos S.A que incorporou o órgão financeiro anterior (vide foto nº 31). Com 1.003 clientes conta-correntistas em 1974, constituídos principalmente de proprietários rurais, a agência não encontra nessa sua principal atividade, movimentos de grande monta. O banco tem concedido alguns pequenos financiamentos destinados à aquisição de veículos, já que para os financiamentos de caráter agrícola os agricultores tem dependido dos bancos oficiais mogianos. A agência ainda realiza alguns serviços de exação prestados à extinta Coletoria Federal local, (coleta de IPI, Imposto Único sobre Energia Elétrica, Imposto Único sobre minerais e Imposto sobre a Renda), como outros pequenos tipos de prestação de serviços.

B.3 - SERVIÇO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Apenas uma delegacia de polícia e uma cadeia pública (vide foto nº 32) dotadas de uma "viatura" policial, que, abrigam um delegado, um escrivão de polícia e um pe-

queno destacamento policial de 6 elementos, são os principais responsáveis pela segurança pública municipal. O município conservou por muito tempo, elementos não remunerados que na qualidade de auxiliares de confiança do delegado, exerciam a função de "inspetores" de quarteirão". Hoje, estão atendendo ao desaparecimento. Além deles, ainda permanecem cerca de 2 ou 3 comissários de menores, nomeados pelo juiz da comarca, que por tal também não recebem remuneração.

São também função da delegacia, de polícia no município, o licenciamento, emplacamento e multas de veículos, além de expedição de atestados (residência, boa conduta, porte de arma etc) e documentos (identidade).

B.4 - SERVIÇO DE ATENDIMENTO TÉCNICO À ÁREA RURAL

O município só passou a receber esse tipo de atendimento, a partir de 1964, através da Casa da Lavoura. Desde 1974, sob a denominação de Casa da Agricultura, esse serviço conta com um agrônomo, um fiscal de caça e pesca, um escriturário, um servente e um auxiliar de laboratório (vide foto nº 33). Com o objetivo de orientação e assistência técnica às propriedades agrícolas do município, esse órgão enquadrado na sub-região agrícola de Mogi das Cruzes, ainda atua com bastante deficiência. O município, que conta com uma área de criação de gado até certo ponto expressiva, não possui um veterinário local, dependente das esparsas visitas de um elemento residente na central de Mogi das Cruzes.

B.5 - SERVIÇO DE ATENDIMENTO SANITÁRIO

Esse tipo de atendimento a cidade sempre prestou com certas dificuldades. A não instalação voluntária do médico como profissional liberal na cidade e os frequentes abandonos daqueles profissionais quando a Prefeitura tentou admiti-los, na condição de assalariados, transferiu, por muito tempo, às duas antigas farmácias existentes, dirigidas por simples práticos, casos clínicos de pronto socorro (fraturas, picadas de cobra) e de obstetrícia, por exemplo. Os elementos em estado mais grave, eram enviados em direção aos municípios vizinhos de mais fácil acesso.

A construção terminada em 1972 e o funcionamento da Santa Casa de Misericórdia Frederico Ozanam a partir de 1973, de iniciativa e manutenção por parte de uma sociedade beneficente local (Sociedade Católica e Beneficente S. Vicente de Paula) parece ter motivado a fixação do elemento médico, embora não residentes na cidade. Esse estabelecimento sanitário começou a ser construído desde 1954, mas sob frequentes dificuldades financeiras por parte daquela entidade beneficente. Essas dificuldades só foram solucionadas com a presença da firma instaladora dos oleodutos (Techint), que terminou as obras com o objetivo de utilizar temporariamente o prédio como sede administrativa dos serviços de sua empresa. Somente em 1972, o estabelecimento começou a funcionar como hospital (vide foto nº 34) dotado de 22 leitos, apresenta deficiências equipamentárias e de corpo clínico indispensáveis, a exemplo da falta de aparelho de RAI O X e de anestesista.

Foto nº 30 - A Prefeitura Municipal ocupando o antigo edifício do Grupo Escolar(vide foto nº.. 35) à rua Pedro Rodrigues Camargo.

Foto nº 31 - A única agência Local bancária situada à rua XV de Novembro.

Foto nº 32 - O edifício da delegacia de Polícia e Cadeia Pública local, a rua Expedicionário Abílio dos Passos.

Foto nº 33 - A Casa da Agricultura funcionando desde 1974 à rua Alferes Jose Luis de Carvalho.

Presta apenas serviços de clínica geral e de casos mais elementares de pediatria, ginecologia e obstetrícia. Possui uma ambulância.

Por outro lado, o hospital ainda não mantinha em 1974 convênio com o INPS(reservado apenas ao Centro de Saúde local), portanto o grande afluxo da população urbana continuava sendo em direção aos hospitais mogianos. A sua clientela era quase que essencialmente rural, através do convênio com o FUNRURAL. Neste particular a Santa Casa começava a ser local de afluência até mesmo da população de áreas rurais vizinhas como Paraibuna, Santa Branca e Biritiba Mirim.

O CIAM - Centro de Integração de Assistência Médica(Centro de Saúde) funciona em sede própria, onde anexo atua também o Posto de Puericultura. Assistido por um médico, dois atendentes e uma visitadora sanitária, o atendimento do CIAM restringe-se a consultas por INPS, sendo os casos de interinação enviados a hospitais de Mogi das Cruzes.

A deficiência que ainda se faz sentir no atendimento médico hospitalar é motivo da existência de 2 ambulâncias pela Prefeitura Municipal, que ficam à disposição dos vários casos em que se exige o deslocamento para centros melhor equipados.

O serviço dentário até 1972 tinha sido prestado em moldes precários, inclusive por práticos não categorizados. A partir daí, um profissional mogiano montou um consultório na cidade, prestando serviços em apenas alguns dias da semana, um atendimento voltado quase que exclusivamente

Foto nº 34 - A Santa Casa de Misericórdia Frederico Ozanam, finalizada em 1972.

a uma clientela urbana.

B.6 - O SERVIÇO DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL

O serviço educacional de nível primário (primeira à quarta série de 1º grau) no município, tem sido fornecido pelos poderes públicos em duas esferas. A área rural é a área de atendimento da esfera municipal e, a urbana, fica sob os encargos da administração na esfera estadual. As escolas municipais estão distribuídas entre os vários bairros rurais, , liberando a população rural do deslocamento até à área urbana para a satisfação das necessidades educacionais a nível primário,mas por outro lado,a dependência urbana se faz com relação ao corpo docente, já que em 1972, a cidade abrigava 14 professores exercendo funções na área rural.

A área urbana neste particular, conta com a existência do grupo escolar "Mestre Henriqueta" Com uma clientela rural pouco expressiva(10,5%), a escola contava com... 725 alunos matriculados, ou seja, 17 classes, onde estavam incluídos também os alunos do pré primário(72 crianças distribuídas em duas classes, funcionando em 3 períodos diurnos. O grupo escolar com 17 funcionários entre corpo docente e auxiliares que residiam em Salesópolis por exigências administrativas locais, é relativamente bem equipado e contou com uma evasão escolar no ano de 1972 de 12,5% em relação ao total matriculado, relativamente pequena em comparação ao nível secundário(vide tabela nº 12).

O serviço educacional do nível secundário

TABELA NÚMERO 12

SITUAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR EM
1972 COM RELAÇÃO ÀS MATRÍCULAS E ELIMINAÇÕES

CURSOS	MATRICULADOS			ELIMINADOS			RESTANTE		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Primário	370	283	653	41	32	73	329	251	580
Pré-primário	34	39	73	10	8	18	24	31	55
TOTAL	404	322	726	51	40	91	353	282	635

FONTE: Grupo Escolar

Obs.: Eliminados: referem-se aos alunos que evadiram ou se transferiram do estabelecimento de ensino.

(5ª à 8ª série do 1º grau) sob o encargo do estado, é prestado pela Escola Estadual "Professora Olga Chakur-Farah", anterior Colégio Estadual de Salesópolis que, passou a funcionar nas instalações que lhe foram reservadas ao lado do Grupo Escolar, desde 1960. Acolhendo uma clientela mais restrita, ou seja 433 alunos matriculados (1972), a escola contava com 12 classes distribuídas entre o período vespertino e noturno. O atendimento rural se fazia naquele ano de 22% dos alunos matriculados, onde se incluía parte da clientela originária da coletividade de origem japonesa do município.

Funcionando em condições mais precárias que o grupo escolar, fato que se deve principalmente à juventude da escola, ela dependia em parte, do pessoal docente e auxiliar de Mogi das Cruzes. Com um total de 24 funcionários, 20 do corpo docente e 4 auxiliares, o ginásio contava com 16 residindo no próprio local. A evasão escolar tinha sido em 1972, na ordem de 20,7% em relação ao total de matriculados.

Além disso, a área urbana possuía ainda no âmbito educacional, uma pequena escola particular de datilografia e outros serviços oferecidas pela igreja, a título de assistência social, como o ensino de pintura e corte e costura, além do ensino catequético oferecido às escolas locais.

A antiga biblioteca municipal Guilherme de Almeida, criada pela Prefeitura desde 1947, foi transferida desde 1960, para as dependências do ginásio local.

TABELA NÚMERO 13

SITUAÇÃO ESCOLAR DOS ALUNOS DE 5ª À 8ª SÉRIE EM
 1972 COM RELAÇÃO ÀS MATRÍCULAS E ELIMINAÇÃO

Séries	Matriculados			Eliminados		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
5ª série	120	55	175	40	24	64
6ª série	57	42	99	7	5	12
7ª série	52	43	95	6	6	12
8ª série	31	33	64	1	1	2
TOTAL	260	173	433	54	36	90

FONTE: Escola Estadual de 1º Grau "Professora Olga Chakur-Farah"

Foto nº 35 - O antigo Largo do Rosário hoje abriga as duas principais escolas da cidade . Em primeiro plano o Grupo Escolar Mestre Henriqueta e ao fundo a Escola Estadual Professora Olga Chaku-Farah.

B.7 - SERVIÇOS DE CONTABILIDADE FISCAL, DESPACHOS POLICIAIS
E ADVOCACIA

O comércio local e parte dos agro-pecuaristas municipais contam, muito recentemente, através da existência de dois escritórios locais, pertencentes ou associados a antigos contadores públicos municipais, com o serviço de contabilidade comercial a agro-pastoril. Esses escritórios atualmente associados também a advogados de Mogi das Cruzes, passaram a oferecer ainda como serviços os despachos policiais, advocacia, e tentam os negócios imobiliários. Esta última função, de pequena expressão, tem sido voltada em particular aos poucos casos de administração de propriedades (chacaras) em Salesópolis, de pessoal residente fora do município, um fenômeno metropolitano ainda inexpressivo localmente, em 1972. Mas ao que parece, as similaridades naturais do município às áreas vizinhas de Biritiba-Mirim, onde esse fenômeno já se processa com maior intensidade, tem levado o pessoal local à expectativa do aumento da procura externa de chácaras salesopolenses. Basta dizer que um dos escritórios dá abrigo a um imobiliária de Biritiba-Mirim que ainda tem a agência em Mogi das Cruzes e que tem entre suas funções aquela de compra, venda e troca de propriedades rurais(2).

(2) Essa expectativa local pelo aumento da procura de chácaras parece ter aumentado. No nosso retorno à área, em 1978, encontramos duas outras imobiliárias procedendo à oferta desses imóveis.

B.8 - SERVIÇO DE LUZ, COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES

LUZ - A cidade de Salesópolis já conta com o serviço de energia elétrica desde 1910, quando foi construída uma usina de produção no município, no bairro dos Freires, pela Cia. Paulista de Eletricidade, visando o atendimento de Mogi das Cruzes. Passou para a administração da Cia Fôrça e Luz Norte de São Paulo, mais tarde à Cia. de Eletricidade São Paulo e Rio e hoje está integrada no sistema Light. O serviço é representado pela existência de 626 ligações locais (em 1972) e uma agência local (vide tabela nº 14), que cuida da distribuição, manutenção e recebimento das contas locais. É um serviço de atendimento quase que exclusivamente urbano, onde apenas os bairros dos Remédios e Alegre (cooperativa e residências) constituem a parcela rural a desfrutar de luz elétrica originada da distribuição Light dentro do município (vide tabela nº 14). Aí constituiu-se, por iniciativa da coletividade de origem japonesa, uma Cooperativa de Eletrificação rural, que permitiu às propriedades hortifrutigranjeiras o benefício desse tipo de serviço pela CESP.

COMUNICAÇÕES - A cidade conta com uma pequena agência de Correios e Telégrafos que utiliza apenas um funcionário para o exercício dessas funções. A agência depende da de Mogi das Cruzes nos casos de vales postais e de encomendas internacionais.

Salesópolis viu surgir o seu primeiro poste telefônico com 16 ligações em 1949, quando foi feita a ligação telefônica com Santa Branca, com junção à Cia. Telefôni

TABELA NÚMERO 14

NÚMERO DE LIGAÇÕES ELÉTRICAS - dezembro de 1972

USUÁRIOS	Nº DE LIGAÇÕES
Total.	626
Residências urbanas.	503
Podereš públicos.	13
Comércio.	99
Outras empresas.	1
Indústria.	10

FONTE: Light - Salesópolis

Obs.: Outras empresas corresponde à cooperativa do bairro dos Remédios incluindo as residências.

ca Brasileira, por iniciativa de acionistas locais. Esse serviço passou aos poderes municipais apenas em 1960, quando então o número de aparelhos tinha pouco mais que duplicado, ou seja 37 telefones. Desta data até 1967, apenas 3 aparelhos foram acrescentados quando então a cidade passou sob a responsabilidade da COTESP (Companhia de Telecomunicações do Estado de São Paulo) ganhando um novo posto telefônico e ampliação destes serviços à área rural do bairro dos Remédios, (vide foto nº 36) conseguida também através da cooperativa local. Em 1975, o posto telefônico passou a pertencer à CTBC, transferindo-se de local. E em 1976 passou a ligar-se ao sistema DDD.

TRANSPORTES - A extrema dependência do município ao centro urbano maior, mais próximo e de mais fácil acesso, representado por aquele de Mogi das Cruzes, e o seu relativo isolamento em relação às outras áreas limítrofes (litoral e o vale do Paraíba), são os principais motivos da existência de uma única linha de ligação intermunicipal através de ônibus entre Salesópolis e aquela cidade. Essa antiga linha, existente desde 1938, atualmente se encontra sob a responsabilidade de uma empresa de origem mogiana "Santa Maria Viação S.A", que com 6 veículos, mantém diariamente 11 horários na direção Salesópolis - Mogi e 10 horários na direção inversa. A companhia presta serviços também às áreas rurais periféricas à rodovia servida, mantendo pontos de secção em Biritiba Mirim e nos bairros rurais dos Remédios e Capela Nova. Os horários mais frequentes tem sido os chamados horários escolares que obedecem aos momentos de maior fluxo numa direção ou noutra. Aos domingos a utilização dos ônibus cai violenta-

Foto nº 36 - O posto telefônico pertencente à Cia. de Telecomunicações do Estado de São Paulo que funcionou à Rua Alferes José Luiz de Carvalho até 1975, quando então a concessão passou para a CTBC e as instalações foram transferidas para outro local.

mente.

As esporádicas viagens realizadas para as outras áreas limítrofes do vale do Paraíba ou litoral norte, que se dão mais frequentemente nos fins de semana, a título de passeios e visitas a parentes ou de algumas peregrinações religiosas em direção à Aparecida do Norte, realizadas por familiares ou grupos de amigos, ficam a cargo dos táxis locais particulares que surgiram para preencher a lacuna deixada pela inexistência do ônibus (vide fotos nºs 37 e 38).

B.10 - PEQUENOS SERVIÇOS URBANOS

Além do atendimento que a cidade faz à sua área rural e urbana ou exclusivamente a esta última, enumerados anteriormente, ela ainda possui alguns serviços que, pela sua rudimentariedade de atendimento, não abrigando especialidades e, muitas vezes de clientela restrita, agrupamos como pertencendo aos pequenos serviços urbanos.

Nesta classe de atendimento, incluimos as duas oficinas de reparo e a borracharia destinada a servir exclusivamente proprietários de autos, necessitados a resolver problemas simples de mecânica e borracharia. Nos casos em que se exigem reparos de eletricidade, funilaria e pintura, ou retífica, por exemplo, serviços mais especializados, o proprietário do veículo deve naturalmente recorrer a Mogi das Cruzes.

Ainda nesse gênero existe um atelier fo-

TAXIS LOCAIS

Foto nº 37 - Presença comum dos taxis particulares, utilizados principalmente para a comunicação com as áreas vizinhas do Vale do Paraíba e Baixada Litorânea, onde inexiste os serviços de ônibus. Geralmente são peruas Kombi ou até mesmo...

Foto nº 38 - Uma Chevrolet.

tográfico, uma casa de concerto de sapatos aliada a uma pequena banca de revistas, um estabelecimento de reparos de bicicletas, 5 barbearias, 2 salões de beleza e de 3 residências transformadas em pequenas pensões (duas de pouso e refeições e uma apenas de refeições).

A característica de improvisação e falta de especialidade faz-se sentir principalmente sobre aqueles serviços prestados por autônomos em suas próprias residências, a exemplo de dois relojoeiros, dois ferreiros, um reparador de rádios, algumas costureiras e pelos vários pedreiros, pintores e encanadores.

Como vimos, a cidade no desempenho de suas funções de atendimento local, tem como característica a fragilidade do equipamento que apresenta. A inexistência de determinados serviços de utilização ordinária, a exemplo da ausência de agência funerária local e a precariedade de atendimento de outros, como o é o sanitário, denotam a existência de um equipamento deficitário. Nesse sentido, a cidade pouco evoluiu; ao contrário, a perda de alguns serviços públicos anteriormente existentes, a exemplo da Coletoria Federal e do IBGE que foram novamente centralizados para Mogi das Cruzes, respectivamente nos anos de 1968 e 1972, vieram demonstrar muito mais um retrocesso.

Esse despreparo do pequeno conjunto urbano se faz sentir, quando a cidade centralizou temporariamente a residência e escritórios administrativos do pessoal técnico que acompanhou as obras de instalação dos oleodutos.

Foto nº 39 - Aspecto de uma das persões locais que se dedicam principalmente ao fornecimento de refeições. Caracteriza-se sempre por uma residência onde o proprietário aproveita-se de certos compartimentos destinados ao seu negócio.

Embora o momento da pesquisa(1972)tenha se dado após o término dessa obra(3), foram conseguidas algumas informações que puderam atestar as necessárias modificações que a cidade sofreu por iniciativa própria ou da companhia instaladora dos oleodutos, em vista de ineficiência equipamentária, e que após a retirada da mesma perderam muito do seu sentido. Constatamos, por exemplo a transformação instantânea de várias residências em pensões de pouso e alimentação, cujo número não foi possível precisar em vista da própria característica de improvisação e clandestinidade; o aparecimento de uma lanchonete relativamente sofisticada para os padrões da cidade; o inflacionamento dos alugueis de residências locais. Por outro lado, a ocupação de espaços vazios que foram cercados para depósitos da companhia instaladora, ou a término das obras da Santa Casa no intuito de utiliza-la temporariamente como sede administrativa, da companhia.

Com relação à época em que se deu a instalação do pessoal técnico de áreas externas que vieram se ocupar das obras da barragem de Ponte Nova, as alterações relacionadas com a ampliação dos serviços urbanos foram menores, já que foi criada pela companhia construtora, uma estrutura no local da construção, quase auto-suficiente ao abrigo e alimentação dos mesmos.

(3) Até aquela data tinha se dado a primeira fase de instalação, sendo que a segunda fase deu-se após o procedimento da pesquisa, em 1975 e 1976.

C - AS NOVAS MODALIDADES DO USO DO SOLO RURAL E

AS RELAÇÕES CIDADE X CAMPO

A tradicional economia de subsistência ligada a comercialização de pequenos excedentes, e caracterizada por uma posterior expansão da pecuária extensiva, sofre alterações, na medida em que são feitas as introduções das produções comerciais. Em decorrência, as antigas formas de relacionamento entre a cidade e o campo também se modificam.

A agricultura voltada basicamente ao consumo interno e a pecuária de corte, de cujos modos de produção não se tem obtido senão baixos rendimentos, não se mostram competitivos aos novos modos de ocupação do solo que têm procurado de certa forma, o aumento da produtividade. Paralelo e conseqüente à entrada dos novos modos de produção, começa a ocorrer um processo gradativo de redução das produções de gêneros alimentícios, básicos, destinados preferencialmente ao abastecimento interno, (tabela nº 15) acompanhado de um aumento de evasão da população rural em direção da cidade. Note-se que esses novos processos de ocupação areolar dos campos, tem-se feito sob o comando de área externa e, onde a população local tem tido uma reduzida participação. Isso tem permitido, é claro, que as produções sejam manuseadas, diretamente por canais alienígenas até chegar a zona de consumo.

Essas transformações que vêm ocorrendo,

TABELA NÚMERO 15

PRODUÇÃO MUNICIPAL DOS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS BÁSICOS - SALESÓPOLIS

(1940 a 1970)

PRODUTOS	1940			1950			1960			1970		
	(1)	(2)	(3)	(1)	(2)	(3)	(1)	(2)	(3)	(1)	(2)	(3)
Arroz	124	111	-	117	74	73	145	89	82	14	12	42
Feijão	511	389	-	302	206	204	513	370	654	211	287	405
Milho	507	1.681		308	937	570	528	1.178	895	215	359	436
Mandioca	152	421	-	102	540	27	-	2.725	-	63	272	49

FONTE: Censos Agrícolas - IBGE

1= Número de estabelecimentos que procedem ao plantio

2= Quantidade em toneladas

3= Área plantada em hectares

na área rural interessa ao núcleo urbano, na medida em que os tradicionais vínculos cidade x campo são gradativamente alterados.

Com efeito, o campo já não tem expressão como fornecedor dos produtos alimentares de origem rural à cidade. O abastecimento do comércio varejista urbano em produtos locais desta espécie, é restrito. Estes estabelecimentos comerciais, em 1972, recebiam da zona rural salesopolense, uma cota muito pequena de seus estoques em feijão, milho e farinha de mandioca. Procede da área rural ainda a aguardente de um ou dois alambiques existentes. Das áreas de produtos alimentares destinados à comercialização (leite e hortifrutigranjeicultura) praticamente nada se destina à cidade. Note-se que em 1972, apenas 11 pessoas abasteciam-se do leite entregue pelos produtores no entreposto urbano da "Leite Paulista" e as frutas e verduras consumidas pela cidade, chegavam até a população através das barracas domingueiras pertencentes a feirantes de Mogi das Cruzes, como já nos referimos na página 79.

Por outro lado, os vínculos das novas produções da área rural estabelecem-se de preferência diretamente com os canais já constituídos em áreas externas de produção especializada ou com os locais de consumo. Na primeira modalidade incluimos as produções hortifrutigranjeiras, de batata inglesa e leiteiras, que respectivamente são escoadas por canais já constituídos em Mogi das Cruzes (cooperativas agrícolas de comercialização e atacadistas) e Vale do Paraíba (cooperativas de laticínios). Na segunda po

demos incluir a lenha obtida a partir do cultivo florestal , levada a efeito por firmas externas(Companhia Suzano de Papel e Celulose S.A, Companhia Agro-Florestal Paulista, Cia. Fiat Lux) a fibra e as mantas de fôrmião e, a argila refratária, destinadas aos locais de transformação.

Da mesma forma, o abastecimento em bens (máquinário, insumo, sementes, rações, arames, etc) e serviços destinados às produções(financiamentos agrícolas, usufruto dos vários serviços prestados por cooperativas e outros serviços especializados) não é feito no centro urbano local. Neste particular, assume importância a presença de Mogi das Cruzes, São Paulo e numa escala mais modesta,Jacareí.

Os vínculos do núcleo urbano salesopolense com essas áreas de produções comerciais, quando existem são muito restritos. Destaca-se, neste particular, a presença da cooperativa de comercialização destinada ao atendimento dos produtores de lenha da origem local(antigos proprietários rurais) localizada na área urbana e a participação de parte da população nos transportes de lenha até os locais de consumo. Além disso, convém lembrar a presença do entreposto de leite, localizado na cidade, pertencente a "Leite Paulista".(vide foto nº 40). A finalidade é a coleta diária da produção oriunda das áreas de difícil acesso rodoviário,onde os caminhões da cooperativa não poderiam passar. Portanto, sobre os 600 litros diários coletados pelo entreposto (1972), a cidade não tem senão a função de alojamento daquela construção e o recolhimento dos devidos impostos.

Foto nº 40 - Entrepasto local de coleta de leite da área rural pertencente à Leite Paulista.

A população alóctone da área rural(aqui a referência cabe especialmente à coletividade de origem japonesa das áreas hortifrutigranjeiras) prefere eleger como local de compras e serviços o centro urbano de Mogi das Cruzes. A única exceção se faz com relação à utilização das escolas urbanas salesopolenses a nível de primeiro grau.

2 - AS RELAÇÕES URBANAS DE SALESÓ-

 POLIS COM A ÁREA METROPOLITANA -

 NA NO DESEMPENHO DE FUNÇÕES BÁ

 S I C A S

Se os novos processos de ocupação do so-
 lo rural tem atuado no sentido de transformar os modos tra-
 dicionais de relações entre a cidade de Salesópolis e sua á-
 rea rural, por outro lado, a introdução de novas atividades
 no âmbito da cidade, decorrentes da presença metropolitana,
 também atuam no sentido de alterar esses antigos vínculos e
 de dar novas diretrizes à vida da cidade.

Assim, as manifestações de caráter in-
 dustriais(frigorífico, fezonismo do tricô e a fabricação de
 sacos de plasticos de lixo) baseiam-se principalmente na
 transformação de matéria-prima de origem externa e, os víncu-
 los estabelecem-se diretamente com a área de consumo(área me-
 tropolitana).

Com a introdução dessas novas formas de
 produção na área urbana e com a presença do serviço coopera-

tivo e de transporte local ligado à atividade reflorestadora. o núcleo urbano começa a abrigar novas funções e a ampliar seus vínculos com a área metropolitana. Por se tratarem de a atividades voltadas ao atendimento de áreas externas, passam a constituir as funções básicas do núcleo urbano.

A - SERVIÇO COOPERATIVO E DE EXPEDIÇÃO DA PRODU -

ÇÃO RURAL

A cidade retém algumas funções, no relacionamento da produção local de lenha de eucalipto desenvolvida por proprietários rurais de Salesópolis, com as indústrias de papel e celulose.

A COOPERATIVA AGRÍCOLA DE SALESÓPOLIS (vide foto nº 41) encerra o objetivo da procura e orientação ao produtor sobre o melhor mercado para o produto e, de preparo à documentação fiscal. Em 1972, ela atendia a 165 cooperados que optavam pela entrega da lenha, tanto à Companhia Suzano de Papel e Celulose S.A, como à Papel Simão S.A.

No entanto, a existência da Cooperativa, parece se explicar também, em grande parte, pelas comissões que as indústrias de papel e celulose lhe reservam, em função da entrega da produção em grandes quantidades. Por motivos similares, explica-se o atual aparecimento de alguns in

intermediários residentes no município ou mesmo em Mogi das Cruzes que na qualidade de compradores atacadistas conseguem beneficiar-se dessas comissões e, aos poucos, reduzem também o afluxo das produções de lenha à Cooperativa local.

Além do serviço cooperativo feito nestes moldes, à cidade cabe parte da responsabilidade do transporte de lenha do município até as indústrias consumidoras (vide foto nº 42). A lenha de eucalipto sai da área de produção através dos caminhões pertencentes ao produtor como por autos particulares residentes na cidade. O pequeno conjunto urbano contava em 1972 com 26 caminhões e 41 motoristas e auxiliares, estando a maior parte destes profissionais (65%) ocupados neste tipo de atividade.

B - TRANSFORMAÇÃO DE MATÉRIA PRIMA LOCAL E EXTERNA

B.1 - INDÚSTRIA FRIGORÍFICA

O Frigorífico Targimar Indústria e Comércio S.A (vide foto nº 43), desde 1976, propriedade de um dos sócios da Giglio S.A Indústria e Comércio, companhia paulistana de sub-produtos de carne, conta com cerca de 80 operários (em 1978), incluídos 1 veterinário e 6 assistentes, sendo que 40% desse pessoal, classificados como mão de obra mais especializada, não é originário do município.

O frigorífico, atualmente, abate bovi-

Foto nº 41 - Sede do serviço cooperativo aos produtores de lenha, situada a rua XV de Novembro.

Foto nº 42 - O caminhão de lenha, um elemento que integra a paisagem urbana.

nos e suínos e, procede à fabricação de charque. A carne veg de é vendida diretamente aos açougues e mercados de São Paulo e Mogi das Cruzes, enquanto que o charque dirige-se ao mercado paulistano e até mesmo de Recife.

A prestação de serviços de abate à "mar-chantes" ainda consta do maior movimento do frigorífico no procedimento ao abate de bovinos. No entanto, a tendência é a da compra direta nas áreas de engorda (São Paulo, Paraná, Go*ia*s, Mato Grosso e Minas Gerais). O abate do gado local é insignificante, praticamente não existe. O charque é obtido a partir da aquisição de matéria-prima proveniente do abate de outros frigoríficos. Os suínos são adquiridos nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, embora haja um pequeno abate do gado suíno local.

A quantia mensal de abate obedece mais ou menos a uma cota estabelecida pela SUNAB, que prevê para o frigorífico uma média mensal de 1.500 cabeças de gado bovino e 5.500 cabeças de gado suíno.

Os sub-produtos são vendidos à Giglio S. A. Indústria e Comércio, de São Paulo.

B.2 - INDÚSTRIA FAÇONISTA DO TRICÔ

A atual indústria façonista do tricô, um sistema de produção doméstica (vide pág.nº66) que utiliza donas de casa nos intervalos dos afazeres do lar na qualida -

de prestadoras de serviços a determinadas firmas paulistanas de confecção (vide foto nº 44), localmente teve sua origem já em 1955. Inicialmente, no entanto, tratava-se de confecção manual de tricô entregue a umas poucas tricoteiras experientes, já que não havia se vulgarizado a utilização de máquinas portáteis de confecção de tricô.

A introdução se fez através de contato de uma dona de casa tricoteira de Salesópolis, com uma firma de confecção de São Paulo. Como a entrega de fio e recolhimento do trabalho era semanal e, a produção poderia ser relativamente elevada, já que a tricoteira poderia contar com o serviço de outras práticas e a baixos custos, obviamente a relativa distância de São Paulo não constitui grandes óbices a esse sistema de trabalho iniciado.

Com certeza, a popularização e maiores facilidades de aquisição das máquinas de tricô portáteis, de utilização doméstica, na década seguinte, serviu de estímulo à disseminação local da indústria façonista. A máquina de fácil manuseio, trazia a possibilidade de entrega dos trabalhos de tricô mesmo à pessoas não habilitadas neste tipo de confecção manual e, por outro lado, a produção nestes moldes era marcada por um relativo rendimento. Convém lembrar ainda que o exodo rural, já importante na década de 1960, colocava na área urbana um contingente expressivo de famílias sujeitas a baixíssimos rendimentos salariais.

Portanto na década de 1960, o façonismo do tricô passou a ganhar expressão em Salesópolis. A antiga

Foto nº 43 - A indústria frigorífica.

Foto nº 44 - Cena comum no façõnismo do tricô. A máquina de tricô de utilização caseira pode estar inclusive na cozinha permitindo à dona de casa a associação dessa ocupação com os serviços domésticos.

introdutora desse sistema passou a ser também representante local de máquinas de tricô portáteis(4). As vendas foram estimuladas através do pagamento parcelado com o fruto dos trabalhos do tricô executados pelo elemento comprador. Em 1967, o fechamento da fábrica de esteiras que ocupava mão de obra feminina contribuiu também no aumento das donas de casa e outros elementos femininos da família a se interessar pelos trabalhos de tricô. Convém lembrar que esse tipo de ocupação feminina passou a interessar até mesmo à população rural(5).

Por outro lado, a presença das tricoteiras dotadas dos necessários meios de produção, passou a constituir fator de especulação por parte de outros elementos locais e até mesmo de áreas vizinhas, como Santa Branca e Jacareí, na qualidade de intermediários entre as tricoteiras faço- nistas locais e novas firmas metropolitanas interessadas. A presença muito comum destes tipos de pequena indústria que se utilizam do trabalho façonista do tricô, na rua Vinte e Cinco de Março e imediações, foi motivo de afluência de alguns desses elementos. Por outro lado, já se passam a registrar casos

(4) A intermediária, no caso, promoveu demonstração em praça pública, fazendo da atividade façonista do tricô e das vendas das máquinas, um empreendimento. Se inicialmente difundiu a aquisição das máquinas LANOFIX, de rendimentos mais modestos, fez posteriormente o mesmo com relação às máquinas mais modernas e de melhor rendimentos, a exemplo da ELGIN com dois carros. Com a ajuda do marido e filhos, passou a oferecer também assistência técnica.

(5) A população feminina do campo ocupada na indústria façonista tem quantitativamente, ao que parece (faltaram dados precisos) a mesma representação em relação à urbana

em que a tricoteira, que fez desses trabalhos domésticos uma profissão, tendo adquirido várias máquinas e utilizando outros elementos da casa nos trabalhos de confecção, passa a procurar pessoalmente o contato com as firmas paulistas de confecção. Vale dizer que essas alterações de forma de trabalho dão-se também em função da queda da demanda do tricô no verão, quando então a tricoteira necessita de outros canais de escoamento para equilibrar a produção. São no entanto, essas novas alterações, o motivo da diferenciação atual também das formas de relacionamento entre fabricantes de malha de tricô e as pequenas empresas paulistas. O intermediário ou a tricoteira pode ir pessoalmente buscar o fio e entregar os trabalhos prontos, ou então adquirirem eles próprios a matéria-prima e venderem a malha pronta à empresa compradora da capital.

A cidade, portanto, mantém com respeito a essa modalidade de indústria desenvolvida no município, um relacionamento praticamente direto com a capital paulista, através principalmente dos intermediários locais(6). Neste particular, a antiga introdutora local parece ainda concentrar o maior número de adeptos a esse sistema. Em 1972, ela era

(6) A interferência dos intermediários do vale do Paraíba não é ainda muito expressiva, assim como o relacionamento direto entre a tricoteira e a indústria paulistana..Representavam, em 1972 cerca de.. 30% dos trabalhos escoados da área urbana. Não registramos intermediação desses elementos com a população tricoteira da área rural. Por outro lado, embora tenhamos tido a informação sobre o contato direto da tricoteira com a empresa, não constatamos nenhum caso durante a pesquisa.

responsável pelo escoamento do trabalho de 67,5% das casas e 66,6% das tricoteiras pesquisadas, que se ocupavam do tricô na área urbana, valendo acreditar que recebia também quase a totalidade das malhas vindas da área rural, para tal trabalhando com duas firmas confeccionadoras de malhas infantis de São Paulo. Uma das malharias possui máquinas industriais apenas para a fabricação dos tecidos de linha, deixando toda a produção dos trabalhos de tricô em lã e helanca a cargo dessa façonista intermediária. No inverno de 1972, ela admitiu receber o trabalho de cerca de 200 tricoteiras da área urbana e rural. Como o nosso trabalho de pesquisa havia constatado a existência de 106 tricoteiras na cidade, acreditamos, que a área rural deva contribuir com cerca de outra centena delas(7).

Além daquela intermediária, havia mais sete elementos na mesma função, mas que exerciam o papel mais precisamente de segundos intermediários entre a tricoteira e a fábrica, entregando os trabalhos locais a elementos da Santa Branca(6 pessoas) e de Jacareí(apenas uma pessoa)que faziam os contatos diretos com São Paulo. Em função desta pequena proporção de trabalhos de tricô escoados por outros canais de contato, a cidade passa a manter vínculos, neste tipo de atividade, com São Paulo através daquelas cidades do Vale do Paraíba.

(7) Em 1978, a intermediária já contava com cerca de 500 tricoteiros na cidade trabalhando para si.

B.3 - PEQUENA INDÚSTRIA DE RECUPERAÇÃO DE SACOS DE POLIETILENO

NO

Uma pequena indústria fabricantes de embalagens plásticas para lixo, a partir da recuperação de sacos de açúcar de polietileno, voltada a atender o consumo doméstico metropolitano, desenvolveu-se a partir de 1960, nas antigas instalações da primeira fábrica de esteiras (vide pág n°68).

A Casa de Plásticos Casimiro Augusto Gomes (vide fotos N°s 45, 46 e 47), teve sua origem ligada à busca de novas opções manufatureiras por parte do antigo proprietário da indústria de esteiras, quando sentiu o estreitamento do mercado consumidor para aqueles produtos, representado pelo porto de Santos. A experiência anterior na técnica de recuperação do polietileno que já tivera em S.Vicente junto com um elemento de relação familiar, as possibilidades de mercado que a metrópole oferece, juntamente com a facilidade de obtenção da matéria prima junto à uma fábrica de açúcar também de São Paulo, constituíram os principais motivos da reabertura das antigas instalações para outro tipo de manufatura.

Esse pequeno empreendedor possui um caminhão que utiliza para o transporte das embalagens plásticas fabricadas, até São Paulo, ao mesmo tempo em que aproveita o retorno para o transporte de sacos usados de açúcar. Com a utilização de rústicos maquinários montados localmente pelo produtor, para se proceder à recuperação dos sacos usa -

A INDUSTRIA DE RECUPERAÇÃO DE SACOS PLÁSTICOS
E INSTALAÇÕES INTERNAS.

Foto nº 45

Foto nº 46

Foto nº 47

dos, a pequena indústria semi-artesanal utiliza apenas dois auxiliares.

O desfrute dessas funções é um fenômeno relativamente recente e se deve, como vimos, a uma maior intensidade de contatos com a área metropolitana.

Tratam-se de funções constituídas por atividades que tem interessado também algumas áreas vizinhas de Salesópolis ou a outros arredores de São Paulo. A atividade de faconista do tricô encontra-se, por exemplo, já bastante disseminada em áreas como as do vale do Paraíba(Paraibuna , Santa Branca, Guararema, Jacareí, Natividade da Serra, Taubaté, Redenção da Serra, Piquete, São Luiz do Paraitinga , Biritiba-Mirim, Bragança Paulista, Socorro) Os reflorestamentos, da mesma forma, abrangem áreas vizinhas de Salesópolis (Vale do Paraíba, Biritiba-Mirim e Mogi das Cruzes) outros arredores de São Paulo(Jundiaí, Cajamar, Franco da Rocha, Maiaporã e outros), além mesmo de outras áreas mais distantes situadas no interior do estado(a exemplo de Cananéia). A instalação de pequenos estabelecimentos frigoríficos passou a interessar a periferia e os arredores de São Paulo desde a década de 1950, estimulada"pela proximidade da metrópole paulista como grande centro consumidor e pela facilidade na obtenção da matéria-prima das áreas de engorda"(8). Assim po

(8) CF. BENITES GIMENES, Miguel - "Os Frigoríficos da Grande São Paulo e arredores(estudo geográfico) - dissertação de mestrado apresentada ao Dptº. Geografia da F.F.L.C.H da USP - 1978(inédita)p. 24.

demos classificar o aparecimento dos frigoríficos de Itapevi, Jandira, Cotia, Jundiaí, Valinhos e Vinhedo.

Ainda em vista da presença metropolitana, uma função de repouso, em momentos de lazer, poderia estar na eminência de se definir, quando já se constatou a existência na cidade, de 7 residências pertencentes a elementos que habitam outros centros urbanos (4 de Mogi e 3 de São Paulo). Trata-se, é claro, de uma antecipação ainda hipotética, quando algumas dessas residências pertencem a ex-moradores de Salesópolis que após mudarem para Mogi das Cruzes, ou São Paulo, decidiram conservar um local para o constante retorno de férias. Mas, os poucos exemplos das pessoas que habitam em Mogi das Cruzes ou São Paulo, e que adquiriram casas com o objetivo de descanso em épocas de lazer, sob a alegação da tranquilidade e clima salutar que a pequenina cidade de montanha oferece, aliada à tentativa, por parte das autoridades administrativas locais em preparar conjuntamente com a Emplasa, uma infra-estrutura que permita o usufruto do lazer à população paulistana, trazem os indícios daquela possibilidade. Acrescente-se a isso, a construção de um "Restaurante Dançante" na cidade em 1978, relativamente sofisticado para o modesto centro urbano. De propriedade de paulistanos que se transferiram para o município, o estabelecimento foi feito na expectativa de acolher os prováveis visitantes paulistanos nos fins de semana, tendo em vista a inclusão de Salesópolis como área verde destinada ao lazer pelas autoridades administrativas da Grande São Paulo.

3 - A S R E L A Ç Õ E S U R B A N A S D E S A L E S Ó P O

 L I S C O M Á R E A S V I Z I N H A S D O V A L E

 E L I T O R A L P A U L I S T A

Atualmente, os vínculos de Salesópolis com as áreas vizinhas do Vale do Paraíba e Baixada Litorânea, são pouco expressivos. Eles têm ocorrido, na medida em que a presença de determinados fenômenos regionais, de caráter temporário (obras de infra-estrutura, plantio de essências florestais), ou permanentes (pecuária de leite, feijão do tricô) têm atuado na atração eventual de população em busca de serviços ou, na canalização, para efeitos de comercialização, das produções regionais. Ainda pode-se dar com relação a determinadas funções específicas (centro de peregrinação religiosa de Aparecida do Norte e praias de São Sebastião e Caraguatatuba como centro de lazer).

Assim, a construção de barragens em Paraíba e Salesópolis, do oleoduto de Paulínea, da remodelação da estrada Paraíba-Litoral, plantio dos grandes cultivos florestais levada a efeito por firmas (a exemplo do reflorestamento em Santa Branca em 1972 realizado pela Papel Simão

S.A), no momento em que se deram, atuaram como verdadeiras fontes de emprego, atraindo a população dos municípios mais próximos.

A expansão das áreas de pecuária de leite do Vale do Paraíba para dentro dos limites salesopolenses, como vimos (pág. 59) criou vínculos entre as duas áreas, na medida em que a coleta e comercialização do leite passou a ser feita por cooperativas de laticínio do Vale.

Da mesma forma, o escoamento da produção tricoteira por meio de intermediários residentes em áreas vizinhas do Vale do Paraíba é motivo de um pequeno relacionamento entre as áreas de Salesópolis e municípios daquela área (Santa Branca e Jacareí).

Um pequeno contingente da população salesopolense costuma afluir eventualmente à Aparecida do Norte, no cumprimento de promessas, realização de batizados e outras atividades de caráter religioso, dada a relativa proximidade daquele centro de peregrinação e do expressivo sentimento religioso da população local.

Também, para as praias de Caraguatatuba e São Sebastião, tem-se dado regularmente a afluência de alguns salesopolenses, nos fins de semana, feriados ou temporadas, sendo mesmo que alguns deles possuem naquele litoral, residências para esses fins.

Os contatos com o Litoral Santista, no fornecimento de embalagens de palha de tabua para a exporta -

ção de banana, iniciada em 1945 (vide cap. I, pág. 45), praticamente desapareceu, em vista de uma diminuição do consumo por parte do porto exportador. A desconcentração da exportação da banana daquele porto, através do desmembramento para outros canais de escoamento e, a substituição da esteira de palha pela embalagem plástica, constituíram os principais causadores da diminuição do consumo por parte daquele porto exportador.

A pequena intensidade dos vínculos com essas áreas vizinhas, no âmbito regional, explica a existência de contatos feitos por estradas destituídas de pavimentação (vide fig. nº 3).

No entanto, se o contato com o litoral norte ainda não se reveste de importância, é grande o interesse municipal em restabelecer os antigos contatos com São Sebastião nos moldes rodoviários modernos. A existência de uma estrada pavimentada que permitisse o tráfego direto São Paulo-Mogi das Cruzes-Salesópolis até aquele litoral, ligação essa que possuiria distâncias menores que aquelas atingidas através da via Dutra-Paraibuna, possibilitaria à cidade o restabelecimento da antiga posição de passagem e uma possível revitalização urbana. De acordo com as proposições do órgão central administrativo da Grande São Paulo, feita em 1970 (PMDI), a construção de uma grande perimetral regional cruzando cidades como Piedade, Sorocaba, Itu, Campinas, Valinhos, Atibaia, Nazaré Paulista, atingiria Salesópolis e o litoral norte através de Jacareí e Santa Branca. Essa liga-

ção em composição com a via pavimentada de Mogi das Cruzes iria concretizar os antigos anseios locais, de forma a colocar a cidade como ponto de travessia também no sentido Vale do Paraíba-São Sebastião(vide fig. nº 6)

4 - A S R E L A Ç Õ E S D E D E P E N D Ê N C I A C O M :

 R E S P E I T O A O A B A S T E C I M E N T O D A

 C I D A D E E M B E N S E S E R V I Ç O S

A cidade de Mogi das Cruzes assume particular importância com relação ao fornecimento de mercadorias e serviços ao modesto aglomerado urbano de Salesópolis.

Mogi das Cruzes, no final do século já contava com os trilhos da Central do Brasil e deve sem dúvida, o seu extraordinário crescimento à proximidade de São Paulo. Na década de 1940 começou a passar por um processo industrial(9) e o centro passou a ganhar uma grande ampliação e diversificação de suas atividades terciárias, atualmente com características de elevado índice de auto-suficiência. Graças a esse relevante desenvolvimento interno e, a consequente polarização que esse conjunto urbano exerce sobre as várias cidades vizinhas menores do Alto Tietê, a exemplo de Biritiba Mirim, Taiapuê e Salesópolis, Mogi das Cruzes

(9) Vide LANGENBUCH - op. cit. p. 3 (vide pag.181).

desfruta do papel de "centro de zona(10).

A ligação rodoviária entre Salesópolis e aquele grande centro, restabelecida na década de 1920 e pavimentada quatro décadas mais tarde, sem dúvida constitui a via mais importantes de contato externo de pequeno aglomerado urbano. Através desse "cordão umbilical" que o liga a Mogi, Salesópolis mantém também uma vida de relações mais intensa com aquele centro onde assume particular importância as relações de dependência.

Essa dependência de Salesópolis em relação a Mogi das Cruzes se faz muito mais a nível de abastecimento em serviços. No tocante ao suprimento da população em mercadorias, a cidade de São Paulo tem significação similar a de Mogi das Cruzes e, em alguns casos até mesmo algumas cidades do vale do Paraíba tem uma certa participação.

A - O SUPRIMENTO EXTERNO EM MERCADORIAS

A. 1 - O ABASTECIMENTO DA POPULAÇÃO

A fragilidade do equipamento comercial do pequeno centro urbano coloca a população na dependência de fornecimentos externos, mas num grau de consumo ainda muito limitado, em vista de um baixo nível de renda de maior

(10) Vide LANGENBUCH, - op.cit. p. 3 (vide p.248)

parte desse contingente que habita a área.

O comércio varejista local é quase auto-suficiente no atendimento das modestas exigências alimentares da população, sendo responsável pelo abastecimento de 85,5% dos domicílios urbanos em gêneros alimentícios básicos (vide tabela nº 16).

A influência externa se faz sentir muito mais com relação às roupas, calçados e eletrodomésticos. Neste particular, a feira mensal de "quinta de mes", é responsável por parte do suprimento local de roupas, calçados e alguns utensílios domésticos de consumo ordinários. À Mogi das Cruzes afluí principalmente a classe mais favorecida para a aquisição em especial de calçados e em menor intensidade, de vestuários, já que muitas vezes o tecido para roupa é adquirido na própria cidade para posterior confecção caseira.

A aquisição de eletrodomésticos é feita basicamente em Mogi das Cruzes, ou pela presença de um revendedor autorizado local. Neste último caso estão incluídos boa parte das vendas de fogão a gás e rádio, os produtos desses gêneros mais consumidos localmente. Em 1973, a revenda autorizada local de mercadorias daquela espécie provenientes de Mogi das Cruzes, já se fazia representar pela presença de um estabelecimento de comércio, quando até essa data a revenda era realizada por um ambulante.

Note-se (tabela nº 16) uma certa incidência da aquisição de rádios já usados, pequeno número de famílias que consome eletrodomésticos e a existência de

TABELA NÚMERO 16

A B A S T E C I M E N T O D O S D O M I C Í L I O S U R B A N O S

Salesópolis - (%) 1972

MERCADORIAS	SALESÓPOLIS				MOGI DAS CRUZES	SÃO PAULO	OUTROS LOCAIS	GANHOU	COMPROU USADO	NÃO UTILIZA	SEM INFORMAÇÃO
	Total	(1)	(2)	(3)							
Gêneros alimentícios											
básicos	85,5	85,5	-	-	13,0	1,2	0,3	-	-	-	-
Roupas	75,4	65,9	9,5	-	16,3	4,1	0,8	3,4	-	-	-
Calçados	65,7	56,5	9,2	-	24,7	4,4	1,2	3,1	-	0,9	-
Eletrodomésticos											
geladeira	-	-	-	-	16,0	2,0	1,0	0,5	0,5	80,0	-
enceradeira	-	-	-	-	13,1	1,3	0,5	0,4	0,4	83,2	1,2
rádio	16,0	-	.	16,0	28,0	2,6	4,2	2,6	14,4	31,0	1,2
televisor	-	-	-	-	35,4	3,2	2,5	1,4	3,1	54,4	-
fogão a gaz	13,3	-	-	13,3	51,0	4,1	3,7	3,4	3,4	14,8	6,3

(1) Compra feita em estabelecimentos comerciais locais

(2) Compra feita nas feiras mensais de quinta feira

(3) Compra feita em revendedor autorizado no local

FONTE: Formulário de Aplicação Domiciliar-1972

quase 1% das famílias dos domicílios urbanos que não se utilizam de calçados .

A.2 - O ABASTECIMENTO DOS ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Os proprietários comerciais costumam fechar seus estabelecimentos na segunda feira (vide pág.78), dia que utilizam para buscar com condução própria boa parte de suas mercadorias. Neste particular merece destaque a expressiva afluência aos estabelecimentos atacadistas de Mogi das Cruzes e São Paulo. Destacam-se as compras de ferragens, louças e materiais de construção, calçados, materiais escolares plásticos, tecidos, roupas feitas e armarinhos. Os quatro últimos artigos são particularmente provenientes de São Paulo.

Existe, no entanto, uma complementação desse abastecimento, feita por contato com viajantes de firmas produtoras, que visitam frequentemente o pequeno centro urbano, a exemplo da aquisição de bebidas, doces, massas alimentícias, produtos de fecularia e frios. Neste caso, a proveniência nem sempre é apenas de Mogi e São Paulo, mas também de algumas cidades do Vale do Paraíba (Jacareí, São José dos Campos, Taubaté).

B - A UTILIZAÇÃO EXTERNA DE SERVIÇOS PELA POPULA -

ÇÃO

B.1 - SANITÁRIO

Conforme constam os dados obtidos a partir dos formulários de aplicação domiciliar, a afluência de grande parte da população para os hospitais de Mogi das Cruzes(52,7% das famílias) e São Paulo(10%) mesmo após o recente funcionamento da Santa Casa local, prende-se não só ao seu precário atendimento, como ao seu não subvencionamento ao INPS. A Santa Casa de Mogi foi em 1972, a entidade que recebeu o maior número de internamentos por parte dos salesopó - lenses, o mesmo tendo se dado com o Hospital das Clínicas em São Paulo, sendo que os outros hospitais procurados também prestavam o atendimento pelo INPS.

Também, em 1972, um grande índice da população questionada ainda recorria aos serviços médicos de Mogi das Cruzes, quando a cidade já tinha ganhado um clínico geral. As respostas que obtivemos às causas desta busca externa foram principalmente a falta do atendimento pelo INPS e o costume aos médicos de Mogi das Cruzes, em vista da constante falta de permanência desses profissionais no local. Eram comuns as expressões "lá já temos o médico de família", "o médico já conhecido", "o médico de confiança". Aqueles que buscavam recursos sempre na própria cidade, ou que recorriam aos serviços externos, somente para os casos em que se exigia especialidade, alegaram principalmente a falta de recursos para os gastos de viagem. Também existem ainda alguns casos, casos, em que as famílias procuram a resolução de seus males nos remédios caseiros(1,2%):

A procura pelo dentista, como podemos ver pela tabela nº 12 já é bem menor(31,7% não tinham feito uso dele) e o serviço local é o mais utilizado. Aqueles que se abstêm do atendimento, normalmente recorrem ao gabinete dentário em casos extremos, em que é exigida a extração. Os 26,4% da população que procuram o centro de Mogi das Cruzes ou outros locais, como São Paulo, São José dos Campos ou Jacareí, são normalmente os mais favorecidos que nas cidades maiores podem optar pela melhor escolha do profissional, ou para os casos de especialidade.

.B.2 - EDUCACIONAL

Registramos em 1972(11), a existência de 780 pessoas que frequentavam os bancos escolares, o que correspondia a 27,3% do total da cidade. Desses estudantes,.... 12,6% tinham necessitado, mediante o nível escolar a que já haviam atingido, recorrer aos centros educacionais externos. Eram principalmente aqueles que cursavam a universidade..... (6,9%) e o colegial(5,4%), além de um pequeno número (0,3%) de estudantes do curso supletivo ginasial. A esmagadora maioria dirigia-se a Mogi das Cruzes, tendo sido registrado naquela época, apenas tres casos em que o deslocamento se fazia em direção de outras cidades. Esse deslocamento diário é feito de carro próprio, ou alugando o próprio auto para os a companhantes, a grande maioria, no entanto, depende de ôni-

(11) CF. dados obtidos a partir dos formulários de aplicação domiciliar - 1972.

bus, fato que explica a existência de tres horários especiais, conhecidos como "horários escolares", suprimidos em tempo de férias.

Além disso, em 1972, um pequeno número de famílias mantinham seus filhos estudando e residindo fora da cidade. Somavam ao todo apenas 8 elementos, sendo dois do sexo feminino. Quase todos estudantes nesta condição, eram universitários ou vestibulandos e encontravam-se principalmente em São Paulo.

B.3. - OUTROS SERVIÇOS

A faixa populacional mais favorecida, com um nível de consumo e necessidades maiores, vê-se na contingência do contato com o centro melhor equipado, em busca de alguns serviços mais raros, a exemplo de funilarias, pinturas e mecânica especializada em autos, trabalhos de xerografia, fotocópias, serviços gráficos em geral e outros serviços mais especializados.

Outrossim, embora a cidade conte com uma agência bancária de jurisdição municipal, os financiamentos destinados ao reflorestamento ou outros financiamentos agrícolas são feitos através dos bancos oficiais de Mogi das Cruzes.

RESUMO DOS TRAÇOS ESSENCIAIS

(1) O modesto núcleo urbano de Salesópolis ainda preserva em relação à sua zona rural, a antiga função de centro religioso e de prestação de serviços.

Os Domingos e algumas antigas festas de manifestação local, não só agem como motivos de afluxo da população rural na cidade, como podem propiciar um maior ativamento da vida comercial do centro urbano, tanto dos estabelecimentos locais de comércio, como das manifestações comerciais internas levadas a efeito por elementos alienígenas.

Os serviços prestados constam como os de utilização mais ordinária, onde se destacam principalmente os de caráter administrativo, educacional e sanitário.

No atendimento de uma clientela exclusivamente urbana, destaca-se algum tipo de comércio e serviço, a exemplo da distribuição do gás doméstico, das barracas de frutas e verduras que nos domingos são montadas na cidade por feirantes de Mogi das Cruzes, pelos serviços urbanos de melhoria pública.

(2) Verifica-se, no entanto, que na medida em que o município sofre a introdução de produções comerciais, decorrentes da presença metropolitana e, onde se destaca a iniciativa externa, as velhas relações no âmbito municipal modificam-se qualitativamente e os vínculos com

a área metropolitana começam a se intensificar. Gradativamente, ocorre a substituição das relações centro local x campo pelas relações centro local x metrôpole e campo x metrôpole. Assim se a área rural deixa aos poucos de ser abastecedora da cidade em gêneros alimentícios básicos, passam a o correr na zona rural fenômenos que independem da atuação urbana local, e a cidade ganha novas funções em relação às areas externas que independem da participação rural.

(3) As funções básicas da cidade definem-se, como resultantes de vínculos estabelecidos com indústrias de papel e celulose de áreas próximas (Suzano e Jacareí) e com São Paulo. No tocante às relações de dependência em mercadorias e serviços, no entanto, Mogi das Cruzes assume particular importância.

CAPITULO III

A P O P U L A Ç Ã O

U R B A N A

1 - O EFETIVO URBANO SALESÓPOLENSE

O relativo isolamento a que ficou submetido todo município de Salesópolis, após a implantação das grandes vias de circulação (vide cap. I pág. 31) foi, sem dúvida, o fator mais importante a decidir na conservação de uma população basicamente autóctone e numericamente modesta, que conseguiu manter durante esse período uma certa estabilidade de crescimento, uma vez que praticamente não registrou movimentos de saída ou entrada e os acréscimos foram baseados principalmente na relação natalidade ~~x~~ mortalidade.

A cidade de Salesópolis apresentou em... 1972, de acordo com os dados obtidos a partir dos formulários de aplicação domiciliar, uma cifra de apenas 2.850 habitantes(1). Dentro da Grande São Paulo, estaria entre os núcleos urbanos de menor número de população, similares às de Guararema, Biritiba-Mirim, Pirapora do Bom Jesus, Jiquitiba, todos na condição de modestos núcleos urbanos.

(1) Convém destacar que embora tenhamos tido o cuidado de utilizar uma divisão similar de área urbana e rural à do IBGE, os resultados numéricos foram inferiores àqueles de 1970, coletados por aquele órgão. O mesmo apontou em 1970 para a área urbana 3.277 pessoas.

TABELA NÚMERO 17

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE SALESÓPOLIS

de 1950 à 1970

	Número de habitantes			Índice de Variação	
	1950	1960	1970	50/60	60/70 (%)
Municipal	8.720	9.130	9.560	4,70	4,71
Urbana	1.170	1.729	3.277	47,77	89,53
Rural	7.550	7.401	6.283	-1,97	-15,10

FONTE: Censos demográficos do IBGE

De acordo com os dados populacionais pelo IBGE, esse contingente demográfico urbano ainda é menos expressivo que aquele das áreas rurais do município (34,27% do total municipal em 1970). Trata-se da sede urbana de um município bastante "ruralizado" do ponto de vista da distribuição da população municipal.

Como a tabela nº 17 permite-nos visualizar, no entanto, a área urbana de Salesópolis tem passado nas últimas décadas, por progressivos acréscimos populacionais, decorrentes de um êxodo rural cada vez mais acentuado. Com efeito, se o município nas décadas de 1950-60 e 1960-70 esteve entre os três municípios da Grande São Paulo que apresentaram os menores índices de crescimento populacional (Salesópolis, Guararema e Juquitiba), a população urbana, ao contrário, aumentou em detrimento da rural. O contingente humano da cidade é, em face disso, basicamente constituído de elementos oriundos da área rural.

A acentuação progressiva dos fenômenos que já anteriormente vinham constituindo fatores de liberação da população rural em direção à cidade (vide cap. I pag. 50) foi auxiliada, numa fase mais recente, pela presença das obras de infra-estrutura no município e áreas vizinhas. Se de um lado, essas obras representaram, no momento em que se deram, "fontes de emprego" local, atraindo a mão de obra mobilizada para residências urbanas, por outro lado, no caso da construção da barragem de Ponte Nova, a atuação foi no sentido de desapropriação de propriedades rurais e de um conseqüente abandono forçado da área a ser ocupada pelas águas pela po

pulação residente(2).

- (2) Neste caso, não se verificou deslocamentos para a área urbana. Os proprietários desapropriados possuíam também áreas em outros locais não atingidos pelas águas represadas.

2 - ORIGEM DA POPULAÇÃO URBANA

.....

Do ponto de vista humano, umas das características desse minúsculo conjunto urbano, que de certa forma ainda se conserva isolado, é a predominância de elemento autóctone, natural daquela parcela do sertão dos arredores paulistanos(3).

Do ponto de vista de origem, os questionários domiciliares aplicados em 1972, acusaram uma percentual de 91,5% relativo a esse tipo de contingente nascido no lo

(3) PETRONE, Pasquale faz referências aos sertões dos arredores de São Paulo e sua obra "Os Aldeamentos paulistas e sua função na valorização da região paulistana"-vol II - pág. 293.

cal ou nos arredores vizinhos(4). A presença da minoria alóctone dá-se principalmente em função de transferência, promoções ou posses de cargos públicos, de exercício de funções específicas(padre, médico, farmacêutico, dentista), de casamentos. Desses apenas nove elementos (0,3%) eram estrangeiros(5).

É interessante notar também na quase total ausência do elemento negro, tão frequente no vizinho Vale do Paraíba, fato que atribuímos à expressão do escravismo na época do café no Vale, que Salesópolis não chegou a viver(vide capít. I pág.18).

O traço predominante desse grupo humano remanescente é portanto, uma certa homogeneidade étnica e

(4) A presença desse contingente humano vizinho é relativamente acentuada(22,1%), principalmente com respeito ao Alto Paraíba. Percebemos diretamente na área e os dados nos ajudam a comprovar que essa presença tem se dado por uma mera questão de vizinhança de áreas similares. As causas mais frequentes eram:(a) a relativa proximidade de Salesópolis às áreas rurais contíguas de atual repulsão demográfica pertencentes a esses municípios que já utilizavam a cidade como centro de serviços;(b) casamentos com elementos (nesses casos constatamos o alto número de esposas provenientes dessas áreas); (c) mudanças anteriores de famílias dos campos de Salesópolis que se deslocavam para áreas vizinhas, onde tiveram filhos e depois retornaram em direção à cidade;(d) estabelecimento de elementos que vieram por transferência e promoções públicas;(e) alguns casos de pessoas que vieram para trabalhar nas obras eventuais do município interessando a metrópole e que passaram a se estabelecer na cidade.

(5) Aqui lembramos a entrada de alguns comerciantes italianos e dos agricultores espanhóis de Sabaúna (vide pág.41).

cultural. O elemento que o caracteriza é, sem dúvida o caboclo. A marca de suas origens deixa-se transparecer nos traços fisionômicos e nos costumes. O seu isolamento influiu no mínimo de assimilação de novos costumes, o que facilitou a preservação de seus próprios. É antes de tudo, um desinformado raramente sai de sua cidade e é alheio à leitura de jornais. A televisão é o veículo de informação que depois do rádio, teve a maior penetração. Desconhece modismos, vestindo-se pobremente e fala um vocabulário e sotaque que lhe é característico, mas ao qual já se percebe a influência da televisão. A alimentação deficiente e a falta de orientação com relação aos hábitos de higiene e de combate as doenças, conferem-lhe um aspecto desnutrido e maltratado. Dotado de um espírito de extrema religiosidade, é também um conformista com a própria condição miserável de seu padrão de vida (vide foto nº 48).

Foto nº 48 - O caboclo salesopolense

3 - COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO POR IDADE, SEXO E ESCOLARIDADE

A relativa estabilidade da população do município quanto aos fluxos de saída(6) e entrada, permite-nos ver refletida na estrutura da pirâmide populacional da cidade(vide fig. nº 7), uma situação muito comum no caso brasileiro. Uma pirâmide de bases largas, denotando um alto índice de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos(50,5%), resultado de uma forte natalidade. Por outro lado, uma afinação rápida da pirâmide que termina num ápice bastante estreito, indicando uma mortalidade que atinge as várias faixas de idade e uma população senil quase inexpressiva(vide tabela nº 18). Trata-se portanto de uma população caracteristicamente jovem que deve seu crescimento, antes de tudo, a um crescimento vegetativo, mas com uma mortalidade ainda relati

(6) As saídas de população só passam a tomar expressão na década de 1970

FIG. 07

A ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO URBANA salesópolis- 1972

TABELA NÚMERO 18

POPULAÇÃO POR FAIXA DE IDADE

Salesópolis - 1972

IDADE	FEMININO		MASCULINO		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%
0 - 14	540	18,94	441	21,23	1.145	40,18
15 -19	151	5,30	143	5,01	294	10,32
SUB-TOTAL	691	24,24	748	26,24	1.439	50,50
20 -59	618	21,70	607	21,30	1.225	43,00
60 e mais	100	3,50	85	2,98	185	6,50
TOTAL	1.409	49,44	1.441 *50,56		2.850	100,00

FONTE: Questionários domiciliares

* acrescido no total uma pessoa sem a indicação de idade

yamente elevada e uma esperança de vida relativamente curta (7).

Uma outra característica da população é a relativa simetria com relação aos dois sexos, com uma pequena superioridade numérica com relação à faixa masculina. Por grupo de idade, encontramos algumas particularidades. A faixa dos jovens (crianças e adolescentes) é superior no sexo masculino, havendo um equilíbrio com a faixa adulta e uma predominância ligeiramente maior da faixa senil do sexo feminino, fato que nos dá um indício de um nível de mortalidade mais elevado para o sexo masculino. Por outro lado, se o grupo masculino de 15-19 anos e o de 20-59 anos, apresentaram-se ligeiramente inferiores ao sexo oposto, atribuímos ao fato, o recente movimento de transferência da população para fora dos limites urbanos que tem atingindo principalmente os jovens de 15 a 29 anos.

Por outro lado, o nível de instrução desse contingente humano que habita o centro urbano de Salesópolis é ainda bastante insatisfatório. Aqui devemos considerar.

-
- (7) Um trabalho de pesquisa realizado no município por uma equipe de alunos da Faculdade de Higiene de São Paulo, em julho de 1969, auxiliou na constatação do agravante índice de mortalidade infantil e de natalidade. Além disso, os problemas de saúde mais frequentes foram apontados por este trabalho como: diarreia, doenças respiratórias, desnutrição, verminose e carie dental, cujas prováveis causas encontram-se da deficiência do saneamento básico urbano, desinformação da maioria da população no que diz respeito à sanidade e alimentação, insuficiente assistência médica - "Crenças, Percepções, Atitudes, Comportamentos" - F.H.S.P - julho de 1969.

ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO URBANA ACIMA DE 7 ANOS

FONTE: Formulário de aplicação domiciliar - 1972

que, além da cidade ser desprovida de qualquer espécie de ensino de nível superior e segundo grau e, contar com um alto índice de população rural, que quando alfabetizado, recebeu um mínimo de escolarização, a própria natureza da economia local de caráter ainda pobre e atrasado, não chegou a proporcionar a busca e a melhoria de instrução e preparo técnico por parte da maioria da população, de baixos níveis salariais, que ainda conta com alto encargo do contingente jovem.

Consideramos apenas o efetivo humano em idade escolar e ainda obtivemos um índice de analfabetismo da ordem de quase 20%. Do nível primário 42,49% não completaram o curso ou frequentaram apenas o Mobral(8), desta forma podemos categorizá-los como semi-alfabetizados. Portanto 62,16% da população urbana acima de 7 anos constituem-se de analfabetos e semi-alfabetizados, sendo que apenas 17,97% possuem o grupo escolar completo. Dentro do primeiro grau e já considerado pelas autoridades brasileiras como de frequência obrigatória, o ginásio ainda constitui o privilégio de uma minoria que abrange a faixa jovem e quase todos ainda frequentadores dos bancos escolares(13,91%). Os cursos de segundo grau e superior somados não abrangem mais do que 5,92% da população urbana acima de 7 anos, sendo que apenas 12 pessoas (0,52% da população acima de 7 anos) são diplomados em curso superior.

(8) O efetivo humano que tinha adquirido escolaridade de nível primário na área rural, raramente tinha chegado a completá-lo pelo fato de anteriormente inexistir o ensino de última série deste nível naquela área.

Podemos ainda visualizar na pirâmide populacional que o nível de instrução varia conforme o sexo e a idade. O número de analfabetos é muito maior no sexo feminino, o que acontece também com o número de elementos com o primário incompleto. No tocante aos outros níveis, as diferenças não são acentuadas. Vejamos também que essas diferenças de escolaridade entre sexo é mais expressiva na população adulta e sobremaneira acima de 30 anos. Vale dizer que as maiores oportunidades de ensino oferecidas atualmente pelo próprio município e Mogi das Cruzes têm colaborado para reduzir aquela disparidade na faixa etária mais jovem. Os níveis mais graduados de ensino se concentram na faixa de 18 a 50 anos no sexo masculino e na faixa de 18 e 35 anos no sexo feminino.

4 - A T I V I D A D E S D A P O P U L A Ç Ã O

As forças repulsivas do campo e a atração que as obras locais de infra-estrutura de iniciativa metropolitana exerceram sobre os habitantes do município, como "fontes de emprego" são, com efeito, as responsáveis pela presença atual na cidade de um contingente humano numeroso oriundo de atividades rurais que aliam à desqualificação profissional e insuficiente grau de instrução.

A - A POPULAÇÃO ATIVA URBANA

Consideramos aqui população potencialmente ativa, aquela pertencente à faixa de 12 a 60 (mulheres) e 65 (homens) anos, baseados no decreto lei nº 229 de..... 28/2/1967 da Consolidação das Leis do Trabalho que considera menor para efeitos de trabalho, os elementos de 12 a 18 anos e, no Regulamento Geral da Previdência Social que determina para efeitos de aposentadoria(1972) as idades de 60 (mulheres) e 65 (homens) anos. Retirados os incapacitados físicos

(em número de 7), a população ativa não remunerada e a que não trabalha, da população potencialmente ativa, obtivemos a população ativa remunerada(vide tabela nº 20).

Tendo se procedido a esse cálculos com os dados demográficos obtidos a partir dos formulários de aplicação domiciliar(1972), constatamos que a população potencialmente ativa constitui 62,8% do total geral da população urbana. No entanto, quando se considerou apenas a população ativa remunerada, essa proporção caiu para apenas 32,8%. E incluindo os elementos assalariados idosos e menores de 12 anos, a cidade passa a contar com uma população efetivamente ativa remunerada de 34,4% em relação ao seu total.

A situação é demonstrativa de uma população que apresenta ainda um grande número de elementos femininos voltados às atividades domésticas não remuneradas e de um contingente humano jovem expressivo, onde a ocupação com os afazeres estudantis, libera boa parte desse contingente de atividades remuneradas. Mas ainda como decorrência do grande número de população jovem, temos uma participação expressiva dos mesmos nas atividades econômicas da área. Note-se até mesmo a participação de elementos com menos de 12 anos, que pode-se fazer em detrimento da instrução geral.

B - OCUPAÇÕES DA POPULAÇÃO

A população efetivamente remunerada urba

TABELA NÚMERO 20

POPULAÇÃO URBANA ATIVA - Salesópolis - 1972

	TOTAL	HOMENS	MULHERES
População potencialmente ativa	1.790	914	876
População Ativa não remunerada	390	24	366
-Ajudam chefe de família	30	24	6
-Atividades domésticas	360	-	360
População que não trabalha	463	214	249
- Estudantes	268	151	117
- Aposentados e Pensionistas	26	17	9
- Procuram emprego	16	16	-
- Desocupados	82	8	74
- Sob o encargo familiar	71	22	49
População ativa remunerada	937	676	261
População efetivamente ativa remunerada	982	700	282
- Além dos 60 e 65 anos	38	22	16
- Além dos 12 anos	7	2	5
- População ativa remunerada	937	676	261

FONTE: Formulários de aplicação domiciliar-1972

na caracteriza-se de um lado, pelo efetivo tradicionalmente ocupado no comércio, serviços e pequenas atividades industriais que mantêm o centro urbano, pelos funcionários públicos mantenedores da estrada de ligação - Salesópolis-Mogi das Cruzes e pelos proprietários rurais. De outro lado, por uma população de origem rural que como mão de obra excede as necessidades do pequeno e mal equipado núcleo urbano e ainda por aqueles que procuraram serviços em outros centros urbanos.

A mão de obra excedente voltou-se principalmente à execução de pequenos serviços não especializados, ou então ficou a mercê de ocupações rurais eventuais. Esse pessoal facilmente mobilizado para serviços a baixo custo, constituiu interesse por parte das grandes firmas que atuaram localmente ou nas vizinhanças, para quem boa parte desse contingente humano tem sido atraído.

B.1 - OCUPAÇÕES TRADICIONAIS DA POPULAÇÃO URBANA

Os proprietários rurais, funcionários do DER e os elementos ocupados nas atividades de comércio, serviços e indústria local constiuem 38,9% da população efetivamente ativa e remunerada. Neste particular, tem realce o efetivo humano ocupado no serviço e comércio urbano (74,4% desse contingente).

Os serviços, setor de mão de obra mais numeroso, absorvem principalmente força de trabalho voltada às funções administrativas, cargos de decência e de motoris-

tas.

A Prefeitura é o órgão administrativo que admite o maior número de funcionários. Os outros órgãos públicos funcionam com um mínimo de cargos lotados.

Os professores de nível primário são relativamente numerosos, uma vez que parte deles exercem suas funções nas áreas rurais. O inverso ocorre com os do nível secundário, quando alguns docentes habitavam a cidade de Mogi das Cruzes.

A classe de motoristas em trabalhos urbanos, também numerosa, é representada principalmente por transportadores de lenha de eucalipto dos cultivadores locais para a área de consumo e, pelos taxistas transportadores de passageiros para as áreas vizinhas destituídas de ligação por ônibus (vide cap. II pág. 113).

O comércio, segundo setor de importância na absorção de mão de obra local, caracteriza-se principalmente pela presença dos comerciantes e auxiliares. Além além deles encontrou-se apenas três elementos que se diversificavam, dessa categoria, que se apresentaram na condição de corretores.

Os proprietários rurais apareceram como parcela numérica relativamente expressiva na composição profissional do habitante urbano, mas pouco representa em relação ao grande número de propriedades rurais do município. Constata-se 877 propriedades e 832 proprietários rurais, de acôr-

do com o cadastro de imóveis rurais do INCRA(1973), tínhamos apenas 51 deles habitando o centro urbano e que representavam nada mais do que 6,1% daquele total

Os funcionários do DER, responsáveis pela manutenção da estrada de ligação com Mogi das Cruzes são quase todos eles já antigos na profissão, muitos deles anteriores ao asfaltamento daquela rodovia.

B.2 - OCUPAÇÕES ATUAIS DO CONTINGENTE URBANO RECEM LIBERADO DO CAMPO

Os numerosos pequenos serviços exercidos localmente, as atividades de caráter eventual e o façanismo do tricô(6% da população ativa efetivamente remunerada), e exercidos por aqueles elementos geralmente de origem rural, refletiam, a nosso ver, uma situação sintomática de desemprego urbano, até certo ponto disfarçado. A pouca ou quase nenhuma qualificação dos elementos ocupados na execução dos pequenos serviços e grande número de empregos domésticos, o número excessivos de pedreiros por exemplo que excede as necessidades dessa pequena coletividade, as frequentes flutuações dos elementos braçais de uma atividade para outra, os baixos níveis salariais, podem nos dar esses indícios.

A cidade conta com um grande número de elementos ocupados nos chamados "pequenos serviços"(vide tabela nº 21), exercidos sem qualquer especialidade, algumas vezes exercendo mesmo as necessidades do pequeno núcleo, como é o caso dos pedreiros que ficam também a disposição de servi-

OCUPAÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA

Salesópolis - 1972

TIPOS DE OCUPAÇÃO	nºpopul: ocupada	%(+)	ESPECIFICAÇÕES DAS OCUPAÇÕES	nºpopul: ocupada	%(*)
1-Ocupações tradicionais da população urbana	382	38,9	1-Serviços de atendimento urbano	284	74,4
			2-Indústrias locais	10	2,6
			3-Proprietários rurais	52	13,6
			4-Conservadores de estradas	36	9,4
2-Ocupações atuais do contingente urbano recém-liberado do campo	527	53,7	1-Ocupações eventuais	243	46,1
			2-Pequenos serviços urbanos	160	30,4
			3-Façonismo do tricô	124	23,5
3- Ocupações da população urbana que recentemente procura empregos fixos em outros centros urbanos	73	7,4	1-Atividades industriais	18	24,7
			2-Serviços	42	57,5
			3-Pequenos serviços	13	17,8
Total da população efetivamente ativa remunerada	982	100			

Obs.: (+)=o percentual é em relação ao total da população efetivamente remunerada.

(*)=o percentual é em relação ao total da ocupação especificada.

FONTE: Formulários de aplicação domiciliar -197

ços dessa categoria na área rural.

As atividades agrícolas locais absorvem boa parte dessa mão de obra recém-liberada do campo, em forma de ocupações sazonárias ou eventuais. Em 1972, 51,8% do total da população urbana ocupada em atividades eventuais estavam trabalhando em atividades agrícolas do município.

As grandes obras de infra-estrutura e os reflorestamentos levados a efeito por firmas metropolitanas que atingiram o município de Salesópolis ou áreas vizinhas, entre 1967 e 1972, utilizaram boa parte desses ex-moradores do campo. O número que constatamos durante o momento da pesquisa (48,2% do total da população urbana ocupada em atividades eventuais) representou apenas o contingente remanescente, já que as obras estavam em fase de término. O pessoal ocupado no oleoduto, por exemplo era apenas aquele utilizado na manutenção das obras. No entanto, o próprio caráter dessas obras, de duração temporária e entregue em alguns casos, a várias firmas empreiteiras especializada em cada fase de trabalho, permitiram a esse contingente ocupado, o constante desemprego e reemprego. Assim, podemos citar o exemplo das obras de instalação do oleoduto que foram sucessivamente sendo executadas por três firmas responsáveis respectivamente pela abertura da estrada, assentamento dos tubos e plantio de gramas nas laterais da estrada. Por outro lado, as obras de barragem iniciaram-se em 1967 e se estenderam até 1972, em seguida as do oleoduto realizaram-se entre 1970/71, e posteriormente entre 1975/76, o reflorestamento levado a efeito pela Papel Simão S.A na área vizinha de Santa Branca em 1972.

Ainda os trabalhos de construção da barragem de Paraibuna e da estrada Paraibuna-Litoral continuaram após 1972. Houve coincidentemente, até certo ponto, uma sucessão de trabalhos no tempo.

Esse pessoal pouco especializado, absorvido localmente por essas grandes companhias externas, foi contratado como braçal ou servente, ou ainda de acordo com uma classificação ocupacional de trabalhos relativos a essa categoria, mas com atividade mais especificadas. A exemplo tivemos a companhia construtora da barragem de Ponte Nova, que utilizou na contratação desse pessoal as seguintes ocupações: (a) braçal que incluía o carpinteiro, o pedreiro, o armador, o ferreiro, o marleteiro, o mecânico e o operador de máquina; (b) o ajudante de braçal; (c) o servente que correspondia ao auxiliar de menor especificação, a exemplo dos removedores de materiais nas cargas e descargas de madeira, tijolos etc.

Além da mobilização do grande número de pessoal não especializado nessas grandes obras municipais e de áreas vizinhas, as companhias empreiteiras absorveram parte dos caminhoneiros locais e um pequeno contingente de população mais preparada instrucionalmente nos serviços de transporte, de topografia e de gabinete.

O façanismo do tricô, que já ocupava em 1972 12,6% da população efetivamente ativa remunerada e..... 44,2% da população efetivamente ativa remunerada feminina e que tendia à maior disseminação, nos moldes em que se pro -

cessava, também lembra uma situação de desemprego feminino disfarçado. Esse contingente feminino, com trabalhos garantidos apenas no inverno, não possui, diante das leis trabalhistas qualquer vínculo empregatício com a fonte pagadora, no caso a façonista intermediária. Com efeito, o intermediário pode, como era o caso do antigo introdutor deste sistema, formar sua própria firma de produção, mas não mantém legalmente nenhuma relação trabalhista com a tricoteira domiciliar. A sazonalidade da produção permite também uma certa oscilação do número de pessoas dedicadas ao tricô. No inverno, a atividade pode tornar-se até familiar, com a ocupação das filhas e até mesmo dos menores, por se tratar de um máquina de fácil manuseio. No verão, a dona de casa trabalha apenas algumas horas por dia e os outros elementos da casa poderão estar ocupados em outras atividades quase sempre ligada aos trabalhos rurais ou empregos domésticos.

B.3 - OCUPAÇÕES DA POPULAÇÃO URBANA QUE RECENTEMENTE PROCURA EMPREGOS FIXOS EM OUTROS CENTROS URBANOS

A cidade conta ainda com uma parcela de seu contingente humano que muito recentemente passou a ter o seu emprego de "caráter fixo" em outros centros urbanos, onde Mogi das Cruzes tem uma particular importância. Tem mais expressão neste tipo de ocupação, os serviços, as atividades industriais e pequenos serviços. O momento da procura desses empregos, segundo os formulários de aplicação domiciliar, parece coincidir muito com a passagem e saída das grandes construtoras que se ocuparam das obras locais e vizinhas de in-

fra-estrutura.

C - CLASSIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES POR SETOR

A classificação das várias atividades nos tres diferentes setores profissionais permite-nos a melhor percepção dos fenômenos acima citados.

As atividades so setor primário são as menos expressivas(vide tabela nº22) . Representam apenas 21% do total da população ativa efetivamente remunerada da cidade. Apenas 1/3 desse contingente possui trababalhos que podemos considerar fixos, são os proprietários rurais. A maior parte, constitui-se, ao contrário, de mão de obra volante na qualidade de diaristas e eventuais. Acrescente aí o mesmo caráter com que se reveste a mão de obra ocupada na cultura do eucalipto. Consiste ainda numa força de trabalho que pode flutuar entre os vários setores de atividades.

O setor secundário, com 26% do pessoal ocupado possui também quase metetade de sua força de trabalho voltada a ocupações temporárias(vide tabela nº 23). O faço - nismo do tricô poderia ser categorizada como atividade semi-permanente, uma vez que pela época de verão parte delas não trabalha. Desta forma, apenas o contingente dedicado ao trabalho nas pequenas indústrias locais e externas ao município constituem atividades consideradas permanentes.

FIG. 08

POPULAÇÃO ATIVA salesópolis_ÁREA URBANA

TABELA NÚMERO 22

POPULAÇÃO URBANA OCUPADA NO SETOR PRIMÁRIO

Salesópolis - 1972.

OCUPAÇÕES	LOCAL DE TRABALHO			Total
	1	2	3	
AGRICULTURA E PECUÁRIA	148	-	7	155
-proprietários	51	-	1	52
-empregados	97	-	6	103
SILVICULTURA	13	39	-	52
-braçais na Papel Simão S.A	-	39	-	39
-braçais de propriedades particulares locais	13	-	-	13
T O T A L	161	39	7	207

FONTE: Formulários de aplicação domiciliar-1972

OBS: Locais de trabalho

- 1= Salesópolis
- 2= Santa Branca
- 3= Outros municípios.

TABELA NÚMERO 23

POPULAÇÃO URBANA OCUPADA NO SETOR SECUNDÁRIO

Salesópolis - 1972

OCUPAÇÕES	LOCAL DE TRABALHO				Total
	1	2	3	4	
CONSTRUÇÃO E REPAROS DE ESTRADAS	36	-	-	12	48
-Funcionários do DER	36	-	-	-	36
-Pessoal ocupado em construtoras	-	-	-	12	12
CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM E OLEODUTO	-	54	-	1	55
-Pessoal ocupado na construção da barragem	-	45	-	1	46
-Pessoal ocupado nas obras do oleoduto	-	9	-	-	9
PEQUENAS INDÚSTRIAS LOCAIS	10	-	-	-	10
-Funcionários do frigorífico	5	-	-	-	5
-Operário do alambique	1	-	-	-	1
-Operários da casa de Plásticos	2	-	-	-	2
-Operários da Olaria	2	-	-	-	2
TRICOTEIRAS FAÇONISTAS	124	-	-	-	124
INDÚSTRIAS FORA DO MUNICÍPIO	-	-	13	5	18
-Operários da Cia Suzano de papel e celulose	-	-	-	2	2
-Operários de indústrias mogianas	-	-	13	-	13
-Operários de indústrias de outras cidades	-	-	-	3	3
T O T A L	170	54	13	18	255

FONTE: Formulários de Aplicação Domiciliar - 1972

Obs: Locais de trabalho

1= Salesópolis (área urbana)

2= Salesópolis (em obras da barragem e oleoduto)

3= Mogi das Cruzes

4= Outros municípios

O setor terciário encontra-se bastante inflacionado. Representa 53% do total das atividades remuneradas (vide tabela nº 24). Desse contingente 85,4% constituiu-se de pessoal ocupado no comércio e serviços destinados ao atendimento da cidade, 4% trabalham nas obras da barragem e oleoduto no exercício de funções de motoristas, de escritório e outras ocupações técnicas e 10,6% exercem funções em outros centros urbanos. Fato peculiar e que parece em parte retratar um fenômeno atual brasileiro generalizado às áreas de exodo rural pronunciado, é, portanto, como já comentamos anteriormente a presença de um contingente humano, até certo ponto expressivo, que aparece exercendo atividades terciárias, mas que se desvincula da evolução baseada no desenvolvimento das sociedades industriais(9). Os pequenos serviços, como chamamos aqui, parecem retratar mais, como vimos, o despreparo profissional da população que procurou a cidade e que passou a exceder a sua capacidade de absorção.

A apreciação do conjunto de atividades exercidas pela população urbana de Salesópolis, permite-nos perceber a presença relativamente expressiva de um contingente humano, cuja natureza de ocupações já se desvincula da antiga função da cidade de prestação de serviços à área rural, decorrente de uma ampliação das relações da população do modesto centro urbano com as áreas externas

(9) A evolução baseada na transferência setorial de Colin Clark e Jean Fourastié, que tem na ampliação do setor terciário o estágio mais evoluído das atividades das sociedades industriais.

TABELA NÚMERO 24

POPULAÇÃO URBANA OCUPADA NO SETOR TERCIÁRIO

Salesópolis - 1972

OCUPAÇÕES	LOCAL DE TRABALHO				TOTAL
	(1)	(2)	(3)	(4)	
COMÉRCIO E ATIVIDADES AUXILIARES	86	-	5	1	92
Comerciantes e auxiliares	83	-	4	1	88
Vendedores ambulantes	3	-	-	-	3
Corretores	-	-	1	-	1
TRANSPORTES, COMUNICAÇÕES, ELETRICIDADE	59	6	2	7	74
Motoristas e auxiliares	41	6	2	6	55
Carroceiros	1	-	-	-	1
Agente Postal	1	-	-	-	1
Telefonistas	4	-	-	-	4
Funcionários da Light	12	-	-	1	13
ORGÃOS PÚBLICOS, ADMINISTRATIVOS E CONE					
XOS	52	-	5	6	63
Prefeitura	32	-	1	1	34
Caixa Econômica	1	-	-	-	1
Coletoria	2	-	2	-	4
Secretaria da Educação	-	-	1	-	1
Segurança Pública	8	-	1	5	14
Cartório	2	-	-	-	2
Casa da Lavoura	3	-	-	-	3
IBGE	1	-	-	-	3
Funcionários Público não especificado	2	-	-	-	2
Paróco	1	-	-	-	1
ESCRITÓRIOS; BANCOS, COOPERATIVA E OUTRAS					
OCUPAÇÕES TÉCNICAS	22	15	4	6	47
Ocupações relativas ao escritório	13	8	1	4	26
Ocupações relativas ao Banco	7	-	1	1	9
Funcionário da Cooperativa	1	-	-	-	1
Topógrafos, Agrimensores, Auxiliares	1	3	-	1	5
Desenhistas e auxiliares	-	1	2	-	3
Laboratistas e auxiliares	-	3	-	-	3
SUB-TOTAL A TRANSPORTAR	219	21	16	20	276

OCUPAÇÕES	LOCAL DE TRABALHO				TOTAL
	(1)	(2)	(3)	(4)	
ESCOLAS	47	-	4	2	53
Professores Primários	33	-	2	1	36
Professores Secundários	7	-	1	1	9
Pessoal auxiliar	7	-	1	-	8
ÓRGÃOS DE SANIDADE	18	-	-	-	18
Médico	1	-	-	-	1
Enfermeiras	8	-	-	-	8
Funcionários do Posto de Saúde	4	-	-	-	4
Farmaceuticos e Auxiliares	4	-	-	-	4
Auxiliar de dentista	1	-	-	-	1
PEQUENOS SERVIÇOS	160	-	6	7	173
Pedreiro	48	-	3	2	53
Pintor	5	-	-	-	5
Carpinteiro	3	-	-	4	7
Sapateiro	1	-	-	-	1
Oficina	5	-	-	1	6
Relojoeiro	2	-	-	-	2
Ferreiro	2	-	-	-	2
Eletricista	2	-	1	-	3
Encanador	3	-	-	-	3
Costureira	9	-	-	-	9
Crocheteira	1	-	-	-	1
Cabelereira	2	-	-	-	2
Barbeiro	6	-	-	-	6
Lavadeira	9	-	-	-	9
Empregada doméstica	44	-	1	-	45
Engraxate	1	-	-	-	1
Cozinheira	2	-	-	-	2
Faxineira	3	-	-	-	3
Fotógrafo	1	-	-	-	1
Parteira	1	-	-	-	1
Auxiliar de Pensionista	3	-	-	-	3
Auxiliar em Posto de Gasolina e Borna charia	3	-	-	-	3
Vigias	1	-	1	-	2
Braçais não especificados	3	-	-	-	3
TRANSPORTE DO SUB-TOTAL	219	21	16	20	276
T O T A L	444	21	26	29	520

FONTE: Formulários de aplicação domiciliar- 1972

Obs: Local de trabalho

1= Salesópolis (área urbana)

2= Salesópolis (obras de barragem e oleoduto)

3= Mogi das Cruzes

4= Outros Municípios

e com os novos modos de ocupação do solo rural.

Com efeito, a presença até certo ponto significativa de população ocupada em atividades do setor secundário (vide fig. nº 8) explica-se pelos motivos citados acima. Na faixa populacional masculina, trata-se principalmente, de uma força de trabalho voltada à construção de obras de infra-estrutura, enquanto que na feminina, esse setor é engrossado em especial pelas façonistas de tricô. Além disso, faz-se presente, um pequeno contingente, atuando em pequenas indústrias locais e centros industriais de áreas próximas.

Por outro lado, boa parte da mão de obra empregada no setor primário, ocupa-se de atividades ligadas às novas produções agrícolas de caráter comercial a exemplo do cultivo do eucalipto.

O setor terciário é engrossado pela presença de elementos ocupados em pequenos serviços que podem facilmente transferirem-se para atividades de outros setores.

5 - O NÍVEL SÓCIO ECONÔMICO DA POPU-

L A Ç Ã O

Sem dúvida, os baixos níveis salariais denotam a extrema pobreza econômica do modesto núcleo urbano.

Apenas a pequena minoria(11,3%) detinha ganhos superiores a 3 salários. Tratava-se dos comerciantes, proprietários rurais(10), executivos de cargos públicos, servidores da segurança pública, professores secundários, bancários, profissionais liberais(médico, contador, dentista), motoristas ocupados no transporte de eucalipto, proprietários de pequenas indústrias e pessoal das obras da construção de barragem que ocupavam cargos de gabinete em serviços mais especializados.

O máximo de remuneração encontrada na cidade estava por volta de 20 salários, encontrado entre determiminados elementos da classe comerciante ou cultivadores de

(10) Esses proprietários rurais representavam 1/4 do total encontrado na cidade.

eucalipto. No entanto as faixas salariais de melhor remuneração situavam-se entre 7 e 8 salários.

Essa minoria considerada privilegiada, mantém o melhor nível de vida. No entanto destituída do espírito de ostentação, fato inclusive que se pode entender pela pobreza econômica generalizada, a casa pouco serve de elemento indicativo de maiores posses. No entanto, é a classe que usufrui de alguns bens móveis que a diferencia do restante. O carro, a geladeira e a enceradeira serviram de elementos diferenciadores entre essa classe e as outras menos privilegiadas. A posse do carro permite-lhe o contato maior com centros urbanos maiores, no caso mais frequente. Mogi das Cruzes, onde dão preferência à aquisição de mercadorias que fogem ao padrão singular da cidade, ou ainda a possibilidade de usufruir de viagens ao litoral (Caraguatatuba e São Sebastião) como área de lazer. Por gozarem do privilégio de concentrar o maior número de indivíduos com melhores instruções, é normalmente dessa classe que tem saído os dirigentes municipais.

Entre mais de um ou três salários mínimos, encontra-se uma faixa razoavelmente expressiva da população urbana (34,7%), que para o modesto centro urbano representaria a classe de ganhos médios. Era a maioria dos proprietários rurais e servidores públicos de gabinete, pequenos comerciantes, os elementos ocupados em pequenos serviços de caráter um pouco mais especializado (mecânico, relojoeiro, fotógrafo), alguns operários de indústrias locais (frigorífi-

co) e um pequeno contingente que trabalha em outros centros urbanos. Ainda poderíamos incluir aqui aqueles que vivem de salário mínimo aproximado (13,5% da população ativa remunerada) que separamos apenas por atingir principalmente os braçais utilizados nas obras metropolitanas, cultivo do eucalipto, mantenedores das estradas do DER e Prefeitura. Essa classe que constitui com efeito, a maioria urbana possui um nível sócio econômico demonstrativo da pobreza econômica local. Constitui uma faixa de consumo reduzido, que quase sempre utiliza o comércio varejista local. Possui pouco mobiliário.

O fogão a gaz e a televisão(11) são um dos poucos elementos representativos de posse. Instrucionalmente são, no conjunto, bem menos preparados que a classe anterior.

A população que vive com menos de um salário mínimo, também é numerosa (39,4%) e incide principalmente sobre os volantes da lavoura, aqueles dedicados aos pequenos serviços urbanos (destacam-se neste particular as empregadas domésticas) e as façonistas de tricô. No caso das empregadas domésticas e tricoteiras, trata-se de atividades que objetivam a complementação do orçamento familiar. No entanto, com respeito aos pequenos servidores urbanos e aqueles que ainda se voltam aos serviços de lavoura na qualidade de eventuais, sabemos tratar-se de verdadeiros marginais da vi-

(11) A venda do fogão a gaz e televisor foi introduzida através do pagamento parcelado, feito por elementos externos à cidade, o que facilitou a aquisição.

da urbana. É a classe menos instruída onde há maior incidência de analfabetos e semi-alfabetizados. Esses ex-trabalhadores do campo, que ora habitam as franjas da cidade, transportaram para ela os seus antigos hábitos campestre. O interior de suas residências revela essa tendência. O fogão à lenha e criações no quintal ainda podem ser facilmente encontrados. Como meio de comunicação o mais comum é o rádio. De baixíssimo poder aquisitivo, é o elemento que poucas vezes ou mesmo nunca se deslocou em direção aos centros urbanos. Serve-se totalmente dos bens e serviços fornecidos pelo pequeno núcleo urbano, através do comércio e serviços locais e da feira de "quinta de mes".

No conjunto, a população urbana salesopolense é economicamente pobre. Em 587 residências visitadas, 25% não possuíam fogão a gás, 81% desconheciam a utilização da geladeira, 55% não tinham televisão, 84% nunca se serviram de enceradeira e 32% não adquiriram rádio. A cidade contava com 114 veículos, pertencente a 102 famílias; ou seja, a 18% das residências.

As atividades de iniciativa externa, não parecem ter colaborado para a solução local dos problemas econômicos da população ocupada, a não ser como paliativos temporários. Mas tem, ao que parece, contribuído para motivar a saída de muitos desses elementos, que passaram a se encontrar inadaptados no retorno à situação de subemprego anterior.

6 - MOVIMENTOS DA POPULAÇÃO URBANA QUE TRABALHA FO

RA DOS LIMITES URBANO

Do total da população urbana ativa efetivamente remunerada, 40,4% não exerciam em 1972, suas ocupações dentro dos limites da cidades. Constava de um efetivo humano ocupado principalmente em atividades agropecuárias, em construções metropolitanas, em reflorestamentos, em manutenção de estradas ou em atividades exercidas em outros centros urbanos.

A. - MOVIMENTOS DA MÃO DE OBRA AGRÍCOLA, DE OBRAS DE INFRA-

- ESTRUTURA E DE CONSERVAÇÃO DE ESTRADAS

Em 1972, fase final das duas grandes construções metropolitanas ocorridas no município(barragem e oleoduto), a cidade tinha nos proprietários e empregados de áreas rurais a maioria(49,7%) deste contingente, já que o pessoal ocupado nas construções de barragem e oleoduto já tinha se reduzido nessa época, representando junto a um pequeno efetivo ocupado em obras metropolitanas de municípios vizinhos, 22% do pessoal ocupado em atividades extra-urbanas. O oleoduto mantinha apenas um pequeno grupo de pessoas destinadas a dar manutenção às obras já finalizadas. A barragem de Ponte Nova ainda ocupava maior número de braçais, motoristas e pessoal de escritório, laboratório e topografia utilizados no término da construção. Para o cultivo flo

restal encaminhava-se 12,6%. A maior proporção era destinada ao plantio empreendido pela Papel Simão S.A em Santa Branca e o pequeno restante em propriedades salesopolenses de particulares. Ainda havia um pequeno contingente na qualidade de funcionários do DER(9%).

Em função dessas atividades, entre a cidade e a sua área rural, ou de municípios periféricos, dava-se um movimento pendular geralmente diário.

Tratando-se dos proprietários rurais, esse deslocamento era feito quase sempre por condução própria, ou até mesmo a pé ou a cavalo, sem obrigatoriedade do deslocamento diário, podendo ocorrer até mesmo, uma estadia semanal na propriedade e a vinda à cidade apenas nos fins de semana. Com relação a mão de obra, quase sempre na condição de diaristas, o deslocamento era geralmente diário e feito normalmente à pé(12). Neste particular, dominavam os trabalhos feitos em propriedades rurais próximas da cidade. No entanto, constatou alguns casos em que o trabalhador agrícola permanecia com a família na área de trabalho durante toda a semana. No entanto, quando se tratava dos trabalhos de cultivo de eucalipto exercidos para a companhia reflorestadora(Papel Simão S.A) que na época se dava na área vizinha de Santa

(12) Em 1974, a presença na área rural de um japonês residente em Mogi das Cruzes, como cultivador arrendatário de batatinha, promoveu uma mobilização de mão de obra urbana, quando então o cultivador vinha diariamente buscar e deixar esses elementos de condução própria, cada um levando a sua refeição individual.

Branca, o deslocamento diário era feito através de caminhões contratados pela firma. Nesse caso o trabalhador carregava a própria refeição.

Nas outras atividades, a mobilização da mão de obra era diária e feita geralmente por caminhões. O DER ou as companhias interessadas costumavam encostar os seus caminhões na praça ou qualquer ponto central, retornando com o pessoal transportado, apenas no final do dia. Também era comum a utilização de acampamentos na área de trabalho, com a oferta de refeições, em alguns casos, descontadas do ordenado mensal na forma de vales. Os funcionários do DER por exemplo, são contratados por uma residência de conservação em Mogi das Cruzes para trabalhos braçais de conservação de estrada, podendo mesmo ser de abertura de rodovias, nos arredores próximos de Salesópolis e Mogi. O pessoal se locomove através de conduções próprias do DER e fazem acampamento no local de trabalho, onde almoçam, retornando às suas respectivas residências somente à tarde. As companhias instaladoras de oleoduto e a construtora da barragem também forneciam condução e refeição.

B - MOVIMENTO DA POPULAÇÃO RESIDENTE COM EMPREGOS FIXOS EM OUTROS CENTROS

Há que se destacar a população que se dirigia a outros centros urbanos para a execução de suas atividades e que representavam 16,7% do total da população com ocupações fora do pequeno núcleo urbano de Salesópolis. Uma modalidade de trabalho, onde certos indivíduos mantêm residên-

FIG. 09

POPULAÇÃO QUE RESIDE NO CENTRO URBANO DE SALESÓPOLIS E TRABALHA EM OUTROS CENTROS URBANOS

OBS. CADA TRACO CORRESPONDE A UMA PESSOA

FONTE: QUESTIONARIO DOMICILIAR - 1972

cia em Salesópolis, mas para onde vem apenas nos fins de semana ou a cada quinze dias, permanecendo o resto do tempo no local de trabalho. Tratava-se, segundo a análise das profissões anteriores e de tempo de serviço, de um movimento recente, que parecia estar ligado em grande parte à certas mudanças de postura de parte da população diante dos novos salários percebidos que o contato com as grandes firmas metropolitanas puderam oferecer, assim como às melhores ofertas e maior número de emprego e a condição de empregos fixos oferecidos por aquele centro de Mogi das Cruzes, cidade maior e de mais fácil acesso.

Com efeito, constatamos uma frequente flutuação de empregos por parte do efetivo humano que chegou a trabalhar em atividades de iniciativa metropolitana, que tenderam à busca de trabalhos de natureza similar em outros municípios vizinhos, ou mesmo outros tipos de empregos fixos que oferecessem salários garantidos e de melhor remuneração que aqueles que poderiam encontrar na cidade. Foi frequente a constatação desse histórico profissional nos elementos que estavam trabalhando em outros centros urbanos. Encontramos, por exemplo, alguns casos de indivíduos em ocupações mais especializadas, que acompanharam o deslocamento das companhias paulistanas que estiveram presentes em Salesópolis e, que depois se deslocaram para outros locais. Registraram-se também alguns casos de posses, promoções ou transferências de cargos públicos ou ainda de ocupações técnicas mais especializadas (em escritórios ou como desenhistas por exemplo) exercidas por elementos de melhor preparo instrucional e que não

encontraram este tipo de ocupação no local. No entanto, este tipo de busca de trabalho atingia ainda, em especial a classe jovem masculina. Tratava-se quase sempre de jovens, cuja família permanecia residindo em Salesópolis. Raramente o fenómeno era extensivo a chefes de família. Esses movimentos passaram a tomar importância no final da década de 1960, particularmente no início da década seguinte e, se davam principalmente em direção a Mogi das Cruzes, além de São Paulo e alguns outros centros urbanos da área metropolitana ou de municípios periféricos (vide figs 10 e 11).

Em 1978, quando do nosso retorno à área, já se verificava um movimento pendular diário de parte da população em direção de algumas indústrias de Mogi das Cruzes, feito através de ônibus particulares às próprias firmas (a exemplo da Howa, NGK e Unibra), e em menor número, em direção a Jacareí (IBRAC), feitos também por carros particulares da firma. Por outro lado, a SBE S.A sediada temporariamente em Salesópolis para proceder a instalação de um fio de alta tensão de Mogi das Cruzes à São Sebastião, encontrava reais dificuldades na mobilização de pessoal braçal local.

C - AS SAÍDAS DEFINITIVAS DA POPULAÇÃO

Por motivos similares que deram início ao movimento citado acima, passaram a ocorrer paralelamente, ou seja, a partir da década de 1960 também os deslocamentos definitivos, onde o elemento em busca de novas ocupações mudou-se para o local do novo trabalho como residência definitiva

em alguns casos tendo se dado o acompanhamento da família. Embora ainda houvesse o predomínio da faixa masculina de menos de 30 anos, incluíam-se em vários casos os chefes de família (vide fig.13). De acordo com os registros de saída definitiva da população, obtida a partir dos questionários domiciliares, através de informações de elementos de relação parentesco Mogi das Cruzes e São Paulo eram os centros urbanos mais procurados. Quase 70% desse efetivo, estava ocupado em pequenos serviços e trabalhos industriais. Na faixa feminina destacavam-se em particular os empregados domésticos. Também se registraram os cargos públicos, os serviços bancários, de escritórios e docentes, além de um pequeno contingente que havia se dirigido às áreas hortifrutigranjeiras de Biritinga Mirim e às de pecuária leiteira em Santa Branca e casos ocasionais para centros urbanos mais distantes.

Note-se que em 1978, os deslocamentos definitivos não tinham ganhado maiores proporções. O que se verificava no entanto, era a substituição dos deslocamentos dos elementos residentes com retorno semanais ou quinzenais, e dos deslocamentos definitivos, pelos movimentos pendulares diários, que se faziam introduzir pelos meios de transporte das indústrias interessadas.

FIG. 10

POPULAÇÃO QUE SE TRANSFERIU PARA FORA DO MUNICÍPIO

período: 1960-1969

C A U S A S

SAIRAM EM BUSCA DE TRABALHO

LEGENDA

- trabalho
- casamento
- carreira militar

OBS: CADA TRAÇO CORRESPONDE A UMA PESSOA

FONTE: QUESTIONÁRIO DOMICILIAR — 1972

FIG. II

POPULAÇÃO QUE SE TRANSFERIU PARA FORA DO MUNICÍPIO

período-1970 - 1972

CAUSAS

SAIRAM EM BUSCA DE TRABALHO

OBS: CADA TRAÇO CORRESPONDE A UMA PESSOA

FCNTE: QUESTIONARIO DOMICILIAR - 1972

FIG. 12

PESSOAS QUE SE TRANSFERIRAM DA ÁREA URBANA DE SALESÓPOLIS EM BUSCA DE TRABALHO
por idade, sexo e tipo de atividade período 1960 — 1972

FONTE: Questionário Domiciliar — 1972

RESUMO DOS TRAÇOS ESSENCIAIS

(1) A população urbana e municipal é ainda basicamente autóctone, caracterizando-se pela preservação de traços culturais quando não físicos, caboclos, e pela quase total ausência do elemento negro.

(2) A constante liberação a partir da área rural, de famílias empobrecidas e mal instruídas, em favor do pequeno e mal equipado núcleo urbano é motivo de uma presença atual de uma população urbana com forte contingente rural. No conjunto trata-se de uma população caracteristicamente jovem, com deficiente nível de instrução, pobre e sub-nutrida.

(3) Atualmente as atividades da população urbana não se restringem apenas ao atendimento das tradicionais funções da cidade de prestação de serviços à zona rural e de residências de proprietários rurais, mas também ao atendimento de áreas externas.

(4) Essa segunda categoria de atividades é ligada principalmente à presença dos modos de produção "capitalista" no campo e cidade, e de algumas grandes obras de infra-estrutura na área, em grande parte ligada à proximidade de São Paulo. São ocupações que tem absorvido principalmente a população urbana de origem rural, um contingente que

tem encontrado dificuldade em integrar-se às reduzidas formas de ocupação ligadas às tradicionais funções urbanas.

(5) Essas atuais atividades da população urbana voltadas ao atendimento externo, quando exercidas fora dos limites urbanos (área rural municipal e de municípios vizinhos), são responsáveis pela existência de um movimento pendular quase sempre diário por uma força de trabalho admitida sob a forma de mão de obra eventual.

(6) As novas atividades que progressivamente se introduzem na área modificando as formas de trabalho, parecem ser vanguardas de um processo em andamento, cuja fase posterior seria a da procura por parte da população ocupada, de empregos fixos nos centros industriais mais próximos, onde tem destaque o núcleo urbano de Mogi das Cruzes.

CAPITULO IV

O E S P A Ç OU R B A N O

1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUADRO

FÍSICO DE LOCALIZAÇÃO DO NÚ-

CLEO URBANO

A pequena cidade de Salesópolis coloca-se no extremo leste do Planalto Paulistano, uma das zonas da província do Planalto Atlântico(1), numa área predominante cristalina que dá abrigo às nascentes do rio Tietê. Esse reverso continental da serra do Mar, caracterizado pelo domínio de mares de morros, um modelado resultante da dissecação da chamada superfície de erosão do Alto Tietê, apresenta as áreas mais elevadas e menos suavizadas do planalto Paulistano. As menores altitudes encontradas no vale do rio Tietê e Paraitinga situam-se por volta dos 800 metros, enquanto que as cotas máximas atingem frequentemente os 1.100 metros, havendo mesmo algumas cristas que atingem facilmente ou mesmo ultrapassam os 1.200 metros (Pedra Queimada por exemplo a su-

(1) Divisão adotada por Fernando F.M. de ALMEIDA in "Fundamentos Geológicos do Relêvo Paulista"-IGEOG-série de teses e monografias - nº 14 - Instituto de Geografia - USP - São Paulo - 1974

deste de Salesópolis). Os desníveis de 200 metros entre cristas e bases das elevações é comum, podendo ocorrer desníveis maiores, sendo que mesmo os perfis das baixas encostas são menos suavizados que os padrões gerais apresentados no restante do planalto Paulistano.

Os rios que correm em direção da cidade de São Paulo nascem entalhados e condicionados às estruturas locais, sendo comum a presença de quedas d'água. Algumas várzeas de aluvião nascem apertadas acompanhando os vales do rio Tietê, Paraitinga e Ribeirão do Pote e vão se alargando à jusante dos rios. No rio Tietê, a várzea surge estreita à montante da represa da Light, mas alarga-se logo em seguida, chegando a apresentar mais de quilômetro de largura. No rio Paraitinga, ela surge à montante de Salesópolis alargando-se à cerca de 3 quilômetros à jusante, mas não chegando a atingir meio quilômetro de largura.

Essa área do Planalto Paulistano limita-se ao norte e leste com planalto do Paraitinga e ao sul com a serra do Mar. Em relação ao planalto do Paraitinga ela se encontra relativamente mais elevada (cerca de 200m) e a comunicação entre as duas áreas e, até certo ponto, dificultada pela presença dos divisores d'água, separando a bacia do Tietê e Paraíba. Os rebordos da serra do Mar ao sul, por outro lado, constituem obstáculos físicos que dificultam os contatos entre a área do planalto Paulistano e o litoral norte.

Essa apreciação do quadro físico permite-nos compreender a importância que os fundos de vale sempre

tiveram na penetração humana e contato inicial dessa área com Mogi das Cruzes. Dentro do município, a topografia orientou também a trama de ligação da cidade com a área rural (vide fig. nº 13). Os vales aparecem como principais eixos de passagem ao longo dos quais se dispôs um habitat linear disperso.

A dominância dos climas úmidos(2) explica as formas mamelonares do relevo, a presença da extensa floresta tropical que antes recobria os morros e a presença dominante dos solos latêríticos. A devastação das matas descobrindo os solos ácidos naturalmente pouco produtivos e a utilização de processos de culturas itinerantes com plantações caboclas(3), foram decisivos no empobrecimento ainda maior da área. Atualmente as pastagens de capim gordura, ao lado de umas poucas manchas de capoeiras e áreas reflorestadas constituem a paisagem rural mais constante (vide fig. nº 14).

(2) MONTEIRO FIGUEIREDO, Carlos Augusto de - in "A dinâmica Climática e as Chuvas no Estado de São Paulo" - Inst. Geog. - 1973 - USP - p. 122 classifica o litoral e o planalto Atlântico Norte como sujeito aos climas úmidos das costas expostos às massas MT, embora com pouca participação das massas polares e o litoral e o planalto Atlântico Sul como sujeito a uma maior participação das massas polares e a um teor mais elevado de pluviosidade que o setor norte. E segundo pudemos constatar, a área de Salesópolis ficaria na transição entre essas duas regiões climáticas.

(3) PETRONE, Pasquale, in "Regiões e Paisagens de São Paulo" - São Paulo, Terra e povo - p. 56/57 - Globo - 1967 - refere-se a essas áreas cristalinas de São Paulo "As matas derribadas, deram lugar a roças itinerantes, formas de utilização do solo vinculadas a uma cultura caipira característica de que é possível encontrar muitos exemplos residuais nos próprios arredores de São Paulo"

MUNICÍPIO DE SALESOPOLIS
E A TRAMA DE LIGAÇÕES -
DA CIDADE COM A ÁREA -
RURAL

Long. W. Gr. 45° 20'

FIG. 14

USO DO SOLO NÃO URBANO

FONTE : PMDI

LEGENDA	
ÁREAS URBANIZADAS	
CAMPOS E PASTAGENS	
CULTURAS	
REFLORESTAMENTO	
MATAS E CAPOEIRAS	
RESERVATORIO EXISTENTE	
RESERVATORIO PROJETADO	

2 - O SÍTIO E A ESTRUTURA URBANA

.

A - CONDIÇÕES INICIAIS

As formas mais suaves do relevo da área encontram-se numa faixa estreita à margem esquerda do rio Paraitinga, onde a vertente possui inclinações mais suaves com algumas encostas de menores desníveis, local escolhido para o alojamento do pequenino núcleo urbano inicial(fig.nº 15) . A cidade ocupa, desta feita,o característico sítio de meia encosta em área de mar de morros com o aproveitamento das inclinações mais suaves voltadas para o rio. Com um desnível de 50 metros entre o topo e o fundo de vale, numa distância de mais ou menos 500 metros é como se apresenta o perfil do sítio inicial escolhido(vide fig. nºs 16 e 17 e foto nº 53).

A igreja, no entanto, diferenciando dos casos clássicos, não se colocou no topo do morro, mas um nível intermediário entre o rio e aquele cume, onde a existência de um degrau menos declivoso permitiu a instalação do templo religioso e seu pátio de atividades. O topo foi reservado ao cemitério e a cidade estendeu-se inicialmente entre a igreja e o rio Paraitinga, lateralmente sendo limitado

SALESOPOLIS

SANTA BRANCA 20 KM.

404

405

406

55'

407

408

409

410

411

412

413

414

50' 415

416

417

418

FONTE; Folha Topográfica do IGG

SITIO URBANO salesópolis- 1972

ESCALA
0 25 50 100 150 200
METROS

PERFIS TOPOGRAFICOS

pelos dois córregos, ultrapassados apenas nas proximidades da estrada.

Inspirada, provavelmente, nas experiências urbanísticas da época, de influência da metrópole portuguesa, o pequeno núcleo urbano oitocentista inscreveu-se sobre o sítio acidentado, adotando as formas geometrizantes de traçado, em total desacordo com as condições topográficas. Desta feita, o plano em xadrez que colocava o templo religioso em contato com a via de passagem ao longo do rio, tomou uma forma levemente triangular, apontando o ápice para o topo da meia encosta e as bases voltadas para o fundo do vale (vide foto nº 48 e fig. nº 18).

A estrada que seguia em direção ao litoral tangenciava aquela de Mogi justamente na esquina do mercado municipal (antiga rua Campos Salles). Passava ao lado do pátio e do templo religioso e contornava o topo da encosta à leste, de forma a procurar os fundos de vale com via de passagem. A direção dessa estrada na meia encosta orientou também em parte a estrutura do traçado urbano.

Além da praça à frente da igreja, dois outros largos se colocaram nos dois extremos da rua-estrada ao longo do rio Paraitinga, abrigando capelas religiosas, respectivamente o Largo do Rosário e da Santa Cruz(4).

A estrutura das ruas, quadras, lotes e

(4) Estes dois largos deram lugar atualmente a construção de alguns edifícios públicos, tendo perdido a função anterior.

construções também se fez inicialmente à luz dos princípios urbanísticos em vigência na época, ao estilo colonial. Ruas estreitas, com quadras que ganhavam proporções e dimensões segundo orientação da topografia e posição de conjunto. Lotes de frente estreita e fundos compridos, podendo atingir até mesmo o outro lado da rua (vide fig. nº 18). As construções das residências se fazia sobre o alinhamento da rua, atingindo os limites laterais, resultando numa continuidade de área construída, o que exibia uma aparência de concentração urbana (vide foto nº 49). As ruas principais eram aquelas formadas pela via que dava à Mogi das Cruzes e as duas que colocavam em contato com a igreja, ficando em plano secundário de importância sucessivamente paralelas a elas. As fachadas das construções procuravam voltar-se para as ruas de maior movimento, ficando o restante do lote não construído ocupado pelos fundos de quintais quase sempre arborizados (vide foto nº 83). Essas diretrizes principais orientavam a concentração da área construída. No entanto, era sem dúvida, para o fundo dos vales que se voltavam os fundos de quintais mais alongados e onde as quadras terminavam em feições incertas (vide foto nº 49 e fig. 18). Nas ruas principais e em torno do largo principal procuraram se localizar os edifícios públicos oficiais, A Casa do Mercado ganhava o ponto nobre, no vértice de ligação entre as duas vias que colocavam a cidade na área de passagem entre Mogi das Cruzes e o porto. Também o estilo arquitetônico das construções lembrava a arquitetura colonial nas formas mais singelas. A modéstia econômica local não permitiu expressões de monumentalidade, como chegou a ocorrer em alguns núcleos urbanos vizinhos do

SALLESOPOLIS

SUPERFICIE URBANA

METROS q - 395.635
 HECTARES - 395.635^{M²}
 LOQUEIRES P. 16 e mais 8435^{M²}

Escala

LEGENDA

DIVISA URBANA
 QUES FISCALIS
 TORREÇO
 RIBEIRO
 RIO
 REJOS
 VEGETAÇÃO FRACA
 MADEIRA E FRUTAS
 DIFERENÇAS DE NIVEL
 DIVISA SUBURBANA

PLANTA ELABORADA NO PERIODO ADMINISTRATIVO DO Exmo. Sr. DEOLINDO CARLOS DA FONSECA, PREFEITO MUNICIPAL DE SALLESOPOLIS.

Sallesópolis, Janeiro de 1939
 João de Alencar
 (Desenhista)

Sallesópolis, Janeiro 1939
 João de Alencar
 (Desenhista)

Foto nº 49 - Vista
geral de Salesópolis
que ilustra
bem o plano e a es-
trutura inicial da
cidade tirada na
década de 1930.

vale do Paraíba que viscejavam com a economia cafeeira. O estilo simples da casa, geralmente construída de taipa (vide fotos n.ºs. 51 e 52) traduzia-se pelas paredes de formas retangulares com telhados geralmente de duas águas, às vezes com quatro, telhas goivas e beirais quase sempre de madeira. As portas e janelas primavam pelos traços retos, num retângulo perfeito, com os umbrais também geralmente de madeira, fechadas com folhas cegas, em alguns casos com vidros. Formas mais ricas, ainda que sem grande monumentalidade, poderiam aparecer em alguns edifícios públicos em um ou dois estabelecimentos comerciais construídos no início da década (vide fotos n.ºs 65 e 69).

B - EVOLUÇÃO DA ESTRUTURA URBANA NO ESPAÇO

A expansão da cidade para periferia, que começou a pronunciar-se a partir da década de 1950 e acentuar-se após as décadas seguintes (vide carta de evolução-fig n.º 19), em função do grande exodo rural, passou a modificar-se em parte a estrutura inicial da cidade.

O avanço do traçado a partir do centro inicial foi até certo ponto caótico. O estabelecimento não foi dirigido de parte da população recém chegada do campo, através dum processo de divisão e revenda aleatória das áreas periféricas pelos proprietários, na medida em que se davam as

FIG. 19

EVOLUÇÃO URBANA salesopolis

FONTE: QUESTIONARIO DOMICILIAR - 1972

7

A C A S A D E T A I P A

Foto nº 50

Foto nº 51

procuras, dotou algumas áreas de traçados que ainda refletem em parte a estrutura pré-urbana. Assim, algumas chacaras dos arredores foram sendo retalhadas em lotes de tamanhos diversos, normalmente de dimensões maiores que aqueles antigos e, aos poucos ocupados com novas residências, a exemplo da chacara Rozendo Gonçalves de Souza Mello ou da chacara Tantão. O traçado inicial do conjunto formado pela chacara e caminhos rurais antigos, praticamente permaneceram e, aos poucos parte desses antigos caminhos de contato rural foram ganhando melhorias urbanas. Essa forma de ocupação não dirigida tomou um arcabouço que reflete um pouco mais a topografia local. Aí as ruas podem aparecer curvas às vezes contornando declividades.

Algumas iniciativas locais de especulação imobiliária, por outro lado, provocaram o aparecimento de alguns arruamentos com traçados regulares em áreas periféricas que se ligaram ao conjunto, mas sem nenhuma preocupação de articulação ao antigo plano, ou mesmo com a movimentação do relevo (vide foto nº 52). A interferência dos poderes públicos com requisições mínimas de urbanização (plantas, dimensões de ruas, e lotes) contribuíram a uma maior regularidade de tamanho dos lotes, que vem sendo adquiridos pelos novos moradores da cidade.

Alguns dos caminhos rurais que se partem da cidade em direção à margem direita do rio Paraitinga, parecem querer se incorporar à malha urbana, quando já algumas casas rurais ali existentes e outras construídas mais

Foto nº 52 - Vista geral do conjunto urbano - 1974
O sítio inicial de meia encosta e a expansão posterior da área edificada.

Foto nº 53 - Vista geral da cidade que permite apreciar o perfil de meia encosta que serviu de
sítio inicial à mesma 1974

VISTAS PARCIAIS DA ÁREA URBANA

Foto nº 54 - em 1950

Foto nº 55 - em 1970

recentemente começam a receber moradores com ocupações ligadas à agricultura.

Essa expansão atual confere ao pequeno núcleo urbano um plano de aspecto espalmado com vários "dedos" de urbanização até certo ponto orientado pela estrada e antigos caminhos rurais que interpenetram áreas rurais, (vide fig. nºs. 21 e 22), mascarando a forma triangular inicial. Por outro lado, a inauguração de um traçado geometrizar sobre um sítio acidentado, é o responsável pela presença de lajeiras íngremes, principalmente a oeste e noroeste do topo da meia ensosta, onde as declividades quase sempre são superiores a 25% (vide fotos nºs. 56 e 57).

As declividades apresentadas pelo sítio da cidade, no entanto, não se apresentam muito propícias à expansão urbana (vide carta de declividade-fig. nº 20). À margem direita do rio Paraitinga é muita mais abrupta e retilínea que a esquerda, predominando as declividades de mais de 25%, atribuído a uma provável influência do mergulho predominantemente vertical daquela camada gnáissica⁽⁵⁾. A leste e sudeste, as condições mais favoráveis de expansão já foram praticamente atingidas pela urbanização atual, quando a partir daí as declividades começam a acentuar-se, a não ser numa

(5 :) Resultados de um "Mapeamento Geológico Preliminar de Salesópolis" levado a efeito em 1971, por Francisco Rubens Alves, com a finalidade de ensino da disciplina de Geologia de Campo ao nível de Pós-graduação e de um reconhecimento preliminar dessa área pré-cambriana ainda não mapeada anteriormente.
-Geologia USP - São Paulo.

CARTA DE DECLIVIDADE salesópolis

LEGENDA	
	ATE 5%
	ENTRE 5% E 25%
	MAIS DE 25%

LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFICO - VASP - 1962
FONTE: CURVAS DE NIVEL - D.A.E. - 1967

LADEIRAS ÍNGREMES -Consequência da inadaptação
do traçado sôbre uma topografia aciden-
tada.

Foto nº 56

Rua São José -1930

Foto nº 57 -Rua
Alferes José Lu-
ís de Carvalho,
(antiga rua do
Sapo) na década
de 1974.

Foto Faria

faixa muito estreita à montante do rio, até onde passa a ocorrer o encaixamento total do curso d'água. Ao sul, à medida em que se caminha em direção ao vale do Tietê, o relevo torna-se cada vez mais movimentado, atingindo facilmente os 900 e 1.000 metros. A expansão mais favorável seria sempre a margem esquerda, na direção da jusante do rio Paraitinga numa faixa de aproximadamente 400 metros, alargando-se duplamente essa possibilidade a partir da Sociedade Agrícola Fibrásópoli e Capela Nova, quando a área de várzea do rio começa a se pronunciar e as encostas limítrofes da margem esquerda tornam-se muito mais suaves. Aliás, podemos concluir que o sítio inicial escolhido para a criação da cidade (no atual bairro rural da Capela Nova) é muito mais propício à implantação urbana que o atual (vide fig. nº 15). Por outro lado, os fundos de vales do rio Paraitinga e ribeirão do Padre Manoel áreas sujeitas às inundações frequentes, mas sem dúvida, as que apresentavam as menores declividades no espaço imediato à área inicial puderam servir a ocupação urbana, após a regularização dos seus respectivos canais, o que ocorreu somente na década de 1960, época inclusive em que essas áreas começaram a ser efetivamente ocupadas. Neste particular, saída para Mogi das Cruzes, nas imediações do entreposto do Leite Paulista e do frigorífico, logo após o cotovelo formado pelo canal do rio quando as várzeas se alargaram um pouco mais, e se somam às encostas suaves da margem esquerda que lhe são limítrofes assim como às meias encostas do rio da Anta, são áreas ainda livres para onde a cidade pode se expandir atualmente (vide fotos nºs 58 e 59).

FIGURA 21

AREA EDIFICADA

SALESOPOLIS - 1962

LEGENDA

- PASTAGEM, VEGETAÇÃO RASTEIRA
- EUCALIPTUS, CAPOEIRAS
- CULTURA PERMANENTE
- PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO

0 50 100 150 200
METROS

FONTE: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFICO - VASP - 1962
ESCALA ORIGINAL: 1:25.000 AMPLIADA 5 VEZES

FIG. 22

AREA EDIFICADA

SALESOPOLIS - 1972

LEGENDA

- PASTAGEM, VEGETAÇÃO RASTEIRA
- EUCALIPTOS, CAPOEIRAS
- CULTURA PERMANENTE
- PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO

FONTE: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAFÉTICO VASP - 1972
ESCALA ORIGINAL: 1:8.000
AMPLIAÇÃO ESC: 1:5.000

Foto nº 58 - À esquerda da estrada encontram-se as áreas que margeiam o córrego do Padre Manoel e que se tornaram propícias à urbanização após a regularização daquele córrego.

Foto nº 59 - A saída de Mogi das Cruzes nas imediações do Frigorífico e entreposto do Leite Paulista, declividades menos acentuadas ainda constituem área livre de expansão urbana.

de escolas e saída para Paraibuna, a anterior pulverização de residências tornou-se de aspecto mais concentrado. A ocupação das áreas anteriormente sujeitas às inundações passaram a ser mais efetivas, a exemplo das imediações do campo de futebol e das áreas aterradas que ladeiam o Paraitinga. Por outro lado, loteamentos novos surgidos à noroeste entre duas antigas estradas rurais (vila Fartura) e na saída para Mogi das Cruzes, deram lugar ao aparecimento de um grande número de edificações, em detrimento, às vezes de ocupações rurais. Da mesma forma, à margem direita do Paraitinga começou a receber algumas construções, enquanto se restringiu parte da ocupação rural em cultivos florestais. Nestas áreas mais periféricas, onde a ocupação ainda não foi maciça, é comum a presença de terrenos baldios ou quadras inteira loteadas ou construídas.

Os novos padrões de estilos de construções que se misturaram aos anteriores, ou surgiram em formas coletivas nas áreas mais periféricas, conferiram à paisagem em conjunto, um aspecto arquitetônico mais eclético, onde o colonial original, atualmente ruiniforme (vide fotos n.ºs. 70 e 71), chegou em alguns casos, até mesmo a sofrer restaurações que mascaram o antigo estilo. As duas fotos da rua Quatorze de Julho, obtidas em décadas diferentes, respectivamente 1930 e 1970 (fotos n.ºs. 60 e 61) e a montagem fotográfica (da foto n.º 62) permite-nos por exemplo, a constatação destas transformações ocorridas por demolições e reconstruções ou por simples reformas de fachadas, que dissimulam o antigo estilo predominantemente colonial das construções.

ções. Novos tipos de telhados, de fachadas, de beirais e umbrais se inscreveram e se misturaram àquela antiga paisagem. O mesmo observa-se nas construções situadas em duas ruas centrais, mostradas em fotos (Nºs. 63 e 64), onde a antiga forma de continuidade de área construída com telhados de duas águas ainda se mantém, mas nas fachadas se incrustam, às vezes, novos estilos. Por outro lado, é comum a deparação com construções do antigo estilo que não mostram qualquer aspecto de conservação e que conferem um estado de velhice ao antigo centro. Fora do núcleo central aparecem alguns raros casos de residências recentes que demonstram acabamentos com maior esmero (vide fotos nºs 72 e 73). O mais comum no entanto é a presença da casa de material com acabamentos rústicos ou simplesmente semi-acabadas que se colocam principalmente nas áreas de urbanização mais recente da periferia. Predominantemente com telhados de duas águas, com quatro paredes, tomando a forma retangular, essas residências podem exibir o tijolo à vista, ou simplesmente o rebôco sem pintura, ou qualquer outro detalhe que indica uma situação provisória de construção inacabada (vide fotos nºs 77 e 78). Também não raro podemos nos deparar com residências de barrote com tetos que podem variar desde telhados comuns, folhas de zinco ou até mesmo sapê ao mesmo estilo das casas encontradas na área rural do município (vide fotos nº 74, 75 e 76).

As habitações construídas mais recente já ganham o recuo da linha da calçada e das laterais do terreno, não sendo raro a ocupação do fundo para uma ou mais residências, fugindo do padrão antigo de fundo de quintal ponti-

RUA XV DE NOVENBRO

Foto nº 60 - Na década de 1930

Foto nº 61 - Na década de 1970

Foto nº 62 - Aspecto parcial da rua XV de Novembro - 1974

ASPECTO ARQUITETÔNICO DE OUTRAS RUAS CENTRAIS

Foto nº 63 - Rua Alferes José Luis de Carvalho

Foto nº 64 - Rua Pedro Rodrigues de Canasgo

Foto nº 65 - A antiga Casa da Câmara na rua XV de Novembro na década de 1930 era um dos edifícios que apresentava localmente as formas mais ricas do colonial.

Foto nº 66 - Em 1974 ocupada pelo Plano Diretor da Prefeitura o edifício já mostra um aspecto decadente. Em 1978, em completo desuso, apresentava alguns desabamentos.

SOBRADO DO INICIO DO SECULO

Foto nº 67 - A foto mostra uma residência com casa comercial que pertenceu a um dos mais importantes comerciantes locais de fumo do início do século. É, sem dúvida, a expressão arquitetônica mais rica ligada ao núcleo central antigo.

Foto nº 68 - A antiga Casa do Mercado

Foto nº 69 - Uma casa comercial do início da década de 1930.

EDIFICIOS DO ANTIGO NUCLEO EM ASPECTO
RUINIFORME:

Foto nº 70

Foto nº 71

ALCUMAS RESIDÊNCIAS RECENTES COM TRAÇOS ARQUITETÔNICOS
MAIS MODERNOS

Foto nº 72 -Situada fora do núcleo urbano inicial ,podendo ser classificada localmente como residên-
cia de luxo,constitui uma das raras exceções na
paisagem.

Foto nº 73-Sobrado
residencial locali-
zado na área cen-
tral.

Foto nº 74
Cobertura
de telha

Foto nº 75
Cobertura
de sapé.

Foto nº 76
Cobertura
de zinco.

RESIDÊNCIAS SEMI-ACABADAS NAS ÁREAS DE
URBANIZAÇÃO MAIS RECENTE:

Foto nº 77

Foto nº 78

Foto nº 78 - Uma vista da rua São Sebastião
no bairro Fartura.

Foto nº 80 - Vista parcial da rua Alberto Miran-
da.

O S Q U I N T A I S

Foto nº 81 - Fundos de quintais voltados para o rio. Os lotes estreitos e profundos são reminiscências do traçado inicial.

Foto nº 82 - A exemplo do que vemos na foto acima, aqui a ocupação do quintal é feita com a presença de árvores frutífera.

lhado de árvores frutíferas(vide fotos nºs 80 e 81). No entanto, ainda é muito comum o hábito local da utilização da área do terreno não construída com plantios de um ou outro pé de citros, de cana de açúcar, de banana ou de milho por exemplo, para o usufruto da casa(vide fotos nºs 82 e 83).

3 - OS SERVIÇOS PÚBLICOS DE EQUIPA- MENTO URBANO

A - SANEAMENTO BÁSICO

A.1 - ÁGUA

O pequeno núcleo urbano, abastecido em água até 1954 por chafarizes públicos, passou a partir daí a contar com o serviço de abastecimento domiciliar de água encanada, que na época da aplicação dos questionários atendia a 73% das residências ocupadas (vide fig. nº 23).

Ainda que essa rede de abastecimento atingia um percentual relativamente satisfatório de usuários, ela foi construída em moldes precários, utilizando mananciais insuficientes e desprotegidos, aliado a uma estrutura que não permite a ampliação e, tratamentos cujas condições ainda não estão em total acordo com os preceitos sanitários, podendo esse sistema ser a causa determinante de doen-

FIG. 23

FORNECIMENTO URBANO DE ÁGUA
salesópolis - 1972

ças de veiculação hídrica(6).

O rio da Anta e o ribeirão do Padre Manoel, de vazões ainda não suficientes(respectivamente 2,5 e 3 litros por segundo), são dois mananciais que constituem o sistema abastecedor(vide fig. nº 23) . Do rio da Anta, manancial mais antigo, a cerca de 850 metros de altitude, a água é desviada por uma barragem de captação para uma vala aberta que segue em direção a área de tratamento. No ribeirão do Padre Manoel, a captação já é feita por bombeamento. Não há qualquer preocupação com a proteção de mananciais. O tratamento consiste apenas na passagem da água por gravidade em tubos de ferro fundido até o reservatório, situado ao lado do cemitério. Esse reservatório de forma circular é enterrado com paredes de concreto impermeabilizado, recoberto por um telhado comum e uma porta para inspeção e janelas para respiração sem qualquer proteção para poeira, aves e insetos. Os aproximados 5.000 metros de rede é constituído de ferro fundido e cimento amianto, como a carta de Fornecimento Urbano de Água permite visualizar,(figura nº 23), atinge praticamente as principais ruas da cidade e só não atende às áreas periféricas de urbanização bem recente. O melhor abastecimento da população exigiria um manancial com vazões entre 12 a 24 litros por segundo(7), o que se

(6) Conforme relatório de trabalho de campo realizado por um grupo de alunos da F.H.S.P., em 1969, a análise da água destinada ao abastecimento urbano acusava a presença de coliformes e de escherichia coli, indicando contaminação fecal humana.

(7) Recomendação feita pelo engº Clovis Bianco, nos resultados de um levantamento Sanitário e Inspeção Preliminar apresentado em 1969 ao EST da FESB.

ria possível com a utilização do rio Paraitinga, além da ampliação e melhoria dos sistemas de filtragem e reservatório, aliado a uma desinfecção por cloração e fluoretação da água, o que parecia muito longe dos anseios da administração local.

A SABESP, responsável pelo sistema a partir de 1977, iniciou a construção de um reservatório mais amplo (800m² de capacidade), um esquema de captação de água na usina da Light (manancial com maior vazão), uma área de tratamento e a instalação de 11 km de rede de abastecimento.

O restante das residências ocupadas, conforme pudemos constatar nos Formulários de Aplicação Domiciliar em 1972, e que seriam as situadas nos novos loteamentos periféricos, se servem de água de poço (16%) ou de mina (11%), sem nenhum controle sanitário (vide fotos nºs. 83 e 84). Eram muito pouco o número de casas que se serviam de poço com bomba.

A.2 - ESGOTO

A rede de esgotos implantada pelos poderes municipais desde a década de 1950, sem qualquer planejamento e sem cadastramento posterior, atendia apenas a 38 % das residências ocupadas (vide fig. nº 24). Tendo em vista as declividades da meia encosta no sentido do Paraitinga e ribeirões laterais o sistema foi implantado visando o lançamento, ao rio e ribeirões, do material coletado, por queda de gravidade (vide carta de Distribuição de Canalização de Esgoto - fig nº 24). Consiste em 2.000 metros de tubos de cerâmica e 5

FIG. 24

DISTRIBUIÇÃO DA CANALIZAÇÃO DE ESGOTO
salesópolis - 1972

ABASTECIMENTO DOMICILIAR DE ÁGUA NA PERIFERIA
DE URBANIZAÇÃO RECENTE.

Foto nº 83
A presença da
mina d'água ,
local também
utilizado para
a lavagem de
roupas .

Foto nº 84 - O poço d'água.

emissários.

Em 1978, a melhoria do sistema de rede de esgoto, ainda constava de projeto da SABESP. No entanto, de 1972 a 1975, mais de 87 residências passaram a se servir desse equipamento.

Com relação ao restante das residências ocupadas, em 1972 predominava o sistema de fossas negras (35%), com a predominância numérica de privadas externas. Em 12% das casas ocupadas declarou-se a existência da fossa asséptica. Já muitas das residências vizinhas do rio ou ribeirões escoavam os detritos diretamente àqueles cursos d'água (15%), um sistema aliás muito próximo das residências servidas pela rede geral.

A.3 - COLETA DO LIXO URBANO

Era realizado tres vezes por semana por um caminhão da prefeitura local e, posteriormente lançado a céu aberto a 11 Km da cidade, sem qualquer preocupação de aterro ou incineração.

A.4 - RETIFICAÇÃO DO RIO PARAÍTINGA

As sucessivas enchentes provocadas pelo rio não permitindo a urbanização de determinadas áreas só passaram a ser regularizadas a partir de 1968, quando se fez a retificação daquele curso d'água e o aterro das áreas antes atingidas pelas inundações. A realização dessas obras

que representariam altos custos à administração foi portanto possível, graças à utilização do maquinário do DAEE, presente na época, em função da construção da barragem de Ponte Nova. A cidade ainda conta com projetos de drenagem dos ri - beirões urbanos a partir de verbas da FUMEF.

A cidade, como vimos, ainda possui problemas com relação ao saneamento básico, mas que ao nosso ver poderão em parte serem mais facilmente solucionados sob a responsabilidade da SABESP e entidades metropolitanas. O problema de mananciais não seria por exemplo insolúvel, quando a cidade conta com um grande reservatório no seu município com o abastecimento da área metropolitana (reservatório de Ponte Nova), no entanto, o investimento a ser aplicado na captação só seria viável se conseguido a nível de um organismo de esfera metropolitana ou estatal.

B - ASFALTO

Agraciada com a presença dos maquinários pesados utilizados nos trabalhos da barragem de Ponte Nova, a cidade pôde também em 1968 efetuar o asfaltamento das suas principais ruas. Foram dadas preferências às ruas centrais de maior concentração de residências abarcando cerca de 40% dos domicílios ocupados e praticamente toda a área de concentração de comércio e serviços (vide fig. nº 25). Em 1977, a cidade já havia ganhado o asfalto em mais algumas ruas, totalizando 5.300 metros lineares de ruas asfaltadas.

PAVIMENTAÇÃO URBANA salesópolis-1972

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE SALESÓPOLIS.

4 - A S E D I F I C A Ç Õ E S U R B A N A S

Através da aplicação dos questionários domiciliares, constatamos a existência de 749 residências , sendo que 586(78%) estavam ocupadas permanentemente, 50 (66,9%) com ocupações temporárias, fins de semana ou férias e 113(15,1%) não eram habitadas. Entre essas últimas inclui^{am-se} as que estavam ainda em construção(11) as desocupadas (75), as abandonadas(12), aquelas que serviam de simples depósitos ou qualquer outra ocupação não residencial em que o domicílio permanece fechado(12)..

Além das edificações residenciais, a cidade conta com 12 edifícios, 4 estabelecimentos industriais e 82 estabelecimentos de comércio e serviços, o que totaliza^{va} com as residências 847 edificações urbanas.

Os edifícios públicos são representados pela igreja, prefeitura, antigo mercado, Delegacia e Cadeia pública, ginásio, grupo escolar, Santa Casa de Misericórdia, Casa da Agricultura, Coletoria Estadual, Caixa Econômica Estadual, Cartório de registro Civil e Tabelionato e o centro telefônico .

FIG. 26

UTILIZAÇÃO DAS RESIDÊNCIAS

I. ocupação geral das residências

LEGENDA

II. situação dos proprietários que habitam residências ocupadas temporariamente

LEGENDA

III. situação das residências vazias

LEGENDA

As edificações industriais são constituídas pelo frigorífico, Casa de Plásticos, olaria e pela indústria de esteiras.

Entre os 82 estabelecimentos de comércio e serviços, incluíam-se alguns prédios construídos mas vagos.

Como podemos constatar, a pequena cifra de edificações, permite-nos avaliar o reduzido tamanho da cidade, mas por outro lado, quando comparada às cifras das décadas anteriores, dá-nos a idéia do relativo aumento ocorrido nestes últimos anos. Assim, se em 1918 e 1940 a cidade contava respectivamente com 210 a 216 domicílios urbanos ocupados(8), em 1950 com o processo inicial de urbanização o número de domicílios ocupados passou a 263 e em 1972 a 586 . Portanto a anterior situação de estabilidade com relação ao aumento de edificações domiciliares vigentes até a década de 1950 foi modificada em grande escala, quando o acréscimo verificado nestes últimos vinte anos foi de 123%.

(8) 1918 - A contagem foi obtida a partir da cobrança do Imposto Territorial Urbano-1940 - censo demográfico do IBGE.

5 - A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

O reduzido tamanho da cidade não permite fixação de zonas funcionais definidas. No entanto, é possível distinguir uma certa organização mesmo dentro desse pequenino núcleo de aspecto rural urbano.

O avanço dos "dedos" de urbanização em direção às áreas rurais chega a tornar indecisos os limites da cidade com sua área rural. O critério inicial de delimitação partiu da observação de elementos tangíveis, quando se deu importância à continuidade de área construída servida de arruamentos. No entanto, a constatação da existência de populações com atividades não rurais habitando áreas contíguas de aspecto rural, levou-nos a adotar também uma consideração funcional com relação à população residente. Desta forma, decidimos incluir na área urbana algumas residências da margem direita do rio Paraitinga situadas a grosso modo, entre os dois caminhos rurais que partem do centro urbano, e que não vão além de um raio de 600 metros. Da mesma forma, foram considerados alguns domicílios que ladeiam outras estradas rurais (vide planta funcional - fig. nº 27).

Na tentativa de delimitação de uma esboça

da organização interna, servimo-nos de alguns elementos auxiliares quais sejam, a concentração areolar do comércio e serviços, as melhorias urbanas, taxas de impostos territorialurbano que são cobrados sobre o valor dos terrenos, o levantamento da planta funcional (vide fig. nº 27), além da posse de alguns eletrodomésticos e profissões dos chefes de família, êsses como elementos indicativos de condição sócio econômica. Neste particular, a categorização de residência por aspecto e construção não serviu de elemento indicativo, já que nem sempre elas chegam a definir a condição sócio econômica local, e se o fazem não é por aglomeração de tipos que permitem um zoneamento. A partir dos elementos utilizados construímos a carta de organização do espaço urbano (fig. nº 28) e tentamos definir esse esboço de zoneamento.

A - ÁREA CENTRAL

A área central constituída pelas áreas de concentração de comércio e serviços não constitui uma distinção clara do "core" da cidade, a exemplo do que ocorre com cidades de pequeno porte. Entre as casas de comércio e centros de serviços pontilham também vários edifícios com fins residenciais. No entanto, a presença da igreja e a praça e uma maior contiguidade de estabelecimentos de comércio e serviços ao longo da rua Quinze de Novembro (vide fotos nºs. 88 e 89), das duas ruas que a ligam com a igreja e pequenas

transversais, facilitam-nos a percepção de que ali se concentra a verdadeira zona central da cidade. É onde inclusive, se localizam os terrenos mais valorizados do pequeno núcleo urbano e onde as ruas usufruem de todas as melhorias públicas existentes. Nos fins de semana, essa área torna-se movimentada com a presença da população rural que permanece para as compras. A praça da igreja, a única do pequeno aglomerado urbano, com alguns bancos de assento, o coreto praticamente em desuso, alguma arborização, é o local de passeio dominicais e em torno da qual realizam-se quermesses e se coloca o comércio ambulante nos dias festivos (vide fotos nºs 85 e 86). Ainda ao seu redor concentram-se alguns estabelecimentos importantes de serviços, tais como a Prefeitura, a Santa Casa, o Posto de Saúde, o cemitério, a Casa Paroquial, além de alguns estabelecimentos comerciais (vide foto nº 86). O cinema e o antigo mercado, principais centros de lazer da população urbana localizam-se também na área central. O antigo edifício do mercado, de propriedade da Prefeitura, costuma ficar à disposição de bailes ou quermesses de promoções locais (vide foto nº 68).

As casas residenciais comumente localizadas entremeio aos estabelecimentos comerciais são, no entanto, numerosas e, representam 24% das residências urbanas. Mais da metade pertence a população tradicionalmente ocupada no comércio e serviços urbanos. São os proprietários de estabelecimentos comerciais, gerente de banco, servidores públicos, alguns empregados da Santa Casa e Posto de Saúde que totalizam 56% de toda a população ativa da área central. Em or-

Foto nº 85 - A igreja matriz e a praça, um dos elementos que compõe a área central.

Foto nº 86 - A matriz e a praça central

Foto nº 87 - O comércio e serviços - frente à praça

A CONCENTRAÇÃO COMERCIAL E DE POPULAÇÃO EM DOMINGOS
E DIAS DE FESTAS RELIGIOSAS NA RUA XV DE NOVENBRO

Foto nº 88 - A rua num dia da Festa do Divino
em 1942

Foto nº 88 - Aqui a rua vista também no dia da
festa do Divino em 1974.

dem de importância estariam também muitos dos proprietários rurais mais importantes. No conjunto, trata-se da população melhor remunerada do pequeno núcleo. Dos domicílios ocupados existentes, 97% tinham fogão a gaz, 86 % rádio, 68% televisão, 38% geladeira, 37% enceradeira e 37% veículos, os maiores índices de posses deste gênero verificados em toda a cidade.

B - ÁREA RESIDENCIAL COM RUAS ASFALTADAS

Trata-se da área residencial que se segue a área central e que como esta se beneficia dos serviços de equipamento de água, esgoto luz e asfalto, mas onde a presença de serviços de atendimento urbano é praticamente nula (vide fig. nº 28). Totalizam as duas áreas 43% do total dos domicílios urbanos ocupados de Salesópolis. No conjunto representam o antigo núcleo e que apresenta a maior compactação de área construída da cidade. Também é representativa nessa área residencial contígua central a predominância da população ocupada em comércio e serviços urbanos, ainda que em menor importância. Interessante porém, notar que a população aí fixada apresenta uma faixa salarial um pouco inferior à anterior e a não inclusão na área central parece influir também no valor dos terrenos aí localizados, como pudemos constatar pelo valor aí cobrado pelo Imposto Territorial Urbano. Nessa área tínhamos 42% das residências utilizando fo

gão a gaz, 71% rádio, 60% televisão, 26% enceradeira, 24 % geladeira e 23 % veículo .

C - ÁREA RESIDENCIAL COM SERVIÇOS DE ÁGUA E(OU)ES-

GOTO

Corresponde a mais ou menos a uma franja de crescimento iniciada durante a década de 1950 e que usufruía apenas dos serviços de equipamento de luz elétrica, água e esgoto, ou muitas vezes apenas de um dos últimos (vide fig. 28). Essa é a área que possui o maior número de domicílios ocupados, ou seja 30% do total urbano, caracterizando-se por se tratar na maioria de casas de aluguel (2/3 do total). Habita aí principalmente a população ocupada no atendimento dos pequenos serviços urbanos (pedreiros, ferreiros, empregadas domésticas, braçais da Prefeitura, costureiras, encanadores) e pequenos proprietários rurais. É também onde se instala o maior índice de população que trabalha em Mogi das Cruzes e outros centros urbanos. A área abriga também um percentual já importante dos trabalhadores eventuais em serviços rurais ou de caráter metropolitano. É a zona de transição entre o antigo núcleo urbano e as áreas de urbanização mais recente. Aí apenas 86% possuem fogão a gaz, 60% rádio, 49% televisão, 21% geladeira, 19% carro, e 15% enceradeira, sendo que a utilização do carro é quase especificamente para o trabalho.

D - ÁREA RESIDENCIAL COM ARRUAMENTO E ELETRICIDADE

Tratam-se das áreas de loteamento mais recente(após a década de 1960) e que além dos arruamentos precários se beneficiam da luz elétrica(vide fig. nº 28). É área logicamente que abriga uma população recém liberada do campo e de terrenos de preços mais acessíveis. Possui 24 % dos domicílios ocupados e 23% da população ativa da cidade. Essa população recém instalada quase sempre construiu a própria casa(77% das residências são próprias); de forma que muitas delas trazem o aspecto semi-acabado, muitas vezes tendo que se utilizar do poço d'água do vizinho, enfim um local de abrigo onde o trabalhador pode instalar sua família e ir em busca de trabalho. Tratam-se quase sempre de ex-proprietários rurais que foram desapropriados pelas obras da barragem e que aplicando o pequeno capital recebido na imediata construção da residência passou a optar por uma nova modalidade de serviço. Esses novos trabalhos eram principalmente os eventuais nas ocupações rurais ou metropolitanas, e os pequenos serviços urbanos não especializados. Entre os domicílios aí existentes, 79% possuem fogão a gaz, 46% rádio, 19% televisão, 10% carro e apenas 3,6% enceradeira e 2,8% geladeira.

E - ÁREA RESIDENCIAL SERVIDA APENA DE LUZ ELÉTRICA

Trata-se de área situada à margem direi-

ta do Paraitinga contígua ao núcleo central (vide fig. nº 28 e foto nº 90). As grandes declividades existentes e a precariedade de construção das pequenas pontes de ligação entre as duas margens sempre constituíram obstáculos à urbanização da área(9). Contudo algumas das casas rurais já existentes na maioria dos casos acompanhando as principais vias de acesso às áreas rurais foram aos poucos sendo ocupadas por pessoas ligadas aos serviços urbanos. Trabalhadores do DER e mesmo por algum trabalhador eventual. E mesmo os filhos e esposas de elementos residentes aí também ocupam funções urbanas, se servem de todos os serviços da cidade, enfim convivem no meio urbano. Esse tipo de ocupação e a proximidade da área ao núcleo central permitiu que ela fosse servida de luz elétrica mas está livre dos impostos territoriais urbanos. No entanto a paisagem é caracteristicamente rural, sem arruamento, apenas com caminhos carroçáveis, muitas vezes havendo travessias com porteiras, e muitas das residências obedecem a uma construção tipicamente rural. Esse compartimento concentra apenas 3% do total dos domicílios urbanos ocupados. Pouco mais da metade (66%) possui fogão a gás, 55% rádio, 33% televisão, 11% geladeira e nenhuma enceradeira.

Dada às pequenas proporções da cidade interpenetrações do espaço rural e urbano em suas áreas periféricas, imprimem-lhe uma paisagem que assume no conjunto um aspecto tipicamente rufo-urbano (vide foto nº 95).

(9) Somente em 1976 o rio Paraitinga ganhou uma Ponte de concreto melhorando o contato entre essa área e o núcleo central.

Foto nº 90 - A margem direita do rio Paraitinga. Casas ocupadas por elementos de atividades urbanas, numa paisagem tipicamente rural. As casas de fundo de vale constituem uma característica do habitat rural do município.

FIG. 28

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SALESOPOLIS - 1972

legenda

- ÁREA CENTRAL
- ÁREA RESERVAÇÃO COM E SEM ALTURA
- ÁREA RESERVAÇÃO COM ESEM ALTURA E ELEVADO
- ÁREA RESERVAÇÃO COM ESEM ALTURA E ELEVADO
- ÁREA RESERVAÇÃO COM ESEM ALTURA E ELEVADO

escala
1:100.000
1:100.000

Fonte: Questionário Domiciliar

Foto nº 91 -Área de eucalipto infiltrada entre o bairro Fartura e a rua 28 de Fevereiro, a oeste da cidade.

Foto nº 92 - Casa tipicamente urbanas ocupadas por chefes de família com atividades urbanas, situadas à margem direita do rio Paraitinga, que conserva uma paisagem ainda rural. Com exceção da luz elétrica, não dispõem de qualquer melhoria urbana.

INTERPENETRAÇÕES RURO-URBANAS

Foto nº 93 - Em primeiro plano, uma paisagem caracteristicamente urbana na rua XV de Novembro asfaltada, o posto de gasolina, o banco Bradesco. Nos fundos, além do rio Paraitinga, uma paisagem rural, mostrando um reflorestamento de eucalipto e uma residência característica do campo.

Foto nº 94 - As mesmas paisagens vistas em ângulo contrário.

Foto nº 95 - Interpenetrações ru-ro-urbanas - À direita, uma recente concentração de casas (vila Fartura) pertencentes principalmente aos ex-proprietários rurais que foram desapropriados de suas terras, em função das obras da barragem de Ponte Nova. Localizada entre dois caminhos rurais, a nova vila vê-se entre áreas de pastagens, reflorestamentos e de cultivo de laranjas.

RESUMO DOS TRAÇOS ESSENCIAIS

(1) Construída sobre um sítio de condições topográficas difíceis, o antigo núcleo, de características coloniais, pouco se expandiu, e encontraria mesmo muitas limitações de expansão, em função das fortes declividades que se apresentam.

(2) As pequenas expansões deram-se em função do estabelecimento da população vinda da área rural, em especial a partir da década de 1950, através de pequenas especulações imobiliárias e de uma localização não dirigida das edificações, o que conferiu ao traçado atual um aspecto caótico.

(3) As novas atividades urbanas surgidas em função do abastecimento metropolitano quase em nada alterou a paisagem da cidade, diferentemente do que ocorreu com a área rural. Os únicos elementos a marcar a presença deste tipo de atividade são os caminhões que frequentemente atravessavam a rua XV de Novembro, tomando a direção das indústrias de papel, e as instalações do frigorífico Targimar.

(4) Dotada de um equipamento deficitário em serviços públicos urbanos, a cidade ganhou algumas melhorias após a passagem pelo município das grandes companhias construtoras, quando puderam usufruir de alguns maqui-

...nários dessas empresas(usados, por exemplo, na pavimentação asfáltica urbana e em obras de regularização do pequeno rio que banha a cidade) e após a integração do sistema local de águas e esgotos à SABESP.

(5) O pequenino núcleo urbano inscreve-se numa área, que mesmo no conjunto, é o exemplo da estagnação econômica. A pequena expressão da hortifrutigranji cultura e da pecuária leiteira aparecem apenas próximas às áreas de Biritiba-Mirim e Vale do Paraíba(Santa Branca), e os reflorestamentos não constituem senão manchas esparsas. Se ainda presenciemos na área, algum cultivo de batatinha em rotação com o repólho, um trecho de várzeas ocupado pelo cultivo e industrialização do fôrmió, a barragem de Ponte Nova e uma pequena área de extração de argila refratária, no mais, o que se pode observar, como paisagem dominante, são os morros acidentados, com pastagens extensivas, mostrando mais um estado de abandono do que propriamente criação de gado, e a agricultura praticada nos moldes arcaicos.

C O N C L U S Ã O

Tendo em vista o objetivo inicialmente proposto, o nosso trabalho permitiu a formulação das seguintes conclusões:

O fato de um núcleo urbano como Salesópolis, de quase um século e meio de existência, situado a apenas 96 quilômetros do centro de um dos maiores aglomerados metropolitanos do mundo atual, conserva-se até praticamente os nossos dias vivendo de uma estrutura econômica ainda tradicional, praticamente degradada e quase inerte frente às profundas modificações que vem ocorrendo naquele organismo urbano, poderia melhor ser esclarecido, a nosso ver, antes de tudo, quando analisado dentro de um quadro histórico nacional.

A cidade de São Paulo expandiu-se respondendo aos mecanismos da chamada "economia moderna", que, impulsionada por interesses alienígenas, tem procurado se concentrar, além da grande cidade, nas zonas de produção especulativa, ao longo dos eixos de circulação e ligadas aos portos de exportação.

As áreas de economia tradicional que precederam o "mis en scène" desses novos processos (o exemplo salesopolense) e que restaram, de certa forma, marginalizadas em relação às novas redes de circulação surgidas para o atendimento da "economia moderna", não se integraram totalmente à nova estrutura, passando a viver, até certo ponto, muito mais voltadas sobre si mesmas, isto resultando num processo de constante degradação e abandono.

Por outro lado, o grande surto de urbanização de São Paulo tem tido as rédeas do comando sobre uma evolução que tem-se processado do centro para a periferia, traduzida sobre constantes organizações do espaço, no atendimento dos interesses do aglomerado metropolitano cada vez mais crescente, que aos poucos atinge áreas salesopolenses e outros arredores mais próximos. Os novos modos de produção que respondem aos mecanismos dessa economia especulativa, também, aos poucos se expandem no espaço e tomam conta daquelas áreas outrora relativamente marginalizadas.

Salesópolis caracteriza-se como núcleo urbano de uma dessas áreas, que se desde longo tempo permaneceu praticamente à parte desses processos, aos poucos começou a

sentir a introdução dos mesmos.

Em função de sua relativa proximidade da cidade de São Paulo, a pequena cidade e sua área rural começam a sentir interferências que se traduzem como consequências do crescimento da metrópole. Embora alguns fenômenos sejam típicos de periferia metropolitana, eles ainda não tomaram corpo suficiente para que possamos senti-los assim. Os fatos ainda aparecem isolados, e ao visitante que chega, a impressão que tem, é a de que realmente penetrou uma área e uma cidade "do passado". Se de São Paulo a Mogi das Cruzes, passando-se por Poá e Suzano, a paisagem nos dá mostras de uma tomada mais efetiva dos solos por parte de ocupações ligadas à capital paulistana (áreas residenciais, industriais e agrícolas), de Mogi das Cruzes a Salesópolis diminui sensivelmente a manifestação de sua presença.

Por outro lado, produções comerciais nem sempre típicas de periferia metropolitana, e obras de infraestrutura, começam também a ocorrer no município salesopolense. São tipos de ocupação que se tem registrado em áreas vizinhas de Salesópolis ou mesmo em municípios de outros quadrantes do estado. Obras de construção de barragens, de passagens de oleodutos, atividades façanistas do tricô, pecuária de leite, são típicas, também, por exemplo, de vários municípios do Vale do Paraíba. Frigoríficos, reflorestamentos, por outro lado, ocorrem tanto nos arredores de São Paulo, como em áreas situadas em outros pontos do Estado.

Essas novas formas de produção e a ocupa

ção no espaço com algumas grandes obras de infra-estrutura em atendimento às áreas externas, e portanto não resultantes de uma evolução que decorra de um processo histórico interno, até o presente momento, não tiveram repercussões significativas na transformação da paisagem, mas até certo ponto, nos fatos populacionais do município. Assim, um êxodo rural cada vez mais expressivo; um número sempre crescente na cidade de uma população eventual de ocupações agrícolas ou das grandes obras de construção; um já expressivo contingente humano ocupado em serviços urbanos não especializados e que excedem as necessidades do pequeno núcleo urbano; e mais recentemente, um pequeno contingente de população que se dirige aos centros industriais mais próximos na busca de trabalhos fixos, são fatos demográficos recentes que devem ser atribuídos, principalmente, à introdução na área, daqueles novos processos.

Na medida em que a ocorrência desses novos fatos na área de Salesópolis já começam aos poucos influir na valorização econômica do solo, na presença de uma população ativa com um índice cada vez maior de mobilidade pendular em direção à área metropolitana, na criação de novas paisagens ligadas ao crescimento da capital paulista e no estreitamento das relações com o core metropolitano, podemos dizer que eles constituem vanguardas de um processo de metropolização em andamento.

No entanto, o município de Salesópolis, oficialmente já pertence à área administrativa da Grande São Paulo. Fisiograficamente, diríamos, que a sua inclusão na ba-

cia do alto Tietê, e a fraca ocupação de suas áreas municipais, devem explicar o interesse da metrópole, na preservação dessa parcela dos arredores metropolitanos, como área de "espaços livres". A política metropolitana(1) de reserva e proteção de "espaços abertos" e "áreas verdes" não urbanas, destinadas ao uso recreativo periódico da população paulistana, e à preservação de recursos naturais(reserva florestal, recursos paisagísticos, hídricos), como mostra a figura nº 29, evidencia esse interesse.

Em decorrência dessa participação administrativa na região da Grande São Paulo, a população municipal parece já permanecer na expectativa dos destinos que lhe serão reservados por comando externo. Se o fenômeno de valorização imobiliária ainda não tomou vulto, ele já é latente. A iniciativa local e até mesmo externa de compra de terrenos e de loteamentos visando a venda à uma população não local já comprovam por exemplo esse espírito de espera.

(1) CF. proposições do PMDI - (Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado) da Grande São Paulo - 1970.

FIG. 29

CONTRÔLE METROPOLITANO DO USO DO SOLO

FONTE: PMDI

L E G E N D A	
RI - ZONA RURAL	
RT - ZONA DE RECREAÇÃO E TURISMO	
FL - ZONA DE PROTEÇÃO DO EQUILÍBRIO ECOLÓGICO	
LIMITES DAS BACIAS DOS MANANCIAIS EXISTENTES	
RESERVATÓRIO EXISTENTE	
RESERVATÓRIO PROJETADO	

B I B L I O G R A F I A

OBRAS GERAIS E ESPECÍFICAS (CONSULTADAS E CITADAS)

- AB'SABER, Azis N. - "A Região de Santa Isabel" - in Anais da AGB - vol. V - Tomo I - (1950/51) - São Paulo.- 1953.
- AB'SABER, Azis Nacib - e BERNARDES, Nilo - "Vale do Paraíba" - Serra da Mantiqueira e Arredores de São Paulo - Guia de Excursão nº 4 - CNG - Rio de Janeiro - 1950.
- AB'SABER, Aziz N. e FLORENCIANO, Paulo C. - "A Serra do Mar e a Mata Atlântica em São Paulo" - in Bol. Paulista de Geografia - AGB - nº 4 - (p. 60 a 69) - Rio de Janeiro -1950.
- AB'SABER, Azis N. - "O Problema das Conexões Antigas e da Separação da Drenagem no Paraíba e Tietê" - in Bol. Paulista de Geografia - AGB - nº 26 - São Paulo - 1957.
- ALMEIDA, Fernando, F.M. "Fundamentos Geológicos do Relevo Paulista" - IGEOG - (série de teses e monografias - nº 14 -USP - São Paulo - 1974.
- BEAUJEU GARNIER, Jacqueline e CHABOT, Georges - Traité de Geographie Urbaine" - A. Colin - Paris - 1963.
- BRUNO, Ernani Silva - "Esboço da História e Povoamento em São Paulo - in São Paulo - Terra e Povo - Ed. Globo - -São Paulo - 1967.
- CALÓGERAS, João Pandiá - "Transportes Arcaicos no Brasil"-in Bol. Geográfico - Ano II - nº 23 - IBGE - Rio de Janeiro - 1945.
- CANABRAVA, Alice P. Terra e Povo - Ed. Globo - Porto Alegre- 1967 - p. 19 à 46.

- CHAVES, Elias Antonio Pacheco; JAGUARIBE Filho, Domingos José Nogueira; CARVALHO, Joaquim José Vieira; PINTO Adolpho Augusto; MARQUES, Aurélio da Silva - (Comissão Central de Estatística) - "Relatório Apresentado ao Exm^o. Sr. Presidente da Província de São Paulo" - King - São Paulo - 1888.
- "Crenças, Percepções, Atitudes, Comportamentos" - (Trabalho de pesquisa realizado por uma equipe de alunos) - Fac. Higiene de São Paulo - (inédita) - 1969.
- Delimitacion de Áreas Urbanas - Inst. de Planejamiento Urbano y Regional de la Faculdade Arquitetura y Urbanismo, Universidad de B. Aires - Estatística - Journal of the Inter American Statistical Institute - V. XXVIII - nº. 104 - Nashington - 1969.
- DERRUAU, Max - Précis de Geographie Humaine, A. Colin - Paris - 1961.
- "Desenvolvimento Global dos Recursos Hídricos das Bacias do Alto Tietê e Cubatão" - Plano Diretor de Obras - DAEE-Serviço do Vale do Tietê - Secretaria dos Serviços de Obras Públicas - vol. I a VIII - São Paulo - 1968.
- "Diagnóstico Final da Sub-Região Leste" - GEOGRAN - vol I e II - 1969.
- FRANÇA, Ary - "A Ilha de São Sebastião" - in Geografia - nº. 10 - Bol. 178 - FFCL - USP - São Paulo - 1954.
- FRANÇA, Ary - "A Marcha do Café e Frentes Pioneiras" - Guia de Excursão nº 3 - CNG - Rio de Janeiro - 1960.
- GEORGE, Pierre - "Parécis de Geographie Urbaine" - PUF de France - Paris - 1961.
- GEORGE, Pierre - "Aire Metropolitaine, Conurbation ou Region Industrielle? le Cas de São Paulo" - in Geografia das Indústrias - Instituto de Geografia - USP - São Paulo - 1969.
- GIMENES, Miguel Benites - "Os Frigoríficos da Grande São Paulo e Arredores (Estudo Geográfico)" - Dissertação de Mestrado Apresentada ao Departamento de Geografia da F.F.L.C.H - USP - (inédita) - 1978.
- GRINBERG, Isaac - História de Mogi das Cruzes - São Paulo - 1961.
- GRINBERG, Isaac - Mogi das Cruzes de Antigamente - Ed. Sarai va - São Paulo - 1964.
- HUGO, Paul - "Demografia Brasileira (ensaio de Demoeconomia Brasileira)" - Ed. Atlas S/A e Ed. da Universidade de São Paulo - 1973.

- JUILLARD, Etienne - "Europa Industrial e Brasil: Dois Tipos de Organização do Espaço" - in Boletim Baiano de Geografia nº 4 - 1961.
- JUILLARD, Etienne - "L' Urbanization des Campagnes en Europe Occidentale" - (extrait de "Estudes Rurales") - 1961.
- LANGENBUCH, Juergen Richard - "Estruturação da Grande São Paulo: Estudo de Geografia Urbana" - IBGE - Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica - Rio de Janeiro - 1971.
- MILLIET, Sérgio - "Roteiro do Café e Outros Ensaio" - Departamento de Cultura S. Paulo - 1939.
- MONSEN JR, Richard P. - "Routes Over the Serra do Mar" - the Evolution of Transportation in the Highlands of Rio de Janeiro and São Paulo - in Revista Geográfica - Instituto Pan. Americano de Geografia e História) - nº 58, Tomo XXXII - Rio de Janeiro - 1963.
- MONTEIRO, Carlos Augusto - "A Dinamica Cilmática e as Chuvas no Estado de São Paulo - Instituto de Geografia - USP - São Paulo - 1973.
- MULLER, Nice Lecoc - "O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba-São Paulo" - Biblioteca Geográfica Brasileira - série A - publicação nº 23 - Fundação IBGE - Divisão Cultural - Rio de Janeiro - 1969.
- PETRONE, Pasquale - "Os Aldeamentos Paulistas e sua Função na Valorização da Região Paulistana" - Estudos de Geografia Histórica - (inédito) - 1964.
- PETRONE, Pasquale - "Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo" - in "São Paulo - Terra e Povo" - Ed. Globo - Porto Alegre - 1967 - p. 47 a 66.
- PETRONE, Pasquale - "Na Baixada Santista: a Porta e o Porto do Planalto" - in Geografia Urbana nº 1 - Instituto de Geografia - USP - São Paulo - 1969.
- PMDI - GSP - Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado - Grande São Paulo - GEGRAN - 1969.
- "Plano Preliminar de Desenvolvimento Integrado da Região Leste da Grande São Paulo - GEGRAN - 1969.
- RANGEL, Ignácio Mourão - "Questão Agraria e Agricultura" - (inédito) - 1978.
- REIS FILHO, Nestor Goulart dos - Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil (1500-1720) - Biblioteca Pioneira de Arte Arquitetura e Urbanismo - EDUSB - S. Paulo - 1968.

- RODRIGUES, João Antonio - "O Façonismo da Indústria Têxtil de Americana" (Tese Apresentada ao Dep. de Geografia da F.F.L.C.H da USP - (inédita) - 1971.
- TÍRICO, José Domingos- "A Região do Alto Curso Superior do Tietê" - in Revista Brasileira de Geografia - ano.... XXII - nº 4 - Rio de Janeiro - 1960.
- TRICART, Jean - "Contribuição ao Estudo das Estruturas Urbanas" - Bol. Geográfico - CNG - nº 135 - ano XIV - Rio de Janeiro - 1956.
- ZALVAR, Augusto Emílio - "Peregrinação pela Província de São Paulo" - (1860-61) - Livraria Itatiaia Editora de EDUSP - Col. Reconquista do Brasil - vol. 23 - São Paulo - 1975.

DOCUMENTOS, PERIÓDICOS, FONTES ESTATÍSTICAS

- CAMARGO, José Francisco de - "Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Economicos" - Bol. da F.F.C.L - Economia e Política e História das Doutrinas Economicas - nº 153 - vol. II - São Paulo-1953
- Censos Demográficos do IBGE - 1940 - 1950 - 1960 - 1970.
- Censos Agrícolas-IBGE-1940-1950-1960-1970.
- Boletim Estatístico - DIPOA - GEIPOA - São Paulo-1975 e 1976
- EGAS, Eugenio - "Os Municípios Paulistas" - vol. II - São Paulo - 1925.
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - vol. XXX - IBGE - Rio de Janeiro - 1957.
- Estatística Agrícola e Zootécnica - Secretaria da Agricultura Comércio de Obras Públicas do Estado de São Paulo - 1905.
- "Folha de Salesópolis" - Ano II - nº 18 - 1953.
- "Folha de Salesópolis" - Ano I - nº 1 - 1952
- FORJAZ, Djalma - Divisão Judiciária e Administrativa do Estado - Dep. Estadual de Estatística - Tipografia Brasil - São Paulo - 1945.
- FREITAS, Affonso A. de - "Geografia do Estado de São Paulo" -Escolas Profissionais Salesianas - São Paulo - 1906.

RODRIGUES, João Antonio - "O Façonismo da Indústria Têxtil de Americana" (Tese Apresentada ao Dep. de Geografia da F.F.L.C.H da USP - (inédita) - 1971.

TÍRICO, José Domingos - "A Região do Alto Curso Superior do Tietê" - in Revista Brasileira de Geografia - ano.... XXII - nº 4 - Rio de Janeiro - 1960.

TRICART, Jean - "Contribuição ao Estudo das Estruturas Urbanas" - Bol. Geográfico - CNG - nº 135 - ano XIV - Rio de Janeiro - 1956.

ZALVAR, Augusto Emílio - "Peregrinação pela Província de São Paulo" - (1860-61) - Livraria Itatiaia Editora de EDUSP - Col. Reconquista do Brasil - vol. 23 - São Paulo - 1975.

DOCUMENTOS, PERIÓDICOS, FONTES ESTATÍSTICAS

CAMARGO, José Francisco de - "Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Economicos" - Bol. da F.F.C.L - Economia e Política e História das Doutrinas Economicas - nº 153 - vol. II - São Paulo-1953

Censos Demográficos do IBGE - 1940 - 1950 - 1960 - 1970.

Censos Agrícolas-IBGE-1940-1950-1960-1970.

Boletim Estatístico - DIPOA - GEIPOA - São Paulo-1975 e 1976

EGAS, Eugenio - "Os Municípios Paulistas" - vol. II - São Paulo - 1925.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros - vol. XXX - IBGE - Rio de Janeiro - 1957.

Estatística Agrícola e Zootécnica - Secretaria da Agricultura Comércio de Obras Públicas do Estado de São Paulo - 1905.

"Folha de Salesópolis" - Ano II - nº 18 - 1953.

"Folha de Salesópolis" - Ano I - nº 1 - 1952

FORJAZ, Djalma - Divisão Judiciária e Administrativa do Estado - Dep. Estadual de Estatística - Tipografia Brasil - São Paulo - 1945.

FREITAS, Affonso A. de - "Geografia do Estado de São Paulo" - Escolas Profissionais Salesianas - São Paulo - 1906.

"Salesópolis - Ano I - nº 5 - 1949
 "O Salesópolis - Ano I - nº 10 - 1949
 "O Salesópolis - Ano II- nº 13 - fev. de 1950
 "O Salesópolis - Ano II- nº 15 - 1950
 "O Salesópolis - Ano III - nº 27 - 1951
 "O Salesópolis - Ano III - nº 31 - ag. de 1951
 "O Salesópolis - Ano IV - nº 37 - 1952
 "O Salesópolis - Ano IV - nº 40 - 1952
 "O Salesópolis - Ano IV - nº 43 - 1952
 "O Salesópolis - Ano V - nº 49 - 1953
 "O Salesópolis - Ano V - nº 52 - maio de 1953
 "O Salesópolis - Ano V - nº 55 - 1953
 "O Salesópolis - Ano VI - nº 69 - out. 1954

"Salesópolis - 77" - Secretaria dos Negócios Metropolitanos-
 -Programa de Atendimento aos Municípios - 1977.

SECKLER, Jorge - "Almanack Administrativo, Comercial, Industrial da Província de São Paulo para o ano de 1886.

SESMARIAS - vol. II - Publicação Oficial do Arquivo do Estado de São Paulo - Tipographia Piratininga - São Paulo -1921.

Sinópses Estatísticas dos Municípios - Município de Salesópolis - IBGE - 1945, 1952 e 1953.

Sinópsse Preliminar do Censo Agropecuário - IBGE - 1975.

Sinópsse do Recenseamento de 31 de Dezembro de 1900 - Diretoria Geral de Estatística - Rio de Janeiro - 1905.

THORMAN, Canuto - "Almanack do Estado de São Paulo - Ed. Companhia Industrial de São Paulo - São Paulo - 1896.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.fflch.usp.br/>.